



9

ALABAMA



1867

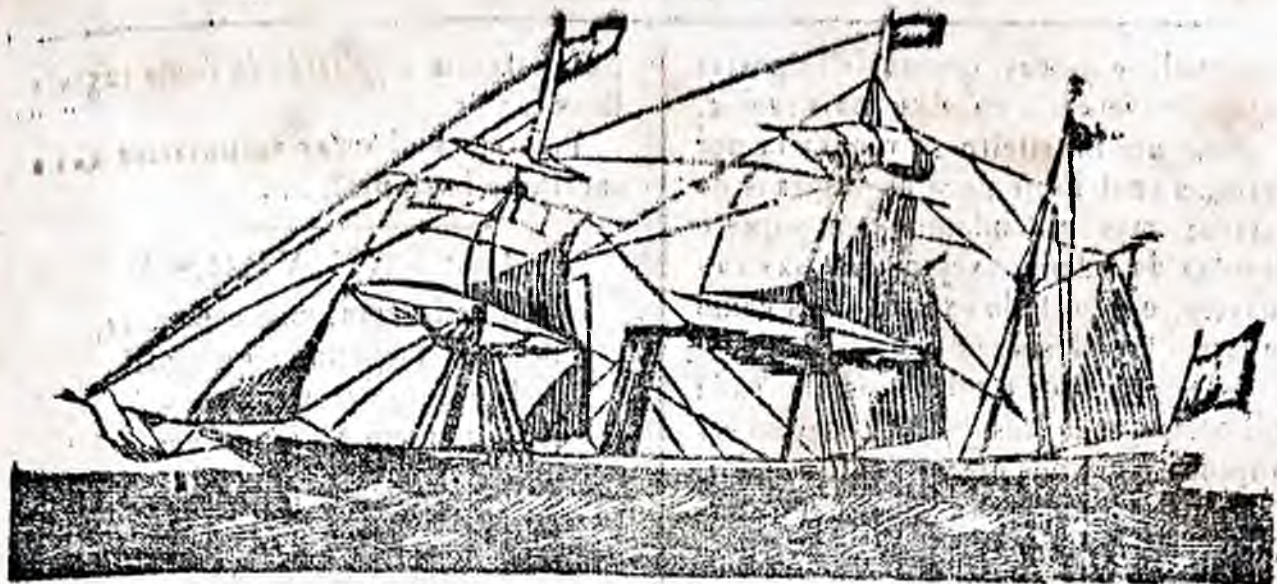
A

2868



I	8
6	20

L. G. H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

4 DE FEVEREIRO DE 1868.

SERIE 32.—N. 318.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 4.º andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 31 de janeiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. commandante do batalhão 111, para que informe si é exacto, que á sua ordem se acha preso no quartel da Palma, desde o dia 14, José Honorio dos Santos, que ha pouco voltou do Sul com baixa do exercito, e a ser assim em que se funda para commetter tal excesso.

- Que lastima!
- O que é isso homem?
- Pois o governo, que gasta á mãos largas com seus afillhados, está no caso de usurpar migalhas de pobres operarios?
- Não, não.
- Entretanto o governo, que tira o pão ao operario, despedindo-o de seus arsenaes, obriga aos guardas do 2.º batalhão a destacarem no Engenho da Conceição de graça!
- Isso é uma calamidade. Em lugar

distante, longe de suas familias, como passarão elles sem meios de se subsistirem?

— Viverão da graça de Deus, porque é necessario tirar delles assim de inculcar uma mentida economia.

- Aqui está um interessante artigo.
- Sobre?
- Os impostos.
- Que folha é essa?
- A *Opinião Liberal*.
- Mande transcrever.

«O paiz vae supportar os mais pesados impostos de que se tem noticia.

Sobre os hombros do contribuinte, já alquebrados sob o peso dos antigos e excessivos impostos, accumulam nova e insupportavel carga.

Neste paiz, é ponto averiguado, quem não come na mesa do orçamento consome a existencia a encher cestos d'agua.

E' por isto que o funcionalismo entre nós não é mania, senão necessidade vital.

Entre as causas, todas officiaes, conducentes á pobreza progressiva do cidadão brasileiro, como sejam a guarda

nacional, e outras, o peso de impostos injustificaveis é uma das mais serias.

Nem um brasileiro se recusaria por certo, a contribuir para as despesas do estado; mas entendamos bem o que é despesa do estado; vejamos se são razoaveis, e sobretudo examinemos como se fazem taes despesas.

Os orçamentos e relatorios de cada ministerio, onde taes despesas devem ser lançadas, nada nos dizem a tal respeito, que não seja um escandalo, um attentado, um *esbanjamento!*

Abri qualquer relatorio, e abi vereis, sob verbas inexplicaveis, inscriptas sommas fabulosas. Vereis, por exemplo, no relatorio da marinha a verba —despesas *eventuaes e extraordinarias*. . . . 600:000\$ rs. — e outras eguaes proposições que nada explicam, e antes vos augmentam as trevas.

.....

O brasileiro só tem o *direito* de saber quanto paga de impos'os: examinar e como são elles gastos, e saber si são ou não excessivos, é direito do que está inteiramente despojado.

E, releve-se-nos a comparação, uma especie de preto de ganho, que só conhece a obrigação de pagar o *quantum* diario em que está tributado pelo senhor.

Entretanto, o suor do povo é por ahi roubado escandalosamente! E afinal o povo soffrerá dobrados impostos, uns destinados á satisfação dessas despesas fabulosas que elle não conhece, outros a cobrir as lacunas abertas pela fraude!

Os millionarios improvisados pela guerra, os que desse flagello tem auferido avultadissimos lucros, os que da guerra fizeram instrumento de perseguições partidarias, e nella buscam sua existencia e posições politicas, estes por certo não contribuem, e antes são os consumidores mais felizes das rendas do estado!

E os que improvisaram a guerra! Os Zacharias, os Saraivas, e quem lhes inspirou tamanha calamidade, quanto pagarão de impostos? . . .

Nada! Estes não pagam, antes são pagos, e com descõmmunal excesso,

para fazerem a *felicidade* deste ingrato Brasil.

Pois ver embarcar voluntarios não é sacrificio bastantão?! . . .

LA VAE VERSO.

— D'onde vem, meu aspirante,
De suor largando os pingos?

— Fui apreciar um pouco
A lavago' em S. Domingos.

— Olélél! cheguei p'ra perto!!
Já que V. assistiu,
Passe a fazer o detalhe
Das cousas que por lá viu.

— Sim Sr., p'ra isso mesmo,
E' que eu fui observar;
Portanto, tudo que eu vi
Passo já a lhe contar.

Quando cheguei no Terreiro,
Vi de creoulas um lote,
Formadas a dous de fundo,
Cada uma com seu pote.

Alem, estava outra turma
Trazendo todas na mão
Uma bem grossa vassoura,
Distinctivo da funcção.

Batteu o bumba; signal
P'ra começar a patusca;
Lá vae a passaralhada
Toda, de agoa em busca.

Nessas funcções de lavagem,
Lhe affirmo de coração,
Que todas vão por baderna,
Nenhuma por devoção.

P'ra que tanto reboliço,
Tanta saia arregaçada? . . .
Si isso é devoção,
Tal devoção é massada.

Releve esta sinalepha
Que aqui na palestra fiz:
Vou acompanhar a turba
Caminho do chafariz.

Guilhermina é a primeira;
O Vital segue de perto,
Contando amargos queixumes
Do sapateiro Roberto.

Com um pote de cruzado
Em seguida vae Germana,
Com Maria dos Prazeres,
Bonifacia e Hermana.

A propria Helena, que eu
Nos campos andar julguei,
De panella de caboc'lo
Na sucia presenciiei.

Vae tambem a Ierotildes
De lá de Maragogipe,
Que tinha vindo p'ra festa
Do Bomfim de Itapagipe.

Um moço cuja *fortuna*,
Nata ser, já vi contar,
Encasquetou-se que agoa
N'um cesto havia ir buscar.

Tambem Sr. Zé Monturo,
Moderno salsa-parrilha,
Com uma mochila ás costas
Vae no meio da tropilha.

Um Dr. aqui da *America*
Que tem dons *gomos* na perna
Cocorando uma creoula
Toma parte na baderna.

Até o nosso Aza Preta
Largou-se do armazem,
E vem todo esbaforido
Para o pagode tambem.

Certo padrego *sabido*,
Deixou em casa a setaina,
E veio para o pagode
Com a Maria Joanna.

Faltou Maria das Vellas,
Henriqueta Carmezim;
Mandaram parte que estavam
Entretidas no Bomfim.

Para não ser conhecido
Encostado ao arvoredó,
Vae um *siri* prebendado
Mas sem o anel no dedo.

Traz Rosa um *bolo fofo*
Cuja qualidade exalta,
Dividi lo em pedacinhos
Para regalar a malta.

No meio desta folia,
Vae *Alzira*, que arqueja
De cançada, carregando
Seis garrafas de *cerveja*.

O *Santos das Amoreiras*
Vae levando um barrilzinho,
Metade delle é agoa,
A outra metade vinho.

O poeta, que os jantares
Dos outros é seu regalo,

Traz uma resma de bandos,
Que fez para S. Gonçalo.

Atraz delle vem Suzana,
Rogociana, Anastacia,
Martiniana, Joaquina,
Felismina e Nicacia.

Martins, *so ares* tomando,
Appareceu na folia,
E a *morada bovina*
Ficou, creio, á revelia.

O rapaz Bastos Pereira,
Deixa a qualificação,
E vae todo atarantado
Direito para a funcção.

Lá da banda dos *penhascos*,
Em um cavallo sem *freio*,
Veio um, que si não m'engano
Medico dos bois já foi, creio.

Não sei Joaquim Malcreado
O que foi alli fazer! . . .
Dizendo mil *pachochadas*,
Vae causando desprazer.

Ricarda, Xica e Candida,
Que são de Maragogipe,
Fazem coro com Joaquina
Moradora em S. Philippe.

Antes dessas que fallei,
Saiba antes que me esqueça,
Vae *Maria* carregando
Um *caboré* na cabeça.

Um *abutre* coroadó,
Das pombas que tem comido,
Vae no meio da orgia
Fingindo-se arrependido.

Em parallelo com elle
Vae um outro *todo lindo*,
Tomando seu regabofe
Para as creoulas sorrindo,

Nessa sucia tambem vae
Um Dr. que *surdo* é:
Para *conquistas*, na frente
Não ha quem lhe ponha o pé.

Ja me ia esquecendo
De uma perninha certa,
La das bandas de S. Pedro,
A tal Maria Roberta.

Um tal *Baptista*, oriundo
La das bandas do *Leão*,

No meia das raparigas
Faz papel de folião.
Tovo systema esquisito
Bemvinda do S. Miguel
Em vez de comprar vassoura,
Leva uma de aluguel.

Um machacaz de tamameos
Sem saber pisar no chão,
Vae junto com o João,
Petiscando um bolaxão.

Um athleta, que o corpo
Parece com rocha dura,
Vae no meio do deboche,
Bem que de idade madura,

Depois vem Maria Ganga,
Felicidade e Simplicia,
Josepha de S. Miguel,
Alexandrina e Felicia,

Maxima, Emerencianna,
Benedicta, Henriqueta
Pulcheria, Ceciliana
E Maria Malagueta,

A Cobra viva tambem,
P'ra brincadeira arribou,
E aquelle seu patricio,
Deitado em casa ficou.

Voltando do chafariz
Entrou a turba no templo
Pulando e dando vivas! . . .
Que religioso exemplo!

Da tropa fechando o bando
Vae Maria Leopoldina,
O Caetano, o Calixto,
A creoula Bernardina,

Depois de no santo atrio
Darem boa esfregação,
Ondo esquecida a decencia,
So Bacho tem oblação.

Uma chusma de rapazes
Estão alli cocorando,
E cada qual sua chufa,
Ou galhofa vae soltando.

Não julgue porem que a boda
De todo acabada está;
Em casa da velha Ignez
Vão chupar um yalapa.

Ahi é que foi o brodio . . .
Cada qual sua gollada.

Chupava do vez em quando
P'ra não ficar entallada.

Eis pois em que se cifrou
Toda essa bachanal,
Que em vez de devoção,
E' um deleite carnal.

A PEQUENO.

— Os ordenanças dos subdelegados
ja são cousa no quadro!

— Ora si!

— Disseram-me que o do districto
dos Mares, recrutou um rapaz de no-
mo João por ter este a infelicidade de
ser desafeiçoado do africano Benja-
mim, o qual costuma regalar o referido
cujo com bellos *piguás*.

— E vale a pena.

Ter petisqueiras de graça por um di-
minuto serviço.

ANNUNCIOS.

GRANDE COSMORAMA.

DISTRACÇÃO DO BOMFIM.

AO LADO DA CAPELLA, NA LINHA DAS FEIRAS.

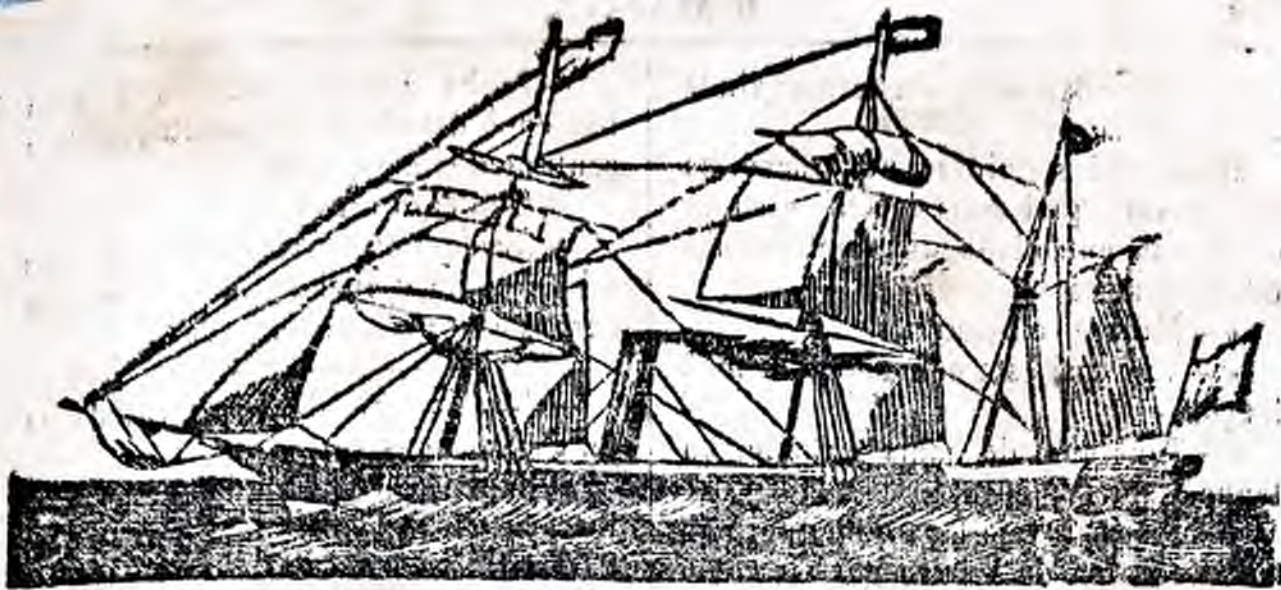
O proprietario do **Cosmorama do Bomfim** tem a honra de convidar a concurrencia de toda esta capital para o seu **estabelecimento de recreio**, recommendando-o a todos em geral, que alli encontrarão o melhor divertimento, attentos os grandes esforços que tem feito para leval-o ao ultimo ponto de accio e commodidade.

Pelo diminuto preço de 500 rs. tem-se o direito de visitar o **Cosmorama**, ao som de um lindo e harmonioso reallejo, em que se toca excellentes peças de musica, e contemplando-se dez interessantes vistas da Europa, alem de receber um presente designado pela sorte.

Espera-se a coadjuvação do publico desta cidade a um estabelecimento, que se torna digno de sua protecção.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n.º 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n. 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

Bahia—ANNO VI.

5 DE FEVEREIRO DE 1868.

SERIE 32.—N. 319.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Irapuana, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 números, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando for folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de fevereiro de 1868.

Officio a Illma. camara municipal, dizendo-lhe que pelos cofres dessa municipalidade deve ser pago um estribeiro para segurar no cavallo do fiscal geral, quando o mesmo (fiscal) vae em correção, afim de evitar que os guardas, cujo mister é coadjuvar as diligencias e servirem de testemunhas, não andem de cabestro na mão a puxar o cavallo do fiscal.

Neste sentido, espera-se que se sirva de providenciar.

Portaria ao fiscal do Santa Anna, ordenando-lhe que nos domingos e dias Santos de um passeio ás margens do dique, onde pode fazer uma boa colheita na sueria de moleques e capadócios, que vão allí tomar banho nús, sem consideração as immensas familias, que em taes dias abundam por aquellas paragens. Cumpra.

— Grande é o desaforo dessas mulheres nas egrejas!

— E' verdade; vão para á Casa de Deus como cadellas damninhas commetter quanto desacato ha.

— Por esses candomblés, onde ellas andam constantemente, não são capazes de praticar a vigesima parte da irreverencia, que commettem no templo do Senhor!

— Levadas allí pelo espirito de luxa, nenhuma vae com o coração em Deus: esta quer mostrar o lenço de grades e hinezas, aquella o panno da costa de fio de seda, a outra a camisa de cambraia teida, uma a saia de fustão de 1\$600 ao covado, mais outra a anagua bordada por 50\$ rs no convento, e todas procuram os primeiros logares, onde possam ser bem vistas e dahi a origem dos desacatos e profanações.

— Ainda no domingo em S. Domingos, presencié scenas bem improprias de tão santo logar.

Uma dizia a outra que queria tomar-lhe a frente:

«Porque não veio mais cedo?»

«Estivo até agora com meu dono da

casa, respondeu esta; em termos ainda mais explicitos.

E por abi seguiu-se um trocadilho de phrases, qual mais decente o edificante. De outro lado dirigiam-se duas desta maneira:

« — Mulher se assumpto!

« — V. é que está com inveja de meu lenço.

« — Toucinho de mais cabello eu tenho visto.

« — Si tem inveja faça o mesmo; não tenho a culpa de V. não ganhar como eu.»

E assim foram por diante.

E outras muitas entretinham tiroteios semelhantes, enquanto mais adiante tres beatas de capona affectando procedimento mais regular, murmuravam hypocritamente dos desmandos da catterva de saia e torço e cochichavam em segredo, que só não ouvia quem não queria, que a filha do Sr. F., morador ao Pottão, estava para sabir de casa com um moço de bordo; que a enteada de sinhá Guilhermina com cinco mezes de barriga, estava com a capa de honesta; e que o Sr. Lopes, homem casado, entrava toda a noite á meia noite.

— E quando sahem dalli dizem p= a pa santa Justa a roupa com que todas foram vestidas; o ouro que Fulana levou de quem era emprestado, e que Sicerana não foi com vergonha de ir sem o rosario que esta empenhado ao Seraphim ou ao Narciso, etc., etc.

— Em summa, só eu com um possante azorrague, fazia aquellas almas de xixarro tomarem geito e guardarem mais veneração á casa do Filho da Immaculada.

— Vi um acto do commandante das armas que muito me agradou.

— Qual foi?

— No vapor que largou segunda feira de Santo Amaro, apresentou-se um mendigo pedindo de joelhos ao capitão que lhe desse uma passagem para a capital. Não foi attendido.

S Ex. não presenciou o facto, mas sendo informado, mandou buscar o pobre e pagou por elle a passagem.

— Tenho ouvido fallar que esse homem é dotado de alma compassiva e sentimentos generosos.

— Este caso prova.

— Accões como esta distinguem mais o homem na sociedade do que os altos cargos e as posições elevadas.

— José Izidorio da Silva, casado, já foi ao Sul duas vezes.

— Conheço. Por signal que mora na Estrada Nova, nos dominios do Sr. Parassú.

— Com Vm. é que eu converso.

— E agora?

— Foi de novo recrutado.

— Isso já cheira a perseguição.

— No dia 29 foi á presença da policia e abi deu-se uma scena que commovia as pedras Sua chara esposa, apresentou-se e lançando-se nos seus braços em soluços entrecortados pedia que o soltassem.

— Já sei que foi attendida.

— Quem disse? Si os medicos não o derem por incapaz, á vista de uma perna inutilisada que tem, irá outra vez ao Rio, causando mais essa despesa ao Estado, porque elle não serve.

— Como si fazem estas cousas, Santo Deus!

— E' a decantada moderação no recrutamento.

LA VAE VERSO.

O QUE QUER DIZER—PROGRESSO?

— Quer dizer só traficancia.

— Quer dizer só bandalheira,
Praticadas de continuo
Por vil sucia patoleira.

— Quer dizer o despotismo
De braço altivo buscando
Nossas leis rojar por terra,
Ao captiveiro as levando.

Qual uma ave de rapina,
Que só busca estrangular;
O progresso, os horisontes
Do Brazil busca toldar.

Que quer dizer o — progresso
Que caminha regressando?
Ostentando estupidez,
Vae a virtude manchando.

.....
 Que quor dizer uma sueia,
 Composta só de tratantes
 Se intitulado progresso?
 Composta de traficantes.

— Indica só com os brios
 Da nação não se importar;
 Porque seus grandes desejos
 O Brazil é desgraçar.

Ah! pandilha miseravell
 Lá um dia has de pagar,
 Trapaçarias, que fazes
 Ha de bem caro custar.

.....
 Porem sigamos avanto
 Quo este dia de gloria
 Não muito pode tardar
 Em que brademos victoria!

(Extr.)

A SITUAÇÃO.

«Notas com curso forçado,
 Papelorio sem valor.
 O commercio em estupor,
 O imperio ameaçado,
 Nosso credito abalado,
 Bem falseada a eleição,
 A lei morta sem acção,
 O thezouro empobrecido,
 O governo corrompido,
 Empregando a corrupção;
 O emprego desejado
 Como meio d'existencia,
 A lavoura em decadencia,
 O artista atropelado,
 O Brasil ludibriado
 Pelo francez ou bretão,
 A extorcer-se na pressão
 Do estrangeiro que explora,
 — Eis o que se vê agora
 N'actual situação.»

(Liberal.)

A PEDIDO.

— Diz então V?
 — Que foi depois da publicação no
 Alabama.
 — Em que logar?
 — Do lado de Itapagipo,
 — Quantos dias?

— Tres.

— E foi solta.....

— Pela intervenção de um parente.

— Isso é inacreditavel.

— Mas infelizmente é real.

— Famelica sêde de ouro até onde
 levas o homem!

— Até o auge de filhos desnaturados
 trancarem sua mãe em um quarto dias
 o *dias*, incommunicavel para obter
 della concessões com que possam saciar
 sua avida cubiça.

— Si o *Andrade* fosse vivo cubria o
 rosto de vergonha.

— Eutão, meu babaquara, passou
 sempre a sua folha?

— Ao que se refere?

— Ao rapto.

— Ah!.....

— O Sr. é *Rei* para empresas destas.

— Fiz uma esmolla.

— Ora!

— Si havia daqui a mais um anno
 ou dous, andar quebrando a cabeça,
 fiz-lhe eu a *charidade* dando-lhe mo-
 bilia, casa por ora etc.

— Deve de joelhos pedir a Deus mil
 bençãos para o Sr. por tão *assignalado*
beneficio que lhe fez.

— Em todos os actos meus transluz
 sempre uma ideia de bem-fazer.

— Eu lhe creio.....

— O que lhe affianço é que a fructa
 está verdinha.

— Tem...?

— Treze annos incompletos.

— Não tem duvida; o Sr. apesar de
 velho, é o *Rei* das aventuras.

— Nestas conquistas não ha moço
 que me leve de vencida.

— Seu nome deve ser esculpido em
 louça.

— Obrigado.

— E sua mascara *photographada*.

— A *photographia*? havemos de con-
 versar sobre ella.

(Continua.)

— Capitão, novidade.

— Hoje não estou para massadas.

— E' cousa breve. Um caso aconte-

cido na estrada da Valla com uma horta, onde se tira barro.

—Abrevie-se.

Estando no dia 1.º algumas pessoas pacificamente sentadas a conversar em uma porta das habitações que ha na dita horta, appareceu o recrutador com sua escolta, tomou as embocaduras e prendeu a todos.

—Sem mais, nem mais?

—Perguntado o motivo da prisão, respondeu que tinha denuncia de que se jogava alli.

—Diga-me isso.

—Porem na rua não se joga, e elle encontrou todos da parte de fora.

—Denuncia falsa, talvez.

—E' verdade; de um miseravel conhecido por *Sebolinha*.

—Quem é elle?

—Um ratoneiro que foi socio do Chico Carteira, e que uma vez na estrada de ferro, foi-lhe tirada do seio a carteira do coronel S. que havia roubado com um cento de reis.

—Não estou ao facto.

—E' porque V. Ex. não se recorda.

E' um talul de cara embaçada, chocho como uma corda de ré do violão, usa de paletot de bouça.

—Não posso me lembrar quem seja.

Mas o que quer que lhe faça?

—Que mande o muxingueiro dar-lhe uma fomentação de casca de boi.

—Para que? basta a acção infame que praticou. V. não sabe que ama-se a traição e aborrece-se o traidor.

—E' quem leva direito esta vida.

—Quom?

—V., reverendissimo salabardote.

—Eu?...

—Que duvida! Não é debalde que V. anda *todo lindo*.

—Meu estado não permite.

—Não venha com hypocrisias! Pois eu não sei que la pela *Aula Modelo V.* é um grande! Até substitue o *maioral* nas aventuras nocturnas.

—Creia que está enganado.

—O Celestino, seu *companheiro de vigílias*, que o diga.

—Ha muito que só o vejo aos do-

mingos, quando vou a casa da *malta*.

—Cousa extrantio!

O rapaz sabe dahi todas as manhas e V. diz que não o vê!

—E' que quando elle entra, tranca-se no quarto e vae *praticar* os seus estudos sem que eu o veja.

—So si é isso.

—Ora essa!

—O que houve?

—A senhora do Sr. José Antonio Bispo comprou na terça feira duas libras de carne de porco, lavou-a, deixou agoa dentro da vasilha e veio um cachorrinho que tem o Sr. Bispo e bebeu. Momentos depois o cachorrinho lançava desesperadamente. A senhora do Sr. Bispo, espantada de semelhante cousa, examinou a carne com uma colher de prata e a colher empreteceu de repente.

—Mas isto é uma cousa inexplicavel.

—Pois explico muito bem.

—Como?

—Supponha-se que o dono do porco é inimigo do visinho, este querendo tirar uma vingança com elle, envenenou o animal e elle não querendo perder mandou retalhar a carne e vendel-a. Supponha-se ainda que o porco comesse alguma herva venenosa e morresse; mas o dono, como ignorasse a causa da morte do animal, mandasse reduzir a carne a cobres.

—Mas si o porco tivesse morrido envenenado a carne deveria decompor-se logo, o quem a visse assim não comprava.

—Porem o que foi que fez o cão lançar agoa?

—Provavelmente lavaram dentro do algum vaso de cobre.

—Não sei. A noticia vae por conta do Sr. Bispo, que deu-a em presença de diversas pessoas.

—Pois va la.

Acha-se em poder do Exm. Sr. presidente da provincia os documentos que abaixo transcrevemos; e é de esperar que o Exm. Sr. presidente da provincia, zeloso como é no cumpri-

mento de seus deveres, não deixará de dar cumprimento a lei.

Illm. e Exm. Sr. presidente da provincia.—Diz Manuel Dias Gomes, que havendo apresentado um original do Dr. ex-chefe de policia e os documentos juntos, que provavam ser José Francisco Ribeiro, residente na freguezia de N. S. da Madre de Deus do Boqueirão, subdito portuguez, foi em consequencia disso exonerado o mesmo portuguez do cargo de 2.º supplente de subdelegado d'aquella freguezia, e como sob o falso pretexto de ser brasileiro pôde elle obter ob e subrepticamente o posto de capitão da guarda nacional do termo de S. Francisco, vêm rogar a V. Ex. se sirva mandar cassar a patente ao dito estrangeiro, que não pode exercer tão honroso posto na guarda nacional do paiz.

Pede a V. Ex. que seja servido assim deferir.—E. R. M.—*Manuel Dias Gomes.*

Publica fórma.—Petição.—Illm. e Exm. Sr. Dr. chefe de policia.—Manuel Dias Gomes, tendo requerido à V. Ex. com documento, provando ser José Francisco Ribeiro, subdito portuguez, vem requerer a V. Ex. se sirva mandar passar por certidão a data do passa-porto, e por quem assignado, assim como do visto do Dr. chefe de policia do tempo em que aportou a esta cidade o portuguez José Francisco Ribeiro, assim o dia, mez e anno em que por acto da presidencia foi o dito portuguez demittido do cargo de 2.º supplente da subdelegacia da freguezia de N. S. da Madre de Deus do Boqueirão, pelo que pede a V. Ex. assim lhe defira.—E. R. M.—Bahia 27 de novembro de 1867.

Despacho.

Passe do que constar. Bahia e repartição da policia 29 de novembro de 1867.—*Aragão e Mello.*

Certifico que no archivo desta secretaria existe um requerimento do supplicante Manuel Dias Gomes, ao qual se acha unido um passaporte dilacera-

do em diversos logares pertencentes a José Francisco Ribeiro, solteiro, natural de S. João da Madeira, subdito portuguez, passado pelo governo civil da cidade do Porto do reino de Portugal, deixando-se ver ser datado do mez de outubro de 1842, o assignado pelo conde de Terena José, com visto — bom — do consulado do Brasil na dita cidade do Porto do 23 de outubro do dito anno de 1842, cujo passaporte foi visado tambem na secretaria da policia desta provincia da Bahia, no dia 4 de janeiro de 1843, assignado pelo chefe de policia desembargador João Joaquim da Silva.—Certifico mais que foi exonerado do cargo de 2.º supplente de subdelegado da freguezia de N. S. da Madre de Deus do Boqueirão do termo de Villa de S. Francisco, o supplicado José Francisco Ribeiro por acto governo da provincia de 21 de novembro do corrente anno. E para constar onde convier, esta se passou na secretaria da policia da Bahia aos 21 de novembro de 1867, e eu João Pedro da Cunha Valle a escrevi. Fiz escrever e assignei. Pagou 2\$ reis.—Teixeira Filho—Figueiredo—Sollo n.º 1, 400. Pagou 400 reis. Bahia 30 de novembro de 1867.—Britto—Galeão—Era o que constava do referido documento, que fiz passar em publica forma e vas por mim subscripto, conferida e concertada com outro companheiro, depois do que entreguei o original ao apresentante, o qual de como recebeu abaixo assignou, na Bahia, aos 30 de novembro de 1867. E eu Manuel Jorge Ferreira, tabellião que o subscrevi.

(Estava o reconhecimento publico.)

Illm. Sr. Dr. chefe de policia.—Manuel Dias Gomes, tendo requerido a V. Ex. com documentos, provando ser José Francisco Ribeiro subdito portuguez, vem requerer a V. Ex. que lhe mande passar por certidão o theor do nós abaixo assignados que se acha unido a referida petição; pelo que

P. a V. Ex. deferimento.—E. R. M.

Despacho.

Passe. Bahia e repartição da policia

5 de dezembro de 1867. — *Franklin Dorea.*

Certifico que no archivo desta secretaria existe o requerimento do supplicante Manuel Dias Gomes, ao qual se acha unido o documento de que faz menção a petição retro, cujo teor é o seguinte:

Nós abaixo assignados attestamos e juramos em juizo, si necessario for, em como José Francisco Ribeiro é subdito portuguez, por ter vindo de Portugal para esta provincia com passaporto do governo civil do Porto em o anno de 1842, apresentado ao chefe de policia Dez. João Joaquim da Silva, que o visou, cujo documento que foi apresentado na policia por Manuel Dias Gomes é ao mesmo pertencente e não ao p^{re} do dito José Francisco Ribeiro, que embora tivesse o mesmo nome, todavia veio para o Brazil em 1829. — Freguezia de Nossa Senhora da Madre de Deus do Boqueirão, 30 de novembro de 1867 — João José de Menezes Dorea tenente coronel Pedro Paulo Grave de Menezes subdelegado. Manuel Gomes da Costa Vinhaes. Virgilio Antonio de Sant'Anna. Francisco Marques da Silva Pindahiba. João Chrisestomo da Silva. Tiburtino Aquino Grave de Menezes. o vigario Fernando dos Santos Pereira. Augusto José de Menezes Dorea. Cyrillo Antonio de Sant'Anna. Manuel Marques da Silva. Joaquim José Travassos.

Reconheço as firmas supra. Em testemunho da verdade, João Antonio Rodrigues da Costa.

E para constar passei a presente na secretaria da policia da Bahia aos 7 de dezembro de 1867, e eu João Pedro da Cunha Vallo a escrevi. Fiz escrever e assignei Feliciano José Texeira.

VARIEDADES.

INNOCENCIA DE UM CAIXEIRO.

Um ricasso conhecido, depois de ter passado algum tempo n'uma sua propriedade rural, escreveu ao caixeiro para que lhe fizesse o inventario das alimarias que possuia.

Entre outras cousas escreveu o caixeiro nos apontamentos que mandou ao patrão o seguinte periodo:

«Quanto aos jumentos haviam quatro mas depois que V. S. daqui sahio ficaram so tres»

NOTICIAS

Asiaticas e africanas, tão fidedignas como muitas das com que as mais bem conceituadas folhas politicas no velho e novo mundo as vezes regalam seus curiosos e credulos leitores de ambos os sexos.

A verdade parece-se as vezes com a mentira.

(O fidedignissimo relator.)

(Continuação.)

DECADENCIA DA MEDICINA NA PERSIA

O actual *Shah* (rei absoluto da Persia), que, como as afamadas folhinhas dos Srs. Eduino et Henrique Lacmmer, ensinam-nos chamar-se *Nasser el Din*, ordenou a rago de seu sagaz *Sadrul-Azem* (grã-vizir, ministro do estado) no fim do mez de julho p. p., que os medicos, ainda que fossem munidos com diplomas da faculdade de medicina de sua leal e heroica cidade de *Ispahan* (*) não mais pudessem cobrar seu honorario, eiaão um mez depois que os doentes ficassem perfectamente restituídos, e nem um unico centil dos herdeiros dos que morressem durante a cura.

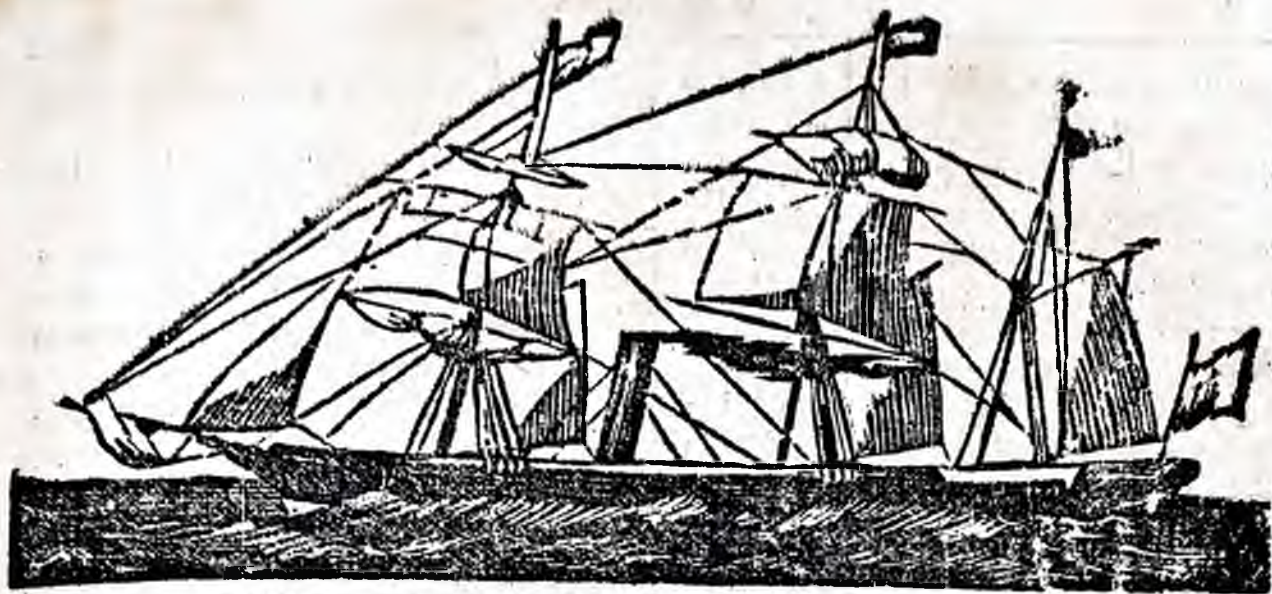
A tristissima consequencia desta endruxada ordenanca, foi, que ninguem mais quiz estudar a medicina, e os medicos vellos largaram immediatamente sua clinica para dedicar-se a occupaões mais lucrativas, e muitos dos philantropicos boticarios suicidaram-se.

Os cottados persas morrem agora segundo as antiquissimas e triviaes leis da natureza e não conforme os sabios preceitos da sempre progredente arte. *Ai d'elles!!! Aid'elles!!!*

ATÉ ONDE CHEGA A AFFECÇÃO DE CERTAS MÃES — Diz um jornal americano que ha mães que, quando tem de dar pancadas nos filhos, fazem-nos primeiro tomar chloroformio.

(*) *Ispahan*, a segunda, porém mais povoada e sumptuosa cidade da Persia, que segundo o insigne Malte Brun antigamente tinha 700,000, mas agora não tem mais de 200,000 habitantes.

Adp. a elle os principaes institucões scientificas da grande e mui atrozada Persia.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

7 DE FEVEREIRO DE 1868.

SERIE 32.—N. 320.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 4.º andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de fevereiro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia.—Propalando-se nesta cidade, que no vapor do terça feira em que veio V. Ex. de Santo Amaro, viera recrutado o filho de Antonio Bertrand Geraque, negociante daquela cidade, o qual recruta foi visto pelos passageiros até a altura do Bom Jesus e dahi por diante desapareceu, como por encanto, não sendo possível encontrá-lo, apesar da rigorosa busca que dera no vapor o delegado Dr. Jacobina, sendo assim, torna-se de inevitavel necessidade que V. Ex. mande proceder a uma minuciosa inquirição sobre semelhante facto, afim de que se venha a saber que destino teve o mencionado recruta, uma vez que os mal intencionados rosnam por ahí que se pretende *atabafar* o negocio, para que seja elle ignorado do publico.

—No domingo p. p. esta cidade andou entregue as baratas.

—As autoridades fizeram sinalepha.

—Si repentinamente fosse mister a presença de uma dellas, não se encontrava, porque todas andavam no alteio.

—Menos o delegado.

—Este mesmo as 5 horas montou em seu bucephalo e foi *arejar* lá pelo Bomfim.

Quasi todos os subdelegados estiveram fora de seus districtos, pagodeando em Itapagipe ou Santo Amaro.

—Deixaram os ordenanças em seus logares.

—Tambem serve.

As authorities superiores, por seu turno, empinaram-se tambem para a folia de Santo Amaro e o Sr. presidente divertiu-se tanto que la se deixou ficar.

—E' certo que S. Ex. levou uma queda da escada de uma casa, onde foi tomar uma refeição?

—E' cousa que pode ser muito bem; *cambatear* e cair.

—Si houvesse por exemplo, um conflicto, um incendio, quando apparecesse alguma authority, era tarde e as más horas.

—Como houve; um soldado de poli-

cia que variou o sabiu para a rua em *cuecas*, do resfo em punho a acutillar quem se lhe aproximava.

—Soubo disso. Foi um sarceiro tão pequeno que collocou-se tropa pelas esquinas.

—Sim; foi providencia tomada pelo commandante da policia.

—Ora as authoridades queriam tomar seu regabose, se importaram lá que n'um dia em que houve tantas festas na cidade ficasse ella acephala?

—Saboreie este bocadinho.

—Diga lá.

—E' de uma folha da côrte.

«Informam-nos que indo ha dias, antes de retirar-se para Petropolis, o illustre marechal conde d'Eu ao arsenal de guerra, vendo ahi uma porção de caixões á embarcar, perguntara o que continham elles e se lhe respondera que — *revolvers*.

«A curiosidade, talvez, fez que o illustre marechal fizesse abrir um dos caixões para ver os taes *revolvers*, e aberto um encontraram-se, (será crível!) ferros velhos!

«Accrescenta-se ainda que, indignado, como era de crer, partira para as *altas regiões do poder* e relatara o facto.

«Dahi *conviera-se na necessidade* de guardar-se segredo e não se fazer barulho com a historia! . . .»

— E' para essa e outra mamadeiras que acabrunham o povo com impostos vexatorios.

—Ja viu o boletim distribuido na corte na tarde de 23 do p. p. convidando o povo a oppor-se a sabida da princeza imperial?

—Não.

—Eil o aqui no *Diario Fluminense*.

—Leia.

—«Cidadãos! Uma grande nova corre por todos os angulos desta côrte!

«Sua alteza o Sr. conde d'Eu com sua augusta consorte—herdeira presumptiva da corôa deste imperio—retira-se para a Europa, por motivos originados por S. Ex. o Sr. ministro da

guerra e mantidos pelo governo imperial.

«Sua alteza o principe D. Luiz, descendente de nobre linhagem, que o distingue perante o mundo civilisado, e sua alteza imperial a princeza D. Isabel, vão deixar a terra do Cruzeiro, e demandar o mundo europeu!

«Brasileiros! Nós, que vimos entre nós nascer a augusta princeza—nós, que vimol-a depois ligada perante a egreja a um filho de herôes, não devemos abandonal-a, e curvarmo-nos diante dos caprichos do *valido* do rei!

«Lembremo-nos da herocidade, e valor com que este brioso e denodado povo do Rio de Janeiro oppoz-se á vontade poderosa das côrtes de Lisboa—quando um dia foi decretada a sabida do Senhor D. Pedro I do Brasil.

«Foi este mesmo povo que nas grandes crises tem sabido sempre resistir aos caprichos do poder—que nesse tempo oppoz-se formidavelmente á semelhante decreto, que nos vinha privar do principe regente, em quem depositava o povo brasileiro as esperanças de sua emancipação.

«Brasileiros! Agora, não é um decreto do Reino-Unido, mas somente a vontade caprichosa do *poder* que quer nos privar de esperanças mais seguras da legitima emancipação da nação já constituida.

«Cidadãos! O momento é solemno! O povo do Rio de Janeiro, o povo do Brasil inteiro, que não se tem curvado ao estrepido injusto das armas em outras éras, não deverá curvar-se hoje á vontade caprichosa de pusilanimos caricatos de nossa patria, que a tem conduzido até o sacrificio real, que a nação observa com a maior dôr.

«Brasileiros! A luz se encobre por entre um nevoeiro tempestuoso, façamos um esforço,—que romperemos o corpo fragil que a—ennevôa.

«Viva D. Isabel princeza imperial

«Viva o principe consorte.»

OS DIAS DA SEMANA.

A religião christan tem consagrado como dia de festa o domingo; a segua-

da-feira é para a religião grega; a terça para a persa; a quarta para a assyria; a quinta para a egypcia; a sexta para a ottomana; o sabbado para a judaica. Sendo estes os dias do descanso estabelecidos nos differentes povos, segundo a religião que nelles se professa, resulta que o ocioso, para quem o dia de descanso e cada dia da semana, muda todos os dias de religião, e ao preguiçoso bastará mudar de religião todos os dias para justificar a sua preguiça.

A PEDIDO.

POESIA

recitada em 2 do corrente mez de fevereiro, na sessão magna da imperial sociedade — Monte Pio dos Artistas — e offerecida á mesma pelo seu socio honorario Francisco Moniz Barretto.

Cultôr humilde das lettras,
Vem o poeta ancião
Aos seus confrades nas artes
Dar o amplexo de irmão,
E render grata homenagem
Com elles á Personagem
Augusta do excelso Rei,
Pae da brasileira gente,
Protector benéfico
D'esta humanitaria grei.

Salve, Monarcha sublime,
Nosso anjo tutelar,
Tu, que a patria tens sabido
Sempre de males livrar;
Tu, que a espada de guerreiro,
Seu voluntario primeiro,
Foste per ella brandir,
E, novo Cesar chegaste,
Viste, e o inimigo expulsaste,
Que sévo, a ousara invadir!

Salve, tres vezes, piedoso,
Magnanimo Imperador,
Que, ingratidões perdoando,
Por nós te abrasas de amor!
Recebe, Principe immenso,
O escasso, mas puro incenso,
Que ao teu grande coração
Sagra esta sociedade
No thurib'lo da lealdade,
Nas azas da gratidão!

As artes dão pergaminhos
Do alta nobreza tambem:
Abaixo vaidades parvas,
Que morrem da lousa aquem.
Não ha diploma mais nobre,
Que do trabalho, em que o pobre
Se eleva, ás vezes, por si,
Já hoje ninguem contesta
Verdade tão manifesta,
Verdade que brilha aqui.

Em jornada gloriosa
De tres lustros, sempre em pé,
A associação, que applaudimos,
Nobre e grandioso tambem é.
Nobre, sim; que do Rei-homem,
Cujos dias se cousomem
Em fazer o bom geral,
A protecção alcançara,
E o tit'lo que a sublimara,
Honroso, de — *Imperial*;—

Esse tit'lo que lhe dera
Um appellido gentil,
Que vale mais que o de muitas
Excellencias do Brasil;
Esse tit'lo nob'litario,
Como o de socio honorario,
Com que tanto ella me honrou,
A mim, que tão olvidado,
E, sem razão, molestado
Pelos meus patriciões sou!

A elles perdôo a offensa
Com alma sempre christan;
A vós, nobre sociedade,
A vós, minha bôa irmã,
O fino obsequio agradeço,
(Obsequio que só mereço
Da charidade dos meus)
E pela vossa medrança,
Cheio de fé, d'esperança.
Votos farei sempre a DEUS.

SENHORA, vós, que os esp'ritos
Purificaes, tende dó
D'esses, que ahí polluidos,
Rojam, cegos, pelo pó!
Purificae-os; erguei-os,
E ao sancto grêmio trazei-os
Do patriotismo e da lei,
Que renegam (infelizes!)
Até da patria nas crizes
Contra ella, contra o seu Rei!

A vosso Filho, SENHORA,
Pedi por ellos, por nós,
Pelos ciuzas deshonradas
De nossos paes e avós!
Rogae-Lhe--que, brevemente,
Faça vencer nossa gente
Nesse pleito do arcabuz,
Numa só vontade unindo
O povo tão desavindo
De terra da Sua Cruz!

Virgem Sancta. Padroeira
Do Monte-pio d'irmãos,
Apadrinhae seus esforços,
Para que não sejam vãos!
Do seus socios desvalidos,
Que, por elle soccorridos,
Hoje vos dão graças mil,
Tendo, SENHORA, piedade,
E, salvando a humanidade,
Salvae com ella—o Brasil!

—Ah! maldicto *grauçd!*

—Que horrenda cusparada levou V.!

—Para ver! E om cima, como quo
para zombar, está de lá do alto a me
olhar muito serio.

—Esta gente que cria filhos tra-
vessos

—Primeiro escondeu o corpo para
dentro e depois apresentou-se muito
lampreiro a encarar-me de proposito.

—Já que nada se pode fazer tome ao
menos o numero da casa para mandar
ao *Alabama*.

—Segundo andar do sobrado n. 20,
rua da Secretaria da policia,

—Que bimbalhadas foram aquellas,
Sr. *herbolario?*

—Negocios da vida intima, não se
metta.

—Que vida intima?

Pois o Sr. mais sua lanbisqueira, fa-
zem um perluvio que encommoda a toda
visinhança, e me diz que são negocios
intimos!

—Cada um em sua casa é senhor de
suas acções.

—Não com escandalo do publico, e
depois é feio o Sr. com esta idade, le-
vando tabefes de uma negra á vista de
todos os moradores do becco do *Talho*
minimo.

—Mas o que hei de fazer?

—O quo hade fazer é quando o
Sr. tiver suas cerrações com a sua
Helena, ser mais resguardado no desa-
brochar da tempestade e ter mais aca-
tamento para com o publico.

MOTTE.

Amor é bicho teimoso.

GLOSA.

Mariquinhas é Maroca,
Moça douzella é solteira,
Mulher velha mandingueira,
Milho torrado é pipóca,
Bicho da terra é minhoca,
Homem gaiato é jocoso,
Todo bichento é sebososo,
Toda mulher curiosa,
E concluindo esta glosa,
Amor é bicho teimoso.

OUTRA.

Sapateiro é remendão,
O soldado tarimbeiro,
Todo moleque bregeiro,
Todo menino chorão,
Todo agiota é ladrão,
Todo velho caviloso,
Todo macaco jocoso,
Todo musico pateta,
E como diz um poeta:
Amor é bicho teimoso.

ADVERTENCIA.

Quem vê a barba de seu visinho ar-
der, deita a sua de molho. O denunci-
ante da roça do Barros ja viu seus po-
dres na rua, e o da Sé ha de vel-os bre-
ve.

Quem lhe aviza seu amigo é.

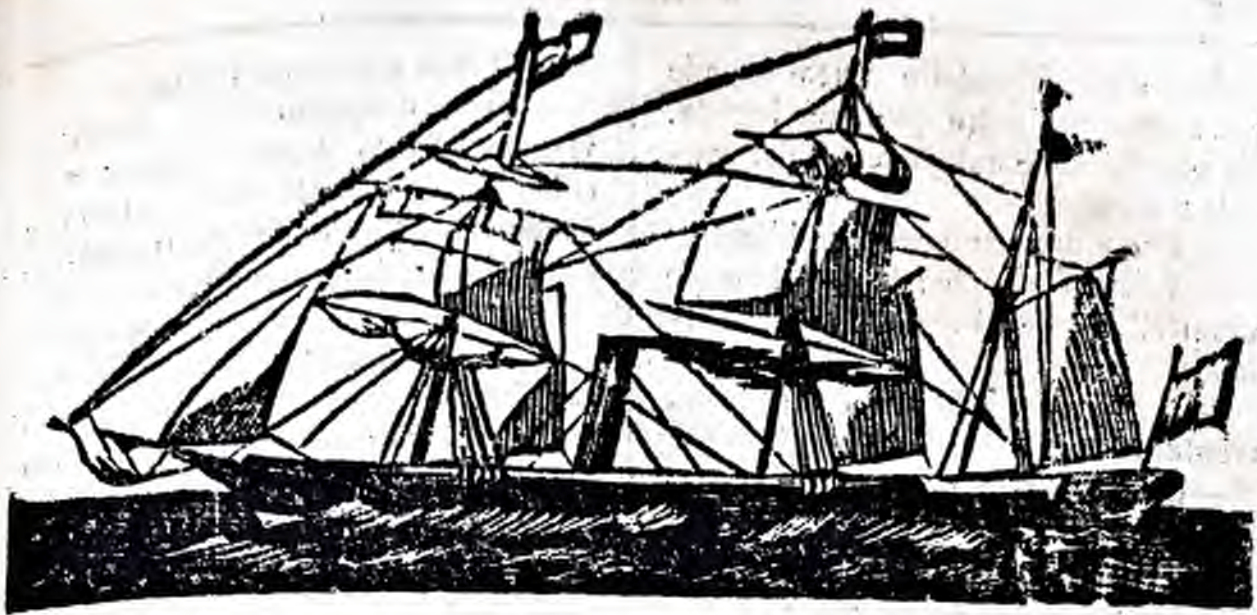
Bom Senhor,

ANNUNCIO.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n.º 9 B, na
Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa
n. 199, vende-se bom café muido puro.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

8 DE FEVEREIRO DE 1868.

SERIE 33.^a—N. 321.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama 7 de fevereiro de 1868.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe, ainda esta vez, que lance suas vistas para a ladeira do Caminho Novo do Taboão, que está intransitavel pelos innumeros buracos quo alli existem. Espera-se que a Illma. attenderá ao nosso pedido de ha muito reclamado.

—Ao Illm. Sr. subdelegado dos Mares, mais uma vez chamando sua attenção para o individuo de nome Cavalcanti, por alcunha *Paraguay*, morador em um telheiro abandonado á rua da Valla.

As queixas contra o procedimento desse individuo são immensas, e não pode ser boa rez o individuo contra o qual todos tem o que dizer.

Consta que o Sr. Dr. Galeão, quando chefe de policia, recommendara á S. S. semelhante individuo, pelo seu mau comportamento, sem embargo do que, continua elle ahi a fazer das suas. Em vista disso de novo chama-se a attenção

de S. S. para que procure providenciar em forma a que não continue eile a incommodar a vizinhança.

Portaria ao Sr. Paulino, morador no andar superior do sobrado n.º 35, aos Coqueiros d'Agua de Meninos, para que haja de providenciar de forma que do sotam dessa casa não se joguo para a rua aguas servidas em estado de putrefação, misturadas com excrecencias, por que isso não so incommoda aos vizinhos, como muita gente tem levado tão anti-romatico banho. Cumpra.

—Ao fiscal da Rua do Paço, ordenando-lhe que tome á seu cuidado os moradores dos sobrados 75 e 81 á rua das Flores, os quaes das 9 horas em diante fazem della cisqueiro e desaguardouro de aguas porcas, o que nada seria, si quem passasse pela rua não estivesse exposto a tomar um daquelles odoriferos banhos. Cumpra.

—Os officiaes do 6.º batalhão offerceram-se mais baratinho para a-quartellar.

—Tanto melhor para o governo.

—O systema pega.

Não é só o Barateiro quem vende por menos que outro qualquer logista. Na guarda nacional já se faz por vontade o serviço.

— E' muito amor à causa publica!

— V. quer que lho diga? Isso de aquartellamento só é mau para os soldados.

— Para certos officiaes é uma bem-aventurança.

— O bom agora era que os officiaes do batalhão que tinha de entrar, se offerecessem para fazer por um terço.

— Sim; já que o negocio vai por atravessamento.....

— Aqui ha panno de sobra para mangas.

— E' cortal-as com bem enxanças.

— Isso é la com quem tem a faca e o queijo.

— Pois aprecie este bocadinho.

— Diga.

— «O ministerio da marinha mandou em commissão para Minas um Sr. Dr. José de Avilez, protegido, para comprar escravos até a cifra de.....duzentos contos,

«Que margem larga para uma fortuna!

«Que o diga um Sr. Dr. Antunes, que andou por outras bandas em idêntica commissão.

«E que negocio gordo que é esta guerra!»

— Por este e outros orificios escoase o constante suor do povo.

— Ahi vai mistura de grellos.

«Virginia Maria do Sacramento, pedindo a soltura de seu marido Manuel Pedro Dias, designado para o serviço da guerra. — Não tem logar, visto que a certidão de baptismo refere-se a individuo differente d'aquelle que a supplicante apresenta como seu filho.»

— Isso é pulha.

— Pulha não! E' despacho de S. Ex. o presidente da provincia, dado no dia 29 do passado e publicado no *Diario*.

— Isso não passa de engano. Quem dásse um despacho deste quilate podia ser agarrado para a Santa Casa, porque estava doudo varrido.

— O caso é que está impresso.

— Si o despacho fosse depois da viagem á Santo Amaro podia se conhecer que o homem ainda estava com as ideias atarantadas pela remota distancia do logar; porem antes, não.

— A camara municipal officiou ao Sr. Dr. chefe de policia pedindo-lhe que dêsse destino aos mendigos que fazem morada nos arcos por debaixo da mesma, em vista das obscenidades que alli fallam e praticam, e da porcaria que fazem!

— Sabe me dizer quando foi que a camara remetteu esse officio á policia?

— Desde o dia 4 do corrente e até agora ainda não houve providencia a respeito.

— E nem ha de haver. O dinheiro do beneficio em favor dos mendigos está recolhido ao Banco da Bahia e de lá só sahirá quando as irmas de charidade entenderem.

— Por isso estou eu.

— Mais esta em abono da moderação com que os agentes do governo fazem o recrutamento.

«Fabricio José de Souza, guarda nacional do batalhão de Cannavieiras do Sul, recrutado, casado, com 5 filhos, pedindo um prazo para provar a sua isempção.— Já foi posto em liberdade.»

— E' celebre!

— O que?

— Que o individuo requiera um prazo ou soltura, quando o governo diz que elle já foi posto em liberdade.

— Bambochata na redacção dos despachos; o sujeito requer sempre quando está preso.

— Eu tenho visto até individuos requererem aqui sua soltura, e dizer-se-lhe no despacho — o supplicante já marchou para o sul.

— Mas, não é moderação recrutar-se a um homem guarda nacional, casado, com cinco filhos, mandal-o para a capital, deixando lá sua familia entregue á miseria?

— Isso já está tão usual que não admira mais.

A PEDIDO.

NO CEMITERIO

(EM TUIU-CUE)

Quanto bravo aqui descança!.....

Talvez na doce esperança
De voltarem junto aos seus;
Da morte o frio sentindo
Adormeceram sorrindo
E foram acordar nos céus!

Uma só cruz não indica
De tanto heroe que aqui fica
O seu nome e posição!...
Nos umbraes da eternidade
O phantasma da vaidade
E' fria e triste illusão!

Não ha um so mausoléu,
Que distinga do plebeu
O nobre; não, são eguaes!
Aqui da vida ao cansaço,
De Deus o celeste braço
Repouso indica aos mortaes.

Neste recinto tão triste,
Apenas no meio existe
Plantada singela cruz;
Nem siquer murchadas flores.
Signal de saudade e dores
Eu vejo em seus braços nús!

Em breve nossas fileiras,
Vingadas suas bandeiras,
Voltaráo ao patrio chão;
E entre este ervaçal inculto,
Do mundo aos olhos occulto,
Quanto cadaver de irmão!

Nem siquer, meu Deus, foi dado
Ao brasileiro soldado
Ir morrer em seu paiz;
Ao descançar desta vida,
No fim de tão crua lida,
Tão longe de quem os quiz!...

Aqui, em noite formosa,
Nem d'uma alma caridosa
Vós tereis uma oração;
Somente o agoureiro mocho
Soltará seu canto floxo,
Da lua ao baço clarão,

Martyres d'um dever santo,
Quem uma gôlta de pranto
Aqui deixará cabir?..

So as estrellas da noite,
Da brisa o macio uçoito
Vossa lousa hão de carpir!

SANTO SOUZA.

Paraguay, 1867.

—Capitão, ás suas ordens!

—V. por aqui é novidade.

—Venho communicar a V. Ex. o no-
jento procedimento, o cynismo e a sem
vergonha de tres parentes, membros da
junta de qualificação da freguezia
d'Avó de Christo!...

—Mas, quaes são esses cujos?

—Tenha paciencia V. Ex. de mo
prestar um pouco de attenção, que
conhecerá os melros.

Um é o *Lélé*, primeiro substituto da
subdelegacia, que tem feito maravilhas
e obriga os inspectores do quartirão a
não darem nos mappas os nomes dos
cidadãos aptos para votarem, quali-
ficando cidadãos do outras freguezias.

O outro é já uma *cunha* velha, que do
nada *valle*, e apenas serve como presi-
dente da mesa, de instrumento para o
tal canalha do *Lélé*, pois o que elle
quer, humildemente obedece o velhaça.

—E esse velho para que ha de des-
respeitar assim suas cans?

—Para encobrir as bandalheiras e
patifarias do sobrinho.

—Vamos ao terceiro.

—O terceiro membro, capitão, é um
moço, que eu julgava gozar alguma
consideração, mas faz uma *barrella* das
cousas para bem servir a seus dous
parentes, fazendo-se esquerdo a tudo,
por conveniencia propria.

—Mas quem é esse jesuita?

—E' aquelle cujo da *sympathia* do
collegio eleitoral?

—Ah! é o *Totonio*.

—Aqui, capitão!

—O *Silveirinha* é muito amigo d'elle.

—V. Ex. querendo saber melhor
quem é elle, informe-se do *Bastos* que
é um dos seus intimos!

—Vou mandar tomar algumas in-
formações a respeito dos tres, afim de
mandal-os agarrar e applicar-lhes o
castigo a proporção dos crimes.

—Ahi é que eu vou.

Sr. Editor. — Remetto-lhe o seguinte motto, o qual ja vae glozado por mim, sugereitendo-mo ainda a entrega de um premio á aquelle que melhor do que este seu criado, poder dar andamento ao seu furor poetico, glozando-o com melhor gosto.

O premio se V. da licença — é um... um... E' melhor vermos o trabalho para então avaliar-mos a recompensa.

Seu assignante

O Mané.

MOTTE.

*O dinheiro tudo alcança,
O dinheiro tudo encobre,
Tudo, tudo quanto é máu
Só recahe em quem é pobre.*

GLOSA.

Alerta! toca a ganhar
São horas, ninguém descança,
Quem mais rouba é o mais feliz
O dinheiro tudo alcança.

Nada de receios vãos;
Sempre coragem que sobre,
Depois de obter fortuna
O dinheiro tudo encobre.

Arranjemos um barquinho,
Uma galera ou náu,
Deixemos soffrer os tolos
Tudo, tudo quanto é máu.

Não vemos tanto rapina
Que tem titulo de nobre?
A infamia, o vicio, o crime
So recahe em quem é pobre!

Será generosamente recompensado quem descobrir a geração, e a origem da riqueza do *fidalgo* Cabeça de Canóa para se escrever a biographia de tão *illustre* personagem.

O Filho espurio.

Exm. Sr. Presidente da Provincia. — O requerimento de Antonio Soares de Albergaria, cujo despacho o abaixo assignado, em qualidade de seu procurador, foi lembrar a V. Ex., (e que razão tinha para o fazer, pois que foi a V. Ex. entregue a 30 de dezembro, em substituição a um outro de 13 do mes-

mo, quo la da secretaria desencaminhou se) não existe, como V. Ex. lho affirmou, na repartição do arsenal de marinha, onde se lhe respondeu tel-o ja devolvido informado a V. Ex., em 10 do corrente, sob o n.º 47. Cré o abaixo assignado quo, procurando continuamente no livro da porta dessa secretaria o despacho em questão, no dia 29 não era para muito estranhar quo recorresso a V. Ex. podendo providencia.

Mas, como o abaixo assignado receia ir dar esta resposta a V. Ex. para não ser tratado tão *delicadamente*, como o foi, no dia 29 (que nem sempre a senhora Paciencia é nossa companheira) vale-se deste meio para fazer chegar á V. Ex. a vordade e pedir-lhe se- lução desse negocio.

Zacharias Neves da Silva Freire.

SONETO.

O Brazil, californico El-Dorado,
Gigante conhecido pelo dedo,
Indo assim como vae ou tarde ou cedo
Entre cultas nações ha de dar brado.

Sem o apoio efficaz de qualquer lado,
Ahi já se governa pelo enredo,
E a quebra da moral não produz medo,
Stando a barriga posta a bom recado.

Si o porvir se me antolha ennegrecido,
Singrando a nau do estado em mar de lodo,
São ruins apprehensões com q' me illudo.

Tem da patria feliz bem merecido,
Trazendo entre mil bens dinheiro a rado,
O systema chamado barrigudo.

N. B.—O auctor promette outro soneto dedicado ao poeta que o exceder na glosa.

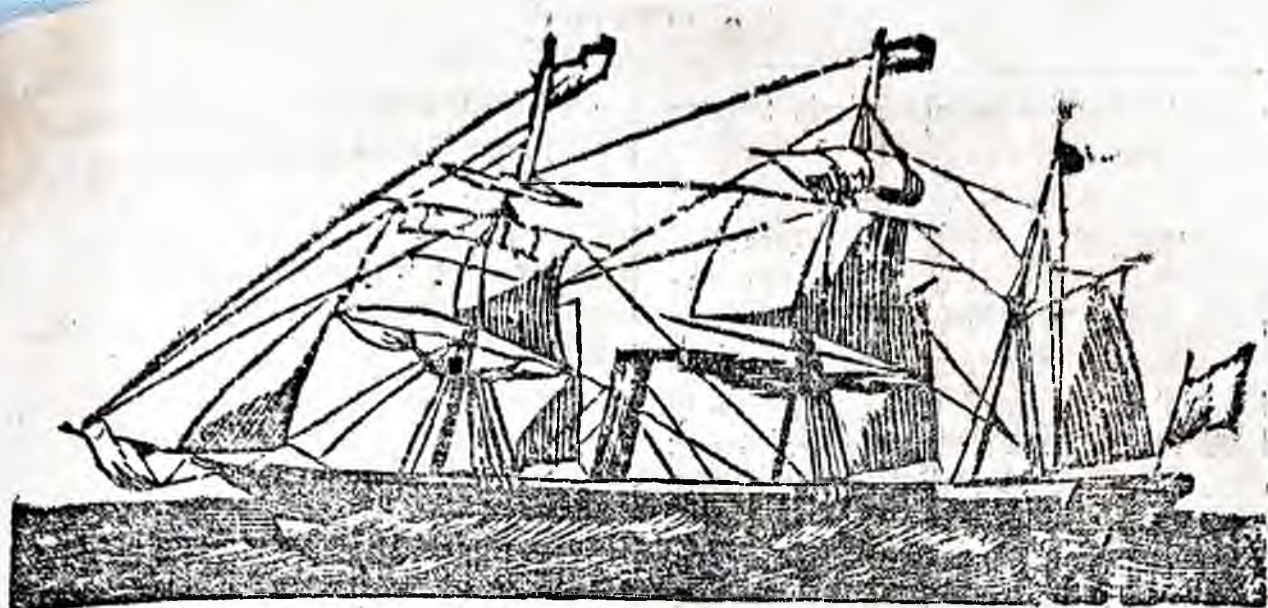
(Opinião Liberal.)

ANNUNCIO.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n.º 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa n. 199, vende-se bom café muido puro.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CILISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

12 DE FEVEREIRO DE 1868.

SERIE 33.^a—N. 322.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 44, 4.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

Este é o 2.^o numero da serie 33.^a do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de fevereiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. inspector da thesouraria geral, participando-lhe, quo informam-nos, que empregados dessa repartição deitam papeis com trampa para a ladeira do Pau da Bandeira, acontecendo as vezes cahirem em algumas pessoas, que tem a infelicidade de por alli passarem na occasião em que elles são atirados.

A ser verdade a informação que tivemos de um empregado da companhia da limpeza, roga-se a S. S. providencias a respeito, afim de que cesse semelhante abuso, que muito depõe dos empregados dessa repartição, a qual está debaixo de sua honrada inspecção.

—Ao Illm. Sr delegado da cidade de Maragogipe, indicando-lhe as casas de jogo de André Surdo á descida da ladeira de Sant'Anna, e uma outra á

rua Nova, onde pode colher optimos recrutas, si S. S. quizer se prestar a dar uma busca nellas.

—Veja um quadro moralizador.

—O que é aquillo?

—Chegue para perto e verá.

—Santo Deus! Um homem amarrado como porco!

—E está alli exposto ás vistas publicas á mais de duas horas.

—Isto depõe altamente contra a civilisação desta terra.

—O que dirão os estrangeiros que á toda hora transitam pelo caes do Morreira, vendo aquelle desgraçado amarrado de pés e mãos e preso como um animal a roda de um guindaste?

—Taparão os olhos de vergonha.

—Sabe quem é aquelle infeliz creoulo?

—E' um escravo de outro creoulo.

—Logo vi.

Quem é esse tyramno?

—E' o Vicente, mestre do barco *Santo André*, da carreira de Cachoeira.

—E a policia não vê aquelle degradante painel?

—O chefe está lá na sua secretaria,

não sabo disto; a policia miuda tomara tempo para outras cousas.

— Meios de enriquecer depressa.

— Ensine-me, que eu ando procurando um, e ainda não pude acertar.

— Supponha que uma mulher vae á loja do Sr. Manuel Magalhães ao Taboão e compra um bilhete de loteria; dalli entra na loja *duas duzias* para comprar outras cousas e larga o balaio sobre o balcão com o bilhete dentro; o matreiro caixeiro bispa-o de revez, e n'uma vira-volta, com inexcédível destreza o substitue por outro já corrido.

— Olé! esse marreco faz inveja ao Chico Carteira.

— Por felicidade, a creoula torna a loja do Magalhães com o bilhete na mão, para perguntar quando corre a loteria e este reconhece que aquelle não era o bilhete que tinha vendido.

— Descobriu-se a traficancia?

— E' verdade.

A creoula volta, o caixeiro nega; mas apparece pessoa interessada que toma parte, e o magano confuso entrega o bilhete que tinha surripiado.

— Que tratante!

— De sorte que, si não se descobre a massada e o bilhete por acaso sabe premiado, já era uma base para esse melcorio edificar seu futuro.

— Que duvida!

E quantas dessas e outras não terá elle feito?

— E' de crer; porque quem faz um cento faz um cento.

— Agora o que é preciso saber é, si o caixeiro da loja *duas duzias* faz esses gamados para si só, ou si seu amo leva alguma cousa.

— Não lhe posso responder, quanto á isso.

— Aquelle individuo é voluntario da patria

— Aquelle, nego.

— Porque vae escollado?

— Não.

— Então que motivo tem para contradizer-me?

— Porque vi-o com os pulsos alge-

mados até o Terreiro, onde foi solto á instigação do Sr. capitão Joaquim Aniceto Vaz.

— Isso não prova; quando nada, ha de ser algum recruta.

— Foi justamente o que me disseram.

— Já sei; é desses pegados a cachorro e corda.

— Capitão, o homem appareceu.

— Que homem, rapaz?

— O que vinha no vapor de Santo Amaro, terça feira passada.

— Um que tinha se sumido?

— Sim. O capitão achou-o escondido n'um logar que parece impossivel.

— Faça idéa que terror causa a farda nesta terra!

Bem; nesse caso dê o dito por não dito.

— Os charuteiros querem alterar a arithmetica.

— Como assim?

— Para elles 98 valem 100.

— Não entendo.

— Eu lhe explico.

— Ouçamos.

— Impingem a qualquer freguoz 98 charutos por 100.

— Deveras?

— E' o que lhe digo. Mandam fabricar caixas chamadas *acumbueadas*, as quaes accomodam 12 carreiras de charutos de 7 cada uma, que sommam 98, pregam e vendem por 100.

— E' boa especulação!

— Quem compra não se dá ao trabalho de contar e chupa a ronca de 2 charutos.

— A subtracção é ridicula, porem não deixa de ser reprovavel, logo que é praticada de má fé.

— Os padeiros fizeram uma representação á camara, pedindo-lhe que derrogue a postura, que os obriga a vender o pão pesado.

— E a camara cahirá nesta esparrella?

— Eu sei. Dizem os meninos da Can-

diaba quo elles pretendem contar umas vinte historias aos vereadores.

—Mas é preciso saber si os vereadores deixam-se levar por historias dos padeiros.

—Os contos melifluos e sonantes conseguem tantas cousas, de maneira que hoje ja não ha nada impossivel.

—E' malhar em ferro frio! . . .

—Ja sabê que perdo seu tempo.

—Exactamente; porque mais de uma pessoa tem sido victima, tem testemunhado o facto e o desaforo continua.

Pareço que nesta terra so ha fiscaes para receberem 5\$ rs. mensaes dos vendelhões e multarem pobres pretas de peixe.

—Mais eu estou conversando sem saber a respeito de que.

—E' sobre o desavergonhado procedimento dos moradores do sobrado n. 7 a rua de D. José, que com o maior descaro atiram á qualquer hora trampa pelo telhado, que vem cair sobre quem passa.

Ultimamente foram victimas os Srs. João Custodio, Bento Monteiro e Paranhos morador ao Maciel, ambos testemunharam o caso, mais parece que elles é que ficaram com o seu banho de essencia sedentina.

—A culpa não é dos moradores; é dessa súcia de fiscaes marmanjos, que so querem ter tempo para especulações e so se relacionam com taverneiros e tahladores de carne.

LA VAE VERSO.

Dialogo financeiro

ENTRE JOSÉ MANUEL E DANIEL JACOB.

Daniel.

Ora venha cá, senhor José, faça favor; descanse seu chapéu, sente-se aqui.

Tenho um grande negocio a lhe propor, que depois de o conhecer, me resolvi.

Dizem-me que o senhor é moço honrado, e noto que tem bom comportamento; e por isso, depois de bem pensado, resolvi dar-lhe a Ritta em casamento.

Eu não tenho fortuna: que a que herdei, consumi-a em lhe dar educação;

porém, posso dizer que me esmerci, em fazel-a brilhar com perfeição.

Sabê ler, escrever, falla francez; é versada na historia e no romance; gosta muito do drama, do entremez; não ha polka ou schotiss que não dance.

Esmera-se em vestir; inventa modas, é mestra no formar o penteado; na graça do polkar a todas ganha, e brilha no dedilho do teclado.

E' um todo perfeito! E é por isso, que consultando o meu paterno amor, encasquetou-se cá n'este toutiço, que devia cazal-a c'o senhor.

José.

Pois, senhor Daniel, eu lh'agradeço a honra que me da da preferencia. Eu tanta distincção lhe não mereço, não posso acceitar, tenha paciencia.

Porque, esse composto de saber, porque, essa perfeição, esse primor, um pobre não o vai reconhecer; é só para ministro, ou p'ra doutor.

O senhor não tem dote p'ra dar: eu, fortuna não tenho, que a sustente: ella, so sabe ler francez, dançar tocar; eis-ahi o impossivel bem patente.

Eu, ja nas minhas horas de descanso, meditei seriamente em me cazar: porem a companheira que eu alcanço, não deve saber tocar e nem dansar.

Deve entender de coziuha, e de costura, para fazer, ou p'ra saber mandar. No vestir, no comer, não se mistara, polka em camizas, walças ao jantar.

Deve saber mais arranjar casa, do que pôr barbatana em espartilhos; o senhor sabe bem, que quem se casa. Deve logo cuidar em crear filhos.

O tempo que se occupa em penteades deve, antes, estudar economia: nunca deve esquecer seu novo estado, porque o baile d'agora, è quasi orgia.

Das friolciras mit que a sua sabe, a gloria, ou é fatal ou bem mesquinha! E' lizonja, illuzão da sociedade: a mulher, so em casa é que é — Rainha —

Eis, pois Sr. Daniel, o seu engano: não posso merecer o seu favor;

desculpe a crueldade ao desengano,
e volto á minha lido, ao meu lavor.

Mas antes de partir, dou-lho um conselho;
aquella sua filha, a derradeira,
não a faça casar, com homem velho,
mas, dê-lhe outro ensino, outra carreira.

E' um engano dos paes porque são ricos,
não olham para alem, para o porvir;
tratam so de enfeitar os maçaricos,
esquecem-se do mal, que pode vir.

(*Extr.*)

A PEDIDO.

—O fiscal da freguezia do *Chaveiro do Ceu*, exige 4\$ rs. por mez de cada um taberneiro, para o não multar.

—O que é, homem?

—E' isso que lhe estou dizendo. O *Pedro* me contou isso; depois eu vi um taberneiro se queixando, dizendo que o antecessor deste recebia 3\$ rs. e este pede 4\$ rs., allegando hoje estar tudo caro.

—O pão por tres vintens, alem do imposto pessoal, é necessario que se lhe pague mais alguma cousa.

—Mas sabe V. Ex. porque se encontra tanto cynismo e descarção nestes fiscalisadores?

—E' porque a camara não providencia de forma, que acabe as esper-tezas destes tratantes, que pretendem ter rios de ouro.

—Acho-lho muita razão! Quando a camara providenciar como deve, acabar-se-ha o abuso.

—Padre, isso é indecoroso.

—Eu não entendo assim.

—Porque não?

Pois V. tem animosidade de andar ás escancaras de charutos á bocca!

—Ha alguma cousa de mais?

—E' improprio para seu ministerio.

—Cada um é juiz de sua consciencia.

—Mas desacredita sua classe.

—Historia!

Em Santo Amaro eu fumava em qual-quer lugar.

—O *Manuel* ja me tinha dito; mas

esse procedimento é irregular para um ministro da religião.

—E' uma profissão como qualquer outra.

—E hom que seja V. que diga isso.

E' verdade que não admira que se pronuncie assim o homem, que vao todas as noites de paletot branco para o pé do chafariz do Terreiro por-se aos *detens* com as creoulas.

—Isso é depois das nove.

—O *José* já lhe viu antes disso.

—Tanto o *Manuel* como *José* são dous tralhões, que andam á faltar da vida alheia.

—E V. um escarnecedor da moralidade, que precisa de corrigenda.

—*José Izidorio da Silva*, homem casado e com duas baixas do serviço do exercito, tem contra si o odio que lhe vota um cunhado, homem desses que tem o dom de arranjar votos n'al-guma freguezia.

—Dissenções de familia, compre-hendo.

—Sendo recrutado, apresentou seus papeis, ao Sr. commandante das armas, creio, e foi immediatamente solto; porem no outro dia foi de novo agarrado e seus papeis subtrahidos, para que assim marche elle para o Sul sem remissão nem agravo.

—Como se faz isto!

—E' verdade que elle é inutil de uma perna, porem eu sei.

—Não comprehendo como um irmão se empenhe para ver sua irman desamparada.

—Que elle não é mau esposo, sua mulher é a primeira a dizer; porem esses prejuizos de nossa terra. . .

—Mas não sabe em mão de quem param os taes documentos?

—Dizem que foram por tabella parar ás mãos do proprio cunhado.

—Neste caso o que se hado fazer?

Agora é elle appellar para a equidade dos Exms. commandante das armas e chefe de policia e confiar nelles.

Será verdade que uma authoridade da capital cercara ha dias uma casa,

onde prendera alguns individuos, com o fim unicamente de chamar concurrencia de freguezos para a de um seu favorecido?

Será tambem verdade que essa mesma authoridade no dia immediato, por imposição de um individuo altamente collocado, que lhe dá os meios de subsistencia, escreveu á authoridade superior pedindo a soltura dos individuos que prendera na vespera?

Pode continuar a exercer cargo policial o agente passivo de outro individuo, que tem obrigação de juregamento lhe obedecer e que no dia em que se negar a lhe satisfazer o mais pequenino capricho se verá sem o pão para manter-se?

Responda a estas perguntas o *Ignacio*; sinão souber consulte o *Marciano* para responder ao

Barros.

— Está direito!

— Eim?

— Aquelles guardas, que acompanham os forçados, em vez de manterem a ordem, vão provocar disturbios no chafariz.

— O que fizeram?

— Espancaram as pretas para darem logar aos galés e invadiram o chafariz; como o guarda oppoz-se á entrada delles do portão para dentro, pucham as bayonetas e ameaçam-no.

— E' reprovavel.

— Eu quiz tomar o numero para pedir a quem compete providencias e esqueci-me.

— Não precisa; basta saber o batalhão que fez o serviço hoje sabbado de manhan.

— Quem não tem vergonha todo mundo é seu.

Pois esse *Mané Pereira*, entendeu de mangar commigo?

Depois de no decurso de tres mezes levar a mentir como um galé, manda exigir arrogantemente um recibo cheio de formalidades e lá se vão quinze dias, que massa o pobre caixeiro com palanfrorios e desculpas de papa te ra.

— Os tempos estão criticos, talvez tenha tido difficuldades pecuniarias.

— Não creia: por que o dono do negocio ja mandou o dinheiro; é que elle poz no peito, ou atirou-o ao monte.

Mas o meu cavaco está em elle dizer a algumas pessoas, que tem o dinheiro porém que quer mangar.

— Evasiva.

— Desaforo.

— Entregue o negocio ao *Souza* e eu lhe direi si o tal *Manuél Pereira* paga logo ou não.

— Eu não me importa mais do dinheiro; porém a acção molecal do birbanto, querendo chicanar, é que me faz tomar ferro.

Emfim elle que espere por esses dous dias que tem obra grossa.

— Da-se bebedeira mais atrevida?

— Do que a do tenente Clarindo?

— E' verdade!

— Não ha.

— E' preciso andar-se a toda hora com a paciencia no bolso para soffrer as insolencias de tão atrevido beberão.

— E' um precipicio!

— Para elle, não ha consideração nem pessoas que lhe mereçam respeito; todos são victimas de sua ferina lingua.

— Eu não creio na embriguez desses desavergonhados que valem-se da caxaca para insultar.

— Deu-lhe agora a bebedeira para atravessar-se no meio da rua quando vê algum carro, obrigando o boleeiro a estacar para não esmagal-o.

— E tambem para fazer parar os cavallos agarrando as redeas, em risco de atirar os cavalleiros ao chão.

— E tudo isso tolera-se nesta terra.

— Com visivel desprestigio da briosa classe a que pertence.

— Em outro paiz, elle estaria recolhido a um hospicio, ou asylo de invalidos, ou quando não á uma fortaleza, para não fazer vergonha a seus companheiros e não vir a ser causa de algum caso desagradavel, por que nem toda hora se está prompto para soffrer bebados desaforados.

— Fogo, capitão, fogo; toca à fogo!

— Onde; em que freguezia?

— Na da *Avó de Christo*. Tres bada-ladas pausadas, depois das trinta apres-sadas!

— E' com effeito ali: e o incendio é grande!

Olhe a fumaça...; que labaredas!... que fodor de phosphoros!!

— Homem de Deus, nada de pasmo.

Emquanto me visto, faça desembar-car a bomba do navio e seguir para aquella freguezia, que parece ter de ficar reduzida à cinza!

— Desembarca a bomba; segue para a freguezia d'*Avó de Christo*.

— Mas, para fazer o que, capitão?

— Valha-nos Deus; para ajudar a extinguir o incendio.

— Pelo que ouço aos transeuntes, é perder tempo, visto não ser o fogo em uma casa, em uma rua, nem em um quarteirão!

— Que está dizendo?!

— Dizem mais—que o fogo provem de phosphoros adrede espalhados nos quarteirões pelos inspectores, que para isso os receberam das mãos do proprio subdelegado!

— Não pode ser; não ha authoridade que tal faça. Será verdade, Sr. Brito?

— E' o que se diz geralmente, capi-tão.

— E os inspectores se prestaram á tanto?

— Tudo foi arranjado com preven-ção. Os inspectores, quasi todos demit-tidos, deixando-se apenas uns seis ou sete para coonestar o escandalo, e nomeados outros da *devida confiança*. Ainda assim, alguns se recusaram a receber e espalhar phosphoros nos seus quarteirões; mas, dizem, que o subdele-gado, firme no seu proposito, quando o inspector escrupulisava, chamava qualquer individuo da sua privança, da-va-lhe os phosphoros, e mandava que os espalhasse pelo quarteirão como ins-pector!

Que desembaraço!

— Mas, qual o fim que tem em vista, o subdelegado, para assim proceder, tão sem escrupulo?

— Destruir tudo quanto possuem os seus contrarios na freguezia, para so ficar o que é sou o dos seus amigos, a fim de em setembro fazer *bom negocio*.

— Diga-me mais, quem foi o tal subdelegado; foi o *trimitivo*?

— Não; o *trimitivo*, segundo affirma-so, depois de tudo combinar com o *lalé*, seu immediato substituto, vendo que este conhecia melhor as localidades pa- ra introdução dos phosphoros, com a precisa antecedencia passou-lhe a vara, que se tornou a tomar, depois de espa-lhados os phosphoros, na vespera do incendio, para, quando surgissem as reclamações, melhor depender e sus-ter as gentilezas do seu comparsa, tolhendo aos prejudicados os meios de procederem contra taes desatinos.

— O *lalé*!... o homem dos gallos!... elle so pode fazer tudo isto?!

— Já lhe disse que conluiado com o *trimitivo*, em cujas mãos largou elle a vara na vespera no incendio, e cor-reu á encorporar-se no consistorio da matriz aos parentes, o *primeiro* da fre-guezia e o Varella natural de Silveiras que, assim vencedores, ajudam-o a sus-ter seus feitos.

— E o que são o *primeiro* do valle, o *lalé* e o *trimitivo*?

— Quem sabe? o *trimitivo* pode ser o que quizer; mas o *lalé* e o *valle* são homens da occasião, de *viva quem vence*: sem *cunha* qualquer, podem de repente ser (como tem sido) *conser-vadores*, *liqueiros* e *progressistas*, con-forme o vento que reinar.

— Elles ás vezes se proclamam parti-darios de todo o governo—*taboa de sal-vação que de prevenção deitam ao mar*; outras vezes affectam dedicações a cer-to magistrado, verdadeiramente liberal, em cuja casa iam antes e depois da elei-ção de fevreiro de 1867, jogar voltareto e tomar chá todas as noites, e a quem abandonarão (juramos) na primeira, occasião, si o vento for ao contrario ao partido liberal.

— Que sem cerimonia!!!

VARIEDADES.

A VIUVA E O ORPHÃO.

Mãesinha, quero comer,
Dê-me um pedaço de pão;
Venho da escola com fome,
Com muita disposição.

Dê-me ao menos um pedaço
p'ra repartir c'o cãosinho:
Repare, como me olha,...
Está com fome, coitadinho!...

Tem paciência, meu filho,
Nada tenho que te dar,
O pão que ficou de hontem,
Éu te dei para almoçar...

Uma lagrima rolou
Pelas faces da infeliz!...
Não tinha que dar ao filho,
E chorando assim lhe diz:

«Espera aqui um momento,
«Alguna coisa hei de ter...
«Vou pedir... e que tem isso!
«E' p'ra m u filho comer!...

Não vá, mãesinha, não vá
Não se envergonhe por mim;
Si soubesse que não tinha,
Não lhe affligia assim....

Eu vou em casa da tia,
Brincar c'o primo Rodrigo;
Elle deve estar jantando
Talvez reparta comigo.

Assim que o filho sahio,
A mãe afflicta prostrou-se,
Erguen as supplices mãos,
Orou.... e resignou se.

Tambem ella tinha fome,
Mas faltava o que comer,
Era maior a afflicção,
Vendo o filhinho soffrer..

Elle chega, e a pobre mãe,
Foi-lhe logo perguntar:
Então, filhinho querido,
Te deram lá que jantar?...

Mãesinha, quando cheguei,
A tia estava jantando,
Como não me convidasse,
Fiquei na porta brincando...

O primo, que me quer bem,
Chamou-me para jantar;
Porem a tia, que é mã,
Zangou-se, pôz-se a ralhár!

Lembrou-me então qua a mãesinha,
Ha pouco tempo me disse,

Embora tivesse fome....
Era feio que pedisse.

Vim p'ra casa direitinho,
Muito triste, descontente,
Por ver que a tia é tão má,
Que não tem pena da gente.

Que tem, mãesinha? . tão triste...
Tão pallida... está doente?
Ja sei... mãesinha tem fome!
Oh! meu Deus!... como ella sente!...

Vou pedir alguma coisa,
Mãesinha, não se entristeça,
Nem todos vão de dizer,
Deus que lhe favoreça...

Porem... eu vejo na porta
Um homem q'está de pé...
Eu não posso levantar-me,
Vão ver meu filho quem è.

Não precisa, responderam,
N'esse caso posso entrar;
E' um amigo dos pobres.
Não se deve incomodar.

Aqui tem, minha senhora,
Um soccorro verdadeiro,
Aceite, e não me pergunte,
Quem lhe manda este dinheiro.

Porem senhor... como devo,
Receber tamanho bem,
E ficar ignorando,
D'onde é que elle me vem?!

Mãesinha diz o menino,
Possuido de alegria:
Eu conheço este senhor
E' la da Maçonaria!

Bemdito seja o Senhor,
E a sublime instituição,
Que da Viuva e do Orphão,
E' sempre a cousolação!

Melampo.

(Ext.)

HISTORIA DA EXPOSIÇÃO.

Agora que terminou a exposição de Paris vae apparecendo historia de que não tinhamos conhecimento. Ahi vae uma que parece ter referencia com os chapéus modernamente usados.

Durante a exposição, apresentou-se n'uma das principaes chapelarias de Paris um joven elegante, com um modelo de um chapéu, exactamente como estes que actualmente se usam—chapeo anão—pedindo ao chapeleiro que lhe fizesse vinte por aquelle modelo.

O homem tomou conta da encomenda, e taato lho agradeou, que fabricou um chapéo para uso delle proprio.

No dia aprasado apresentou-se o joven, a encomenda dos chapeus estava prompta, pagou e mandou-os levar por um criado.

O chapeleiro no dia seguinte sahio com o seu chapeo novô, e foi para as avenidas da exposição, desejoso de chamar a attenção com sua nova moda.

Andava passeando havia meia hora, quando se chega a elle um individuo elegantemente vestido, e com um chapeo que o artista reconheceu ser dos ultimamente a-promptados para á tal encomenda.

—Guarde, lhe disse o individuo, e com disfarce passou-lhe um relógio de ouro.

Pouco depois chega-se a elle outro individuo com um chapeo de igual feitio, e diz-lhe:

—Tome, e entrega-lhe uma bolsa com dinheiro.

Dentro em poucos momentos estava o chapeleiro de posse de uma grande quantidade de varios objectos de valor, e quando principiava a comprehender a procedencia delles, vê-se agarrado por um agente de policia, que o levou á presença da authoridade.

Os chapeos do novo feito eram um distinctivo de uma companhia de larapios; o chapeleiro viu-se afflicto para provar a sua innocencia.

NOTICIAS

Asiaticas e africanas, tão fidedignas como muitas das com que as mais bem conceituadas folhas politicas no velho e novo mundo as vezes regalam seus curiosos e credulos leitores de ambos os sexos.

A verdade parece-se as vezes com a mentira.

(O fidedignissimo relator)

(Continuação.)

CASO ESPANTOSO.

A vulgarmente moi bem informada folha turca «*Hu-nayahy-rulmskr*» (o escravo da verdade,) redigida pelo integerrimo e erudito «*codi...*» (juiz) *Abd-ur-Rahim*, traz a espantosa e quasi incrível noticia que nma religiosa catholica romana, a lastimavel sôror Magdalena da Castidade n'um convento na fralda do celeberrimo monte do Libano na Syria, seduzida pelo diabo de baixo da figura d'um adolescente formosissimo, e esquecida de seu santo voto, teve bem successo e deu á luz 4 espertos rapazinhos aos quaes esta contrita Magdalena deu os nomes dos S. S. Evangelistas *Matheo, Marcos, Lucas e João*.

«Isto não foi mui admiravel, acrescenta maliciosamente o sagacissimo redactor, segundo cuja falsa religião a castidade quasi é um peccado tão horroroso como a violação do VI dos Santos Mandamentos para um padre ou frade catholico romano, desde que o S. Papa Gregorio VII (1074) ordenou o celibato,—teria sido mais pasmoso sim «monge no claustro no pé do monte de «Anti-Libano tivesse dado a luz somente «uma unica rapariguinha.»

GRATIDÃO SINCERRIMA

Em Smyrna, a mais importante cidade de commercio da Turquia Asiatica, morreu no dia 25 de julho p. p. o viuvo judaico *Abrahão ben-David*, chamado o *Rothschilde* do Levante (oriente,) por seu joven medico grego, por falta de bastante luzes pathologicas, que menos podem ser adquiridas pelos livros do que pela pratica e experiencia, ter enganado-se na doença. Deixou 10:000\$ *Grudes-ches* (patações turcos) e nenhum filho nem filha. Segundo o direito hereditario de Moyses, que os judeus ainda escrupulosamente seguem, ficaram seus dous pobres sobrinhos, patucos vadios de que elle, que morreu *ab intestado* nunca tinha importado-se, seus herdeiros universaes. O enterro foi muito simples, pois os dous judeus, assim como os outros orientalistas, não admittem musica, tochas, nem qualquer outra pompa funebre, com que a vaidade dos vivos imagina honrar o defunto, ou querem ostentar sua opulencia. O mais rico israelista (judeo) fica sepultado, assim como o mais pobre; vestido n'uma toga alva de linho n'um caixão feito de taboas não lavradas, e unidas por pregos.

Dous dias depois do funeral mandaram os sobrinhos e herdeiros ao feliz medico, que tinha assistido a seu fallecido tio, uma caixinha de ouro, cheia de diamantes, que elle depois vendeu a um joalheiro armenio por 350,000 grudesches, e em cuja tampazinha tinham mandado gravar a seguinte expressiva inscripção: «Ao houradissimo e «habilissimo medico assistente do defunto «banqueiro *Abrahão-ben-David*, o Sr. Dr. «*Stephanos Philippidis*, dos reconhecidissimes sobrinhos do fallecido.»

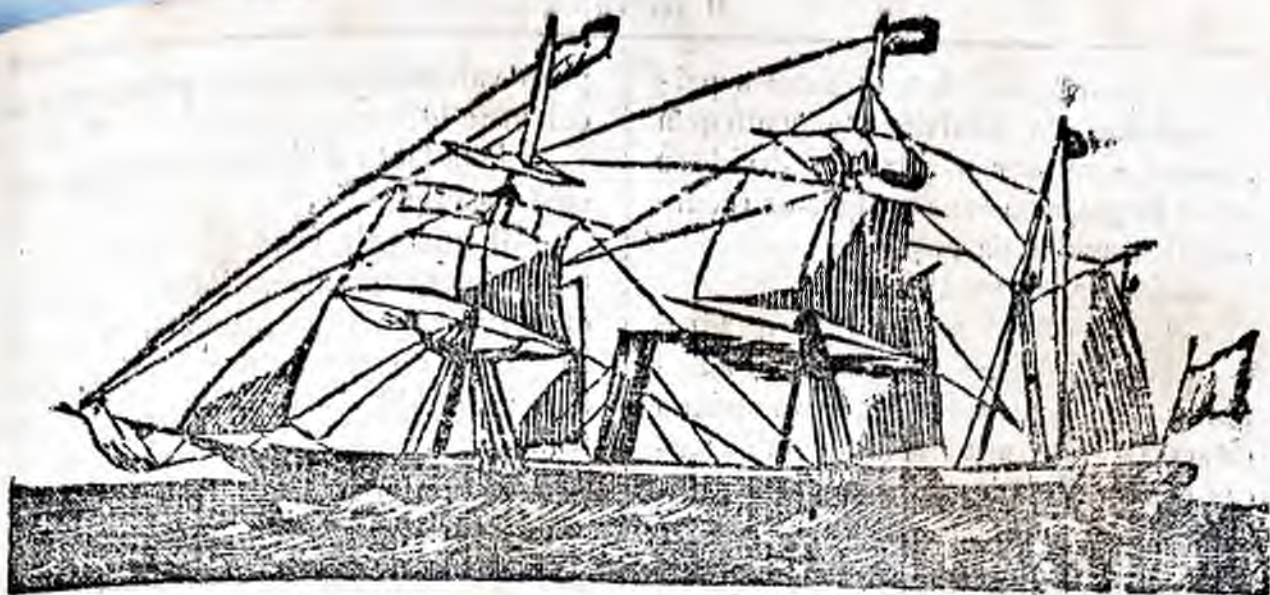
In fidem.

C. F. Jacobsen.

ANNUNCIO.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n.º 9 B, na Saúde, rua do Jogo do Lourenço e casa n. 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

14 DE FEVEREIRO DE 1868.

SERIE 33.—N. 323.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de fevereiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para uma estrepolenta e endiabrada creoula, de nome Virginia, a qual, embriagando se todas as noites, senta-se na porta da Sra. viuva Daltro, á rua da Misericordia, e ahi profere quanto termo deshonesto ha, alem de puxar as caponas das mulheres que passam, empurrar os pobres e provocar a todos. Pede-se a S. S. que á vista disso, encarregue o seu ordenança de leval-a até a Correção a primeira vez que a encontrar em seu habitual uso de bebedeira e alarma.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que dirija-se á casa de umas meninas de boa vida, Atraz da Sé, n. 28, e as admoeste, para que não continuem na depravada algazarra que costumam fazer alta noite com um celebre marmaujo, que ahi tambem mora, sob pena de irem uma noite visitar o Custodio. Cumpra.

—Um rico passo!

—Diga-se.

—A guarda do Collegio ia desarmada na terça feira pelo Terreiro.

—Desarmada?

—Tal qual.

—E' singular!

—Ora essa! Para guardar presos doentes não carece espigardas.

—E para fazer a sentinella?

—Pegavam na lazaria do cabo, unico que ia armado.

—Que estrovenga!

—Ouça o final da obra.

Ao passar por um official o cabo bradou com emphase—braço arma!—sem se lembrar, que seus soldados iam com os braços abanando o vento.

—E não fizeram a continencia.

—So se servissem das armas seraphicas.

—E' boa celebreira; entregar uma porção de criminosos á responsabilidade de tres homens de mãos vasia!

—Miseria das miserias!

Ludibrio eterno para este paiz!

O brasileiro, que no serviço da patria invalidou-se, implora uma esmol-

la, em quanto os ladrões trazom o peito coberto de medalhas e usufruem grossas rendas o o governo divide á mãos largas com seus amigos os recursos extenuados da nação.

—E quer ter voluntarios!

—E' desolador semelhanto quadro! O cidadão, que acaba de servir a sua patria com dedicação e que so deixou de servil-a, quando lhe faltaram as forças e possibilidade, para comer é obrigado a pedir uma esmolla!

—Ao passo que esses grandes, que nada fazem, são servidores do estado, suas familias tem pensões, embora ellas não sirvam senão para alimentar o vicio.

.....
—Aqui está um infeliz do numero desses que fallo.

«Romão de Aquino Gomes, invalido do 5º de voluntarios da patria, PEDINDO UMA ESMOLLA.—Deferido com a ordem expedida.

—Misericordia, meu Deus!... misericordia!... misericordia!...

—Ha sermão de penitencia nessa igreja?

—Não, Sr.

—E o que viram essas mulheres, que com tamanho alvoroço pedem misericordia?

—O caso não é para menos.

—O que foi então?

—Uma profanação na celebração da Missa.

—Quem o profanador?

—O proprio celebrante.

—O que?!...

—Ja disse. No acto da communhão deixou cahir ao chão parte da Sagrada Forma, commungou o resto e retirou-se.

As mulheres assombraram-se com tamanha impiedade e por isso é que o Sr. está ouvindo essa algazarra.

—O que fizeram da Sagrada Particula profanada?

—Uma das mulheres consumiu-a.

—Quem é esse padre?

—Frade lhe chamo eu.

—Pela Virgem do Carmo! logo vi.

—Tambem consentem que um tro-

pego valetudinario ando pelas egrejas celebrando.

—Este facto é de tal natureza que custa a crer.

—O que valo é que foi presenciado por uma chusma de mulheres, gentinha cuja lingua não para no ceu da bocca. Hoje è 7 do corrente, daqui á duas horas, a cidade está cheia, que um frade *estonteado* deitou ao chão metade da Hostia na igreja da *Virgem por Excellencia do Boqueirinho*.

—Eis o que diz a correspondencia do Corrientes para o *Jornal do Commercio*, á respeito da carta attribuida ao marquez de Caxias espalhada no acampamento paraguayo.

«Acabo de ler um desses folhetos, onde não sei o que mais admirar, si a audacia de Lopez em ostentar a coragem e o valor de seus soldados, pintando-os como heróes pela boca do illustre general brasileiro, si o *conhecimento positivo que tem o dictador de muitos dos acontecimentos ultimos que se tem dado no Brasil*, da difficuldade actual de obter voluntarios, da relutancia do povo no Imperio para o recrutamento, em fim do estado actual de vossas cousas.

«Realmente pela leitura desse papel apocrypho, não so pode deixar de reconhecer que os *paraguayos* continuam a transmittir a Lopez noticias exactas de nosso exercito, dos factos que nelle se dão, e talvez remetlam até os jornaes da corte do Imperio.

«A lentidão com que tem chegado os contingentes, depois dos erros do ministerio do *statu quo*, que fez parar a corrente patriotica no Imperio, tem sido prejudicial e funesta.»

DOENÇAS DE QUE NAO RESAM OS LIVROS DE MEDECINA.

Alem de toda a magna caterva de doencas que flagellam a pobre e desgraçada humanidade; alem de toda essa immensa enxurrada de phtysicas, hydropesias, inchações, sarnas e ethicas, que occupam milhares e milhares

de volumes, e vastas bibliotecas; além dos immensos males que cá se ficaram na vida, para acabrunhar o infeliz mortal, existem outros que nem são feitura de Deus, nem os livros resam, nem os medicos conhecem. Ora alguém as appellidará de *manias, esquisitices*, etc., porem, si se reparar seriamente, ver-se-ha que são verdadeiras molestias, e que atacam a muitos homens.

Oh! alli vai aquelle sugeito, alto, espigado e de mão no bolso, se retorcendo todo, e a esfregar as mãos como quem tem frio. O tal amavel padece a doença—das luvas—Quer faça frio ou calor, quer seja dia ou noite, no theatro e na rua, de manhan, ao meio dia, ou de tarde, com um sol abrazador, ou com fresco luar, nunca o encontrareis sem luvas. Todo o seu luxo consiste em trazer luvas brancas, ou pardas, pretas, ou amarellas. No seu pensamento, tem elle que todo o mundo está com inveja de suas luvas—e seria capaz de não comer dous dias, para comprar um ou dous pares de luvas! Para o doente das—luvas—vale poucos que sejam ellas ordinarias; o que quer é andar de luvas, e quanto ao mais, pouco se importa. Si se encontra com qualquer amigo, eil-o logo a esfregar as mãos, e a se queixar da frieza do tempo que o obriga a trazer luvas;—e muitas vezes o sol está em pino. Não será esta mania uma verdadeira doença? Alguns doutores formados na escola bom-senso, appellidam-a—*tolico*—e tem receitado para elles doses de juizo.

Outros, sempre apressados, sempre apressurados abaixo e acima, afflictos e dando os diabos, são em dramas e representações; não se os vê senão entre os actores; se occupam somente em passar bilhetes de beneficios, promover applausos na plateia; passam os dias, ou nos ensaios, ou a visitar actores e actrizes; um gosto é vel-os tão calados e taciturnos quando se trata de qualquer outra cousa, que não sejam representações; e como se sahem, verdadeiros papagaios fallando a torto e a direito, dando por paus e por pedras,

logo que se lho bole na tecla. A um conheço ou, que sendo empregado, atacado fortamente desta molestia, deixa de ganhar ou leva ponto, sempre que é vespera de beneficio, e ate leva a doença ao ponto de se vestir em casa como se fôra um actor. Morre por uns sapatos de entrada baixa, e mais facil será perder tudo, do que não ir ao theatro uma noite.

Para estes tem alguns entendido receitar-lhes xaropes de trabalho aturado e esfregações de serviços continuos.

Não è menos digna de attenção a molestia—charutos—que ataca a muita gente no tempo presente. Em todas as epochas houveram vicios—mas hoje cuida muito moço que o tom só consiste em trazer as algibeiras carregadas de charutos. Apenas vos encontrar leitores, eil-o logo mettendo a mão no bolso, e arrancando a carteira a offercer-vos um charuto. Sabe de cór e argumentado, como si aquella fosse a sua taboada, a vasta nomenclatura com que a esperteza do seculo tem baptisado aos charutos. Dá sua opinião firmada em exemplos e autores, sobre cada um delles em particular. Classifica os *regalias* como melhores que os *regalos*, estes que a—*vista faz fé*: os *moritibanos* mais fumaveis que os *deputados*; os *napoleões* de melhor fumo que os *fama vóá*—; enfim, é capaz de inagar um dia todo a fallar de charutos e cigarros, de lojas e fabricas de dito. Muitos medicos que tem observado a estes doentes—dos charutos—escrevem que o melhor remedio é uma tisana de pouca attenção.

Outros, finalmente, cheios de si, persuadidos que são muitos bonitos, mais facil será o não comerem, do que passar um dia sem ensebar e muito o cabello. Esta doença ataca a todas as classes! O rico atacado d'ella, traz o cabello ensopado em macassá, e oleo castor, e tudo mais que fornece o Lannat; o pobre que não pode gastar, e que affectado do mesmo mal, olha para o interior do Palays Roial com olhos internecidos, o no dia em que so tem quatro vintens, gasta dous em comprar

seus quatro cartuxinhos de banha choirosa para engordurar a cabelleira. Quo so importa ello com o não comer, uma vez que tenha a cabelleira bem lustrosa, e que tenha para si que todos a estão invejando? E' uma doença como as outras, e para a qual ainda não se descobriu remedio.

A PEDIDO.

- Isto tambem pertence a egreja?
 — Não Sr., é a estrebaria do vigario.
 — A estrebaria do vigario?
 — Quero dizer, o lugar onde se accommoda o cavallo do vigario.
 — Pois elle não achou lugar mais proprio para fazer cocheira?
 — O mais proprio é este, porque aproveitou as paredes da egreja em seu favor.
 — Não sei como não abriu uma porta travessa para communicar da estrebaria com o templo.
 — Julga que não era capaz? o mais é que vac-se n'um instante pela rua, porque está a um passo uma da outra.
 — O tal vigario é uma rocha!
 — Um abutre de Vianna.

-
- Onde vaes tão cedo?
 — A Calçada.
 — Pois então acautela-te ao passares na porta do Antonio
 — Quem é esse Antonio?
 — Conheces o Carvalho?
 — Tambem não.
 — Pois não tem o que saber; onde vires um pé de pereira é ahí que moram ambos.
 — Mas que perigo ha para acautelar-me?
 — E' que ahí pelas madrugadas, dizem, costuma apparecer uma onça que investe os viandantes.
 — Qual! O que vejo ahí quando passo de madrugada é um excellente canario de estalo, que, com seu trinado attrahe a rapaziada.
-

O INFELIZ! . . .

Meu Deus! que sina, infeliz que eu tive
 Por uma patria que promette um *trilho*:
 Sou desprezado sendo ella . . . mãe!
 Foi amorozo sendo d'ella . . . filho!

Cingir a farda simplesmente ornada,
 Marchei contente voluntario honrozo,
 Subi ao grau mais elevado e nobre,
 Cahindo logo como o desditozo.

Deixei errantes sem arrimo algum
 Esposa e filhos mendigando o pão;
 Deixei meu lar onde feliz vivia
 Por quem surrindo so me deu o «não»

Em torno ao bravo general guerreiro,
 Heróe ganhei esse nome honrozo,
 Mas q' serve, bravo, combater contente,
 Se a patria nega de um direito o gozo?

Meu Deus! valei-me por quem sois perdão
 Por me queixar de minha triste sorte,
 Fui voluntario derramei meu sangue,
 Sempre encarando pela patria — a morte.

A morte dá-nos o descanso eterno,
 E' o que apaga o sentimento d'alma:
 Pois sim, morrendo não mais soffro a sorte
 Que tão atroz arrebatou-me a palma.

Si ao rico imploro um soccorro ao menos
 Humildemente lhe estendo a mão,
 Este responde, ai meu Deus! que dor!
 «A patria, amigo, que lhe dê o pão,

Oh! peito ingrato, coração sem dó
 Que martyriza um sentimento activo!
 Por Deus não falles n'essa incerta mãe,
 Que ao filho roja no soffrer que eu vivo.

Não é da patria que me queixo, irmãos!
 Não é do rico por negar-me o pão!
 E' sim da sorte que me foi cruel
 Por ser tão facil em negar-me a mão.

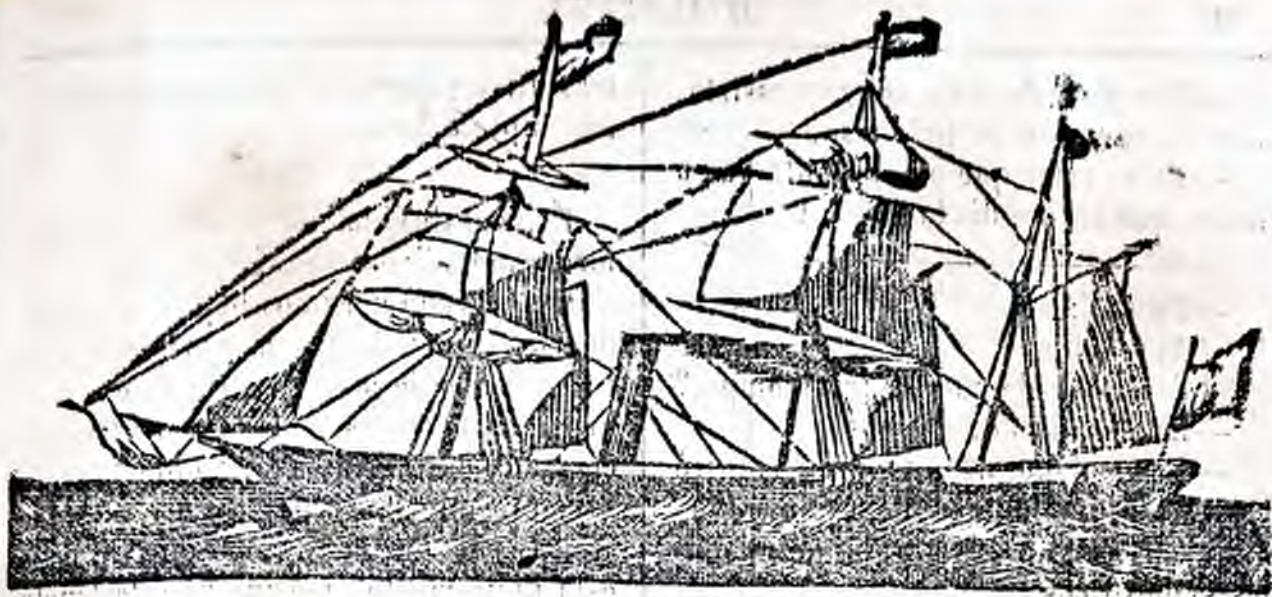
Meu Deus! que sina infeliz eu tive
 Por uma patria que promette um *trilho*:
 Sou desprezado sendo ella . . . mãe!
 Fui amorozo sendo d'ella . . . filho!

J. L. Ferreira da Silva.

ANNUNCIO.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives, loja n.º 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa n. 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

15 DE FEVEREIRO DE 1868.

SERIE 33.—N. 324.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 4.º andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando for folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latrónopolis, bordo do *Alabama* 14 de fevereiro de 1868.

Officio a Ilma. camara municipal, chamando sua attenção para o pernicioso estado de porcaria á que está reduzida a rna de Baixo de S. Bento.

E' de admirar, que em uma epocha em que se tomam precauções contra a invasão do cholera, se consinta tão delexadamente, que aquella rua permaneça em tal estado de immundicie.

Espera-se que a Ilma., considerando que a epidemia quando vem não ataca somente ao povo, ao menos pôr amor a saude de seus membros, dê um puxo e faça desaparecer aquelle foco de infecção.

—Ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, para que informe com urgencia, si é exacto que S. S., mandando ir á sua presença o africano liberto Caetano Pedro de Alcantara, indebita e arbitrariamente mandara passar um termo ou lettra, á revelia do mesmo, declarando ser elle devedor de 500\$ rs. a

africana Thereza Maria da Conceição; e sendo assim que declare em que principio se baseou para usurpar attribuições que lhe não competem.

O pedido de tal informação tem unicamente por fim pôr o credito de S. S., como authoridade, fora do alcance das settas dos maldizentes, que já andam por ahí rosnando, que S. S. praticou assim para prestar *certo serviço*, o que de nenhuma maneira pode ser acreditavel.

—Que desaforo!

—O que é?

—Onde já se viu recrutar-se desta maneira! Sahe um homem de seu trabalho, vae cuidar em comprar o necessario para sua familia, é agarrado por dous ou tres soldados de policia no meio da rua e conduzido aos lombos para o quartel, por assim o entender o imprudente do recrutador.

—Mas que quer, si hoje se encarrega o recrutamento a qualquer moçinho bonito, com o fim de protegê-lo!

—E elle que encommode á cidadãos que por lei estão isentos, á dormir uma noite no cagarrão, não é assim?

— Queixe-se do governo progressista, que é o causador de tudo isso.

— Deixo estar que o pote tanto vai a fonte, que até um dia lá fica-se!

— Esta é boa!

— Aproveito.

— Faz favor de não me interromper?

— Estou murcho.

— A castidade das *santas irmãs* é tão subida, que antepondo a ella a *charidade*, esquivam-se de tratar dos doentes syphiliticos.

— Bravo!

— Não ria que o caso é serio.

João Eusebio Soares, homem de vida um pouco estabánada, adquiriu *molestias do mundo* e foi tratar-se na *enfermaria dos pobres*.

As *charidosas e recatadas* virgens, temendo macular o seu pudor, tratando de um libertino, o deixaram entre as paredes, e elle teve de amargar o pão que o diabo amassou. Era debalde que o medico receitava, por que nada lhe davam.

— Pobre homem! para que não refreou mais sua concupiscencia para não cahir no desagrado das *santas irmãs*!

— Depois de oito dias foi despedido peor do que entrou.

— Eu já tinha ouvido dizer que ellas tinham *repugnancia* a tudo quanto era negocio de homem, agora acredito.

OS CINCO SENTIDOS CORPORAES.

Eis aqui cinco perfeições, com que Deus dotou a creatura, para com ellas formar um variado theatro dos recreios d'alma.

Sabem todos, que os cinco sentidos são — ver, ouvir, cheirar, gostar, e apalpar, e ninguem pode bem avaliar qual delles é mais o importante; e como é que elles produzem o seu effeito. Parece que sendo o homem composto de uma organização nervosa, os cinco sentidos tem sua base na impressão que fazem sobre os nervos; cada um sentido forma seu choque electrico differente sobre elles, umas vezes comprimindo-os, ou-

tras dilatando-os; e vamos á elles que o assumpto é bom.

O VÊR

E' som duvida importante, porque forma metade dos regalos da vida.

Com a vista gozmos bellas pinturas de cores variadas; com a vista acutelamo-nos de muitos porigos, e com a vista apreciamos a face e o elegante corpo da mulher bonita, o objecto mais precioso que Deus deixou no mundo: com rasão dizem alguns que o cego esta meio morto, porque não desfruta estes regalos.

Ora conforme a educação da pessoa, suas forças physicas, o sua indole, assim é o seu gosto, o por isso um gosta do azul claro, por ter bom coração e lhe desperta ideias do ceu, outros propensos á maldade, e por ser de genio grosseiro gosta mais do vermelho, porque indica guerra, barulho e confusão; e assim por diante.

O OUVIR

Não é menos recreativo, pois com estas duas trombetinhas de couro, muita coisa boa apreciamos. Dizem alguns que a impressão que sentimos dos sons, é por causa da configuração da orelha, que ja foi feita como trompa para receber o effeito dos sons, porem em parte elles não tem rasão, o digo que o ouvir depende mais da organização nervosa, do que se fosse só pela orelha, o que se prova, observando que si fosse só pela orelha, então ao longe não ouviriamos qualquer som, musica ou palavra; e si fosse pelo feitio da orelha, o burro que tem orelhas de cartuxo, e muito differentes das do homem, nada ouviria; entretanto que elles só não ouvem o que não lhes faz conta, e finalmente, para provar que o ouvir não depende do feitio da orelha, basta dizer que temos visto varias pessoas de orelhas cortadas ouvirem perfeitamente.

(Continúa)

A PEDIDO.

— Sr. Careca?

— As suas ordens.

— D'onde vem?

- Do *armazem*.
 —E *vao*?
 —Fallar ao *Narciso*.
 —Ou *vao* aquelle *canto*?
 —Fazer?
 —Vor aquelles *pretinhos* de cadeira costumados.
 —Ignoro.
 —Aquelles que lhe levam *fechadinho* para aquella *toca*?
 —Toca? isso para mim é *sybilino*.
 —Como quizer, para o buraco daquelle *coelho* onde V. *vao* apreciar aquelle *bocadinho* apreciavel.
 —Isso tudo parece um conto phantastico.
 —Não, na imaginação dos moradores da *Moenda da Conceição*.
 —Ah, linguas viperinas! . . .
 —Ande la; eu so admiro a sagacidade com que V. as duas horas está de volta, conversando mui lampreiro com o marreco na cidade baixa.

—Capitão, quero lhe contar uma historia, que talvez sirva-lhe de algum proveito.

—Ora vamos lá.

—E' caso, meu capitão,
 Destes casos de excellencia,
 'Pra ouvir-se esta historia
 Preciso é ter paciencia.

—Bravo! Está tambem poeta?

—V. Ex. está gracejando.

—Não gracejo, fallo serio. Siga com a sua historia allusoria.

—Lá *vao*.

I.

«A senhora Maria amava extremosamente ao artista Pedro, a ponto de lhe declarar este amor ardente que sentia por elle.

«A senhora Maria pediu ao artista Pedro que a pedisse em casamento a seu pae, ao que o artista Pedro se recusou, dizendo-lhe que o seu pae era um homem de posição, um commendador, etc., etc., que lhe havia negar a mão della; mas a senhora Maria insistiu sempre no seu proposito.

«Um dia, a senhora Maria encontrou-se com o Sr. Torquato, amigo in-

timo de seu pae e de Pedro, rogo-lhe que a pedisse em casamento a seu pae em nome do artista Pedro.

«Torquato, de prompto fez uma carta ao commendador, pedindo-lhe a mão da senhora Maria para o artista Pedro.

«O commendador ao receber a carta ficou furioso e bradou:—*Forte desaforo!*

«Perguntou-lhe a mulher: Que tem, commendador, que o vejo tão zangado?

«—E' que o Pedro, um artista, um homem sem posição e sem titulos, mandou-me, por intermedio do Sr. Torquato, pedir a mão de nossa filha! . . .

«—Que desaforo! Brada a mulher. Commendador, vá incontinenti levar a resposta ao Sr. Torquato, pois que elle bem sabe que minha filha não é para ter por esposo um artista, um mulato!

«—Lá por ser mulato, não; porque si eu fallar nisto,ahi vem minha chronica, comquanto tenha meu orgulhinho de branco, e tanto assim que só procuro entrar em irmandades desta gente, que como eu, deserta das *fileiras pardaicás*. Sigo o systema do Dr. *Monbon*, que diz *pertencer* à raça caucasea pura, esquecendo-se dos seus avós de Guiné!

«—Não tem duvida, somos brancos, diz a commendadora, vá dar a resposta a aquelle cadello, que lhe mandou pedir a mão de nossa filha para um mulato artista! . . .

.....

II.

«—Sr. Torquato, nunca pensei que a audacia do artista Pedro chegasse a tanto!

«—Sr. commendador, sua expressão—*audacia*—é muito grosseira para a pessoa de quem se trata!

«—Porem não vê o Sr. que um artista não é para se casar com a filha de um *nobre*?

«—Não é! Porventura só os homens titulares são dignos da mão de sua filha?

«Ora, Sr. commendador; creia que nunca julguei que da cabeça de um homem *liberal*, de um homem intelli-

gentissimo como V. Ex., sabisso somo-
lhante asneira.

«—O Sr. ousa insultar-me!

«—O que é uma commenda, Sr.
commendador?

«—E' muita cousa para os homons
de posição como eu.

«—Engana-se V. Ex.... E' muita
cousa, mas é para enfeitar as librés
daquelles que para viverem precisam
que os artistas trabalhem, é muita
cousa para aquelles homons que nasce-
ram na poeira e que hoje arrotam de
nobres e fidalgos, julgando-se superio-
res aos homons do trabalho, aos artis-
tas que ganham o pão para si, e para
o governo sustentar a V. Ex. e outros!

«—Sr. Torquato; veja que é de mais
os seus insultos.

«—V. Ex. acha de mais e ainda
agora é que estou na metade.

«As artes são o sustentaculo de uma
nação, pois sem arte, sem commercio,
sem industria e sem agricultura, não
ha nação que se mantenha; mas sem
duques, marquezes, condes, viscondes,
barões e commendadores as nações se
sustentam.

«Quando se falla de um artista hon-
rado e probó, não se diz com ar de
despreso—um artista! O artista, o ho-
mem das vigílias e dos trabalhos, o
homem que não espera ser recompen-
sado se não por deus, olha com asco
e despreso para o canalha de libré
que assim o tratar, como V. Ex. não
ignora.

«—Sr. Torquato!

«—Contenha-se commendador!

«Tem razão, o artista é quem devia
dizer-lhe que elle não é parase casar
com sua filha! Entregue-a ao homem
de mais pergaminhos e titulos que en-
contrar; mas destes que a honra para
elle é chimera, e amanha terá o pra-
zer de ver sua filha entregue a prosti-
tuição!

«—E' de mais, Sr. Torquato, pro-
metto-lhe que me hei de vingar!

«—.....

III.

«Quando o commendador foi voltan-
do-se encontrou com a filha que veio

em uma cadeira á casa do Sr. Torqua-
to sabor da resposta. Ella tinha presen-
ciado a scena que se passou entre o pae
e o Sr. Torquato.

—«Meu pae, onde está a sua libera-
lidade?

«—Cala-te imbecil!

«—E' esto o artista que Vm. dizia
ser seu verdadeiro amigo, o recusa
hoje dar a minha mão a elle; é este o
homem que Vm. muitas vezes chamou
honrado e probó!

Grande Deus!

«O commendador tremeu ao ouvir
estas palavras de sua filha.

«—Sim, mas não dizia isso para tu
te apaixonares por elle, e depois esta-
va enganado a seu respeito.

«—Enganado, Vm.? Que pae, meu
Deus! Que homem que, atraz das gran-
dezas e dos titulos, quer plantar a ruina
de sua filha!

Momentos depois ouviu-se um gran-
de grito. Era a senhora Maria que des-
fallecia! Quando tornou a si, estava
louca e cantava:

«Triste cousa é meu Deus!

«A mulher não ter ventura,

«Não valem os protestos seus,

«Sendo o pae má creatura!

«Escolhi um homem honrado,

«P'ra com elle me casar;

«Mas meu pae o engeitou

«Só por não ser titular.»

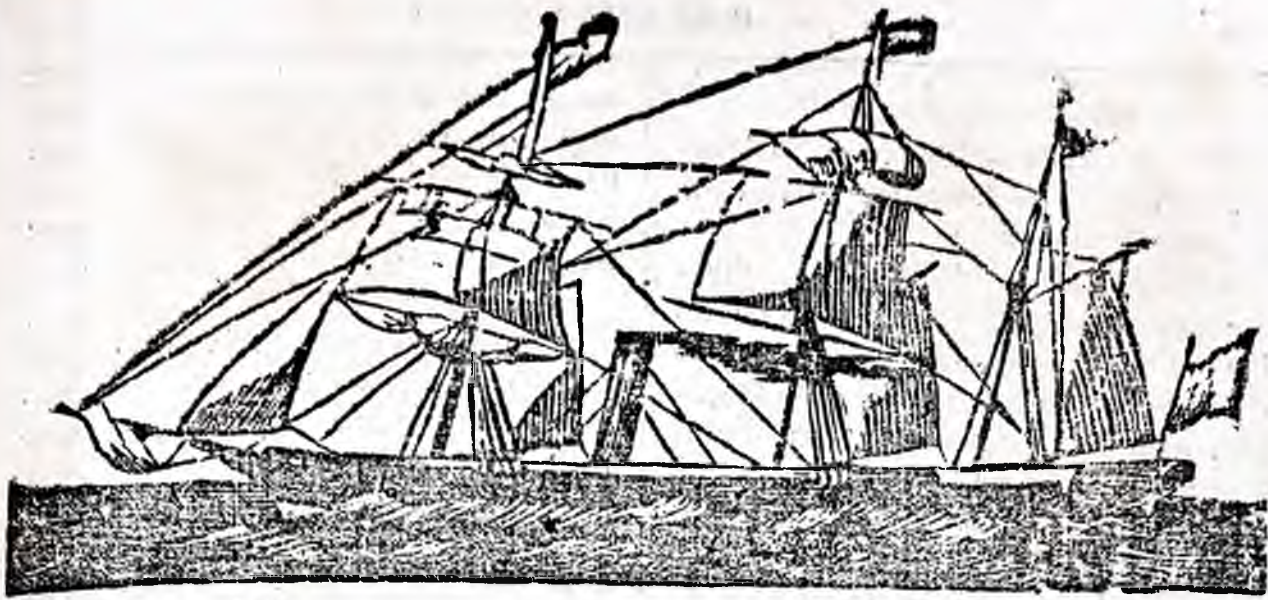
—Tome os artistas esta lição e não
se deixem illudir por esses *nobres fofos*,
que só conhecem soberania e igualda-
de nelles quando precisam de votos pa-
ra subirem e depois calcam o debaixo
dos pés.

ANNUNCIOS.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives, loja n.º 9 B, na
Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa
n. 199, vende-se bom café muido puro.

Esta exposta a venda na loja do Sr.
Martin, ao largo da praça, a nova mo-
dinha para canto e piano, intitulado—
A vida de um triste—por José Bruno
Correia.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

13 DE FEVEREIRO DE 1868.

SERIE 33.—N. 325.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama 17 de fevereiro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, participando lhe que nos informam de que no matadouro publico ha empregados que negociam e são proprietarios de talhos, alguns dos quaes, embora os tenha com supposto nome, são contudo gerentes dos mesmos e fazem publica e notoriamente transacções em seus nomes dentro daquella repartição, e, como a ser assim, seja isso manifesta infracção da lei, espera-se que S. Ex. servindo-se de mandar ventilar a exactidão do tão revoltante abuso, se digne de cerceal-o.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Chrispim Ambagano de Solla Rolla, pedindo licença para que n'um dos departamentos desta cidade possa abrir um talho.—Segundo o accordo celebrado com a superintendencia de Latronopolis, cumpre que o supplicante

dirigindo-se ao capataz, instrua sua petição com a quantia de 200\$ rs.

—Este marreo é dos laes.

— Quem?

—O commandante da policia de Sergipe.

— O que fez?

—Mandou pelo guarda Agostinho José de Sant'Anna caiar e pintar sua casa e como o pobre homem fosse um dia mais tarde para a obra, foi asperamente reprehendido, maltratado e remettido como desobediente e insubordinado ao presidente para marchar para o sul.

—E' do progresso, não tem duvida.

—O *Conservador*, que dá esta noticia, acrescenta que esse infeliz sustentava suas irmans donzellas, que de certo ficarão entregues á prostituição, porque assim aprouve ao Sr. commandante de policia.

— Que papel é esse?

—E' uma correspondencia do Sr. Felisberto da Conceição Miranda.

— Sobre o que?

—Eu loio para V. Ex. ouvir.

«Sr. Redactor. — Estava na delegacia e presenciei o facto do que V. trata no seu jornal de hoje.

«Tendo a africana Thereza se queixado de que o africano Caetano de tal lhe tomara por emprestimo a quantia de 575\$ rs., e não lhe querendo pagar, nem dar-lhe uma clareza disso, a insultava sempre que lhe pedia o seu dinheiro, e até a ameaçara dar-lhe, pelo que o Sr. delegado mandou chamar a Caetano, que em presença de muitas pessoas que alli se achavam, declarou não só ter tomado, não aquella quantia, mas a de 525\$ rs., que pagaria na Costa d'África, mas tambem que nunca negou, nem negaria essa divida.

«Então o Sr. delegado para evitar a continuação dos conflictos entre elles, que poderiam trazer más consequencias, aconselhou a Caetano que desse uma clareza dos 525\$ rs. que confessava dever, o que foi acceito; e se fez em presença do dito africano, do Dr. Alexandrino d'Andrade, do escrivão, e de muitas outras pessoas, promettendo Caetano não contender mais com a africana.

«O Sr. delegado pediu-me que informasse a V. da verdade, afim de que V. faça d'elle melhor conceito, certo de que si elle accomodou os contendores por essa forma, foi para prevenir qualquer delicto que se podia dar, e não por *indebita e arbitrariamente usurpar attribuições que lhe não competem.*

«E' favor publicar esta declaração no proximo numero do seu *Alabama.*

«De V., amigo etc.

«*Felisberto da Conceição Miranda.*»

—E' nobre o empenho do Sr. Felisberto Miranda, tomando, como amigo, a defeza do Sr. delegado; mas permitta que lhe diga que a jurisdicção policial do Sr. delegado não abrange a esphera de constituir-so arbitro de questões particulares e de competencia puramente do sóro judicial

Apezar da boa intenção que ditou o Sr. delegado a *aconselhar* ao africano que passasse uma clareza, o Sr. Mi-

randa não pode negar que houve coacção, uma voz que sendo o dito africano chamado á delegacia por um esbirro de policia, lá chegando, encontrou a queixosa munida de advogado, procurador, etc.

Pareco que uma queixa destas para ter effeito deve ser revestida das formalidades do estylo, jurada, e preceder intimação official a parte queixada, etc., e não ser agarrado por um espião da policia, como foi o mencionado africano. Muitos casos analogos tem se dado na delegacia, usurpadores de competencia judiciaria.

Creio que com isso tenho respondido a correspondencia do Sr. Miranda.

—E de sobra.

—O *Jornal da Bahia* transcreveu do *Echo do Sul* o seguinte:

«Anda por abi esmollando a caridade publica um ex-sargento, que fez toda campanha do Paraguay, e que hoje não tem com que saciar a fome!

Ao que nos informam, foi praça do 51 de voluntarios, entrou em quasi todos os combates, n'um dos quaes, foi gravemente ferido em uma perna, pelo que foi inspeccionado e julgado inhabilitado de continuar o serviço, e deu-se-lhe baixa, mandando-o para o Brasil, com passagem paga pelo governo, e—sem comedorias, somente até esta provincia!

O que mais revolta em tudo isso, é, que a esse pobre mutilado (chama-se Joaquim Antonio de Menezes) ficou-lhe o governo ou a nação devendo UM ANNO E NOVE MESES DE SOLDADO, segundo afirma elle, e nós o cremos!!!...

São factos, que não se commentam.

O que é certo é, que Joaquim Antonio de Menezes, ex-soldado que batalhou por sua patria, té ficar invalido, teve em recompensa as ruas publica, para esmollar!

Eutretando fez se e continua-se a fazer subscrições para feridos, sem nuuca se saber que destino levam os productos dessas subscrições.

Para victimas, como essas, da ingra-

tidão dos governantes é que o patriotismo popular devia erguer-se como protesto vivo á injustiça e crueldade do governo.»

OS CINCO SENTIDOS CORPORAES.

(Continuação.)

O cheirar

Este prova-se evidentemente que é todo effeito nervoso, pois para se ver quanto o nariz sente de nervos, observemos quando temos de dar um espirro, as coegas que sentimos. Os diferentes effeitos, que sentimos com o bom e mau cheiro, são procedido de que assim que cheiramos qualquer cousa, a imaginação avalia, e conformo o apreço que dá, recreia-se ou enjoa-se, e é bem bom o tal sentido de cheirar; si por um lado algumas vezes nos incomoda o ter nariz, por causa de maus cheiros repentinos, que apparecem, em outras muitas occasiões ficamos encantados de bellos cheiros que gozamos; por exemplo, de flores em noite de luar etc. etc., e até neste ponto tambem as moças, sendo creadas com bom regimem domestico, lavando-se todos os dias, e vestindo roupa limpa, criam no corpo um cheirinho de leite fresco; o que eu attesto porque a pouco tempo beijei ás costas de uma gordinha, e bem feita que me pareceu com um requeijão fresquinho.

Muito felizes seriamos nós se poderemos cheirar só o que desejamos, porém quase sempre nos vem aos narizes o que mais aborrecemos.

E quantos milhões se gastam annualmente por este mundo só em cheiraduras? Só em tabacos de diversas qualidades vae uma soma enorme, em essencias, pomadas, cosmetiques. aguas da colonia, e toda essa nomenclatura de perfumarias quanto dinheiro não gastam as moças da moda, e os rapases pelimetres penteados?!

(Continúa)

LA VAE VERSO.

LYRA.

Quando o sol desapareco
Na quente —sêcca estação —

Refrigera o coração
Da brisa a doce frescura:
Os homens são duvidosos,
Ainda na sepultura!

As aves, no frio inverno.
Zelozas guardam os filhinhos.
Que lá deixaram nos ninhos
Vedados a creatura!

Ama o ouro o agiota,
Ainda na sepultura!

O tigre, lá em seus antros,
Estremece... tem horror
Do fuzil estrugidor,
Que aos homens desnatura:
Offende o peccador a Deus,
Ainda na sepultura!

Assim o sec'lo caminha —
So cheio da perdição!
Que dor' Que consternação!...
E' tudo feia tristura!
O homem desmente a fé,
Ainda na sepultura!

D. Pires de Freitas.

A PEDIDO.

—O que é aquillo alli atraz da Cadeia, em casa da D. Anna?

Tanto povo!

—Observe.

—Vejo alli um Dr. vindo de Santos, amigo intimo do Emedio, e capão da tal D. Anna, que encontrando um moço em casa della, deitou-o para fora a ponta-pés.

--Mas o outro que o acompanha, com a cara *malhada*, quem é?

—E' um empregado do *thesouro*, mettido a valentão e primo do Dr.

—Conhece o moço que está tomando os ponta-pés?

—Couheco-o. Já o tenho visto com o *filho do capitão Botelho*.

—Só admira-me o Dr., um moço de esperanças, praticar um escandalo deste!

— E ao pino de meio dia!

—Não são só nos capadocios que se encontram destas patifarias, os doutores tambem as praticam.

— Agora è que sabe disso!

—Sabe quem chegou?
 —Agora.
 —O *Valete de Copas*.
 —Está na terra esse insigne devorador dos bolsos inexpertos?
 —E' verdade.
 —Com que gana não hade estar a a harpya para desferrar as despesas da viagem!
 —Andou pelas Europeias tomando banhos nas *caldas* e volta agora a mais perfeiçoado em conhecimentos empalmatorios.
 —Deve vir perfeito na arte surripiente
 —Isso ja elle era aqui perfeitissimo.
 Trouxe um sortimento novo de espartezas para vasculhar as algibeiras dos bobos, um carregamento de baralhos adequados para bicos e figuras, dados e outros utensis jogatinaes com que pretende de novo encher-se.
 —Talvez a cousa não lhe saia como elle espera,
 O muxingueiro tem largas contas a ajustar com elle.

(Continua.)

METRALHADA

Ao outr'ora moço do pau do cego.

I.

Um pobresinho sem nome,
 Sem estudo e presumpção,
 Outr'ora nesta cidade
 A' custa de um violão
 Passava vida folgada
 De muita gente invejada.

Tinha voz melodiosa,
 Para modinhas cantar.
 Officio em que na infancia
 Somente quiz se occupar;
 Porque, como elle dizia,
 Muito e muito lhe rendia.

Depois com cartas e holas
 Fazia advinhações,
 Pelo que admittido
 Em certas reuniões
 Teve ensejo de provar
 Ser mestre no patotar,

Então foi genio chamado
 E fama tanta alcançou
 No bancar, que um emprego

Do *correio* arranjou.
 E não tardou em casar-se
 Para mais conceituar-se.

Quom delle visse os avós
 De certo toria espanto,
 Principalmente si elles
 Um por um de cada canto
 Surgissem com o brasão
 Da passada escravidão.

Mas, deixemos quem é morto,
 Vamos do vivo tratar,
 Q'os mortos culpa não tem
 Do que queremos obrar;
 Mormente si emquanto vivos,
 Não passaram de captivos.

Saibam pois, que o heroe
 Desta minha descripção,
 Teve filhas naturaes
 Antes de sua união;
 De uma moça infeliz
 Que sua prima se diz.

Mas as filhas, esse monstro,
 Nem ao menos quer olhar,
 E, si por ellas passando
 A benção lhe vão tomar,
 Elle se mostra indisposto
 E lhes volta logo o rosto.

Quem seja esse sujeito,
 Por agora não direi,
 Mas não fiquem descontentes
 Que logo publicarei
 O nome da alimaria...
 Faço o que outro FARIA.

(Continua.)

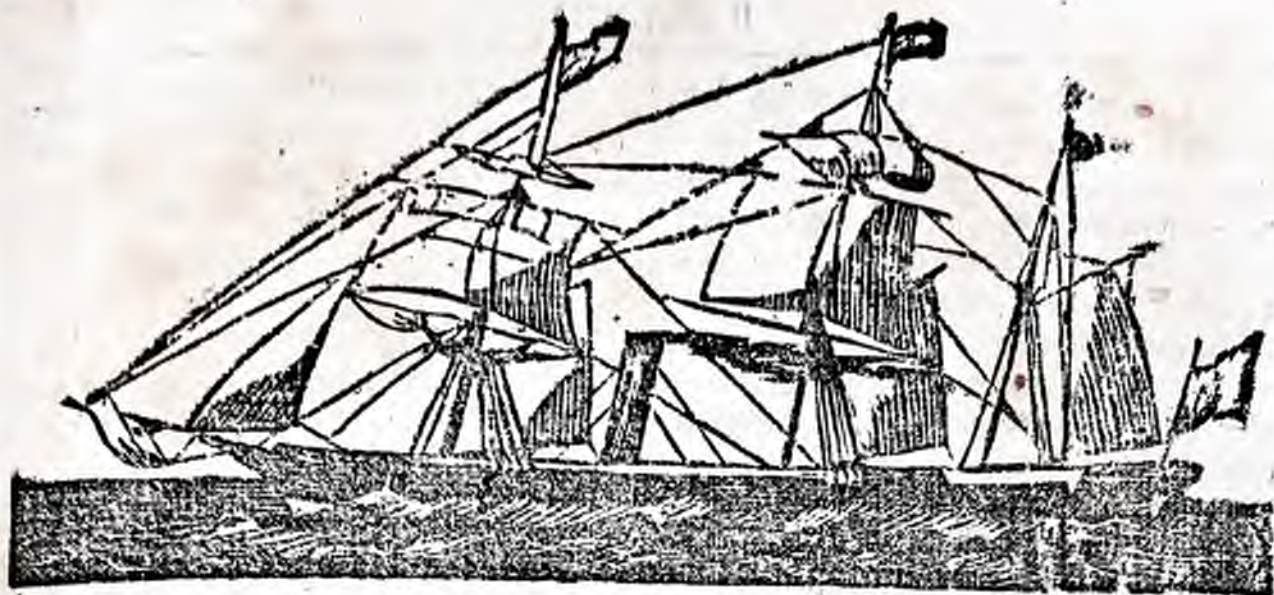
VARIÉDADE.

Um mercador de Pekin havia sido condemnado a ter as mãos cortadas. No momento da execução, sua filha appareceu, poz as mãos sobre o cepo e disse ao algoz: Eis aqui as mãos que pertencem a meu pae: corta-as; mas respita as outras porque meus irmãos precisam d'ellas.

ANNUNCIO.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives, loja n.º 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa n. 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 21 DE FEVEREIRO DE 1868. SERIE 33.—N. 326.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando for folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de fevereiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para as desenvolturas e immoralidades praticadas por uma *filha da noite*, de nome Adelaide, moradora Atraz da Sé; convindo accrescentar que essa *heroina da luxuria* é irman de dous policiaes, que com ella fazem côro na orgia.

— Já não ha mais nada que mereça consideração á sanha dos caçadores de homens!

Profanam até o templo do Senhor!

— Agora é que sabe disto?

— O *Conservador* de Sergipe diz que, na cidade de Larangeiras, celebrando-se as novenas do SS Coração de Jesus, mandara Martinho Alves de Mello por Geminiano de Moraes Navarro com uma escolta cereal-a, a fim de recrutar os musicos que tinham ido alli cantar.

— Em Minas prenderam-se dous homens, mesmo dentro da igreja.

— Acabada a novena, foram recrutados os musicos José Teixeira e Porphyrio Paganini.

O povo revoltou-se contra semelhante violencia; houveram pedradas, e um dos presos poudo escapar das mãos dos aguazis; mas o outro foi dormir no chifre.

— E' soffrer tudo muito caladinho, porque esse e outros actos de arbitrariedade são praticados em nome das urgentes necessidades do paiz.

— Porem isso já não tem geito. Na Bahia, o subdelegado da Rua do Paço invade às 7 horas da noite uma propriedade para prender homens inermes; em Sergipe, os phariseus vão até a Casa de Deus!

— Eu não sei si faz isto por malvez ou por stullice.

— Com quem trata?

— Refiro-me aos despachos do governo

— Na verdade, ha alguns que são perfeita bambochata.

— O individuo requer uma cousa e despacha-se-lhe outra muito differente.

— Bernardicos!

— Por exemplo, Maria Joaquina das Virgens requer quinze dias para provar a isenção que tem seu filho Alexandrino Amancio dos Santos, dado como contingente do batalhão de Nazareth, e o governo com uma lisura infantil responde — *não tem logar, á vista da informação do commandante superior que remetteu o filho da supplicante!*

— Esta é de eternas luminarias!

— Do sorte que, dado o caso que o commandante superior tenha motivo de odio contra o guarda e por isso na sua informação pintou-o como um sicario, fica elle tolhido de justificar-se e provar que a lei o isenta do serviço militar.

— Só nesta terra de liberdade se pratica a tyrannia de tirar aos cidadãos os meios de defeza!

— E' insupportavel semelhante despolismo.

— O abusivo systema de se admittir como guarda nacional — gente fora da lei para sel-o, dá logar a que tudo quanto é reu de policia e desastrado corra para ella assim de, apadrinhado com a farda, constituir-se valentão, desordeiro, e a seu salvo commetter quanto acto repulsivo pode imaginar-se.

— Eu tenho visto o que elles pintam por essas ruas.

— Não ha quem não tenha visto. Uma noite destas, um grupo delles, cujo batalhão não se pode reconhecer, por tirarem os bonets, arrebataram doces de uma caixinhas e largaram-se em desfilada.

— Tambem o 4.º batalhão, quando esteve aquartelado, o tambor-mor e tres guardas furtaram á minha vista uma melancia, de dia, correram como moleques pela rua e foram comel-a debaixo dos arcos da cadeia.

— Na segunda feira, á tarde, iam quatro guardas de artilharia na maior desenvoltura pela Baixa dos Sapateiros a esbarrar os pretos que encontravam; um destes arreminou-se e foi por isso fortemente espancado.

— Peior fizeram tres guarda do 6.º na terça feira á noite: vinham batendo

pelas portas e janellas e dando tombos em quem passava; encontraram um africano na rua da Misericordia a quem atiraram ao chão, e como o pobre preto se queixasse, foram sobre elle de bayoneta e racharam-lho a cabeça. O subdelegado compareceu, mas os valentões, vendo a authoridade aproximar-se, largaram-se e o ferido foi recolhido ao hospital.

— Isto não tem termos; é preciso um correctivo.

— Nesse mesmo dia á tarde presenciei uma *graça* de dous guardas de S. Pedro.

Levavam presa pelos braços uma mulher, que era um esqueleto e divertiam-se em esticarem, cada um para seu lado, os braços da infeliz!

— E assim anda meia duzia de desalmados a desprestigiar o conceito de que goza uma corporação respeitavel, como é a guarda nacional.

— Eu estou certo que semelhantes desregramentos não chegam ao conhecimento dos dignos commandantes, do contrario, teriam a repressão necessaria.

OS CINCO SENTIDOS CORPORAES.

(Continuação.)

Vamos agora ao

Gostar.

Que realmente é um sentido importantissimo, e sem elle tornava-se a vida insipida por falta de tempero. Ora, no gostar ha gosto moral, e gosto fisico, isto é, gosto corporal de que agora tratamos, e gosto espiritual; com o gosto fisico ou corporal, apreciamos as bellas comidas, sorvetes, e bebidas, na tabua do paladar. E quantas impressões agradaveis e poeticas, sentimos nós quando mastigamos e engolimos certos petiscos? alguns até trazem ao pensamento ideias allegoricas, por exemplo, as moquecas bem feitas, recordam patuscadas de natal no atrio do Bomfim; comer cocada de mellado, bem feita e saborosa, lembra os agra-dos, gracejos, e ditos pilhericos de mulatas bonitas cantadeiras de modinhas;

o carurú o vatapá, ideias patrióticas de Pirajá, Itapoan etc. etc. A cangica de milho verde disporta saudades dos influentes divertimentos do vespera de S. João, o quando está fria aquella go-latina de milho amarello, figura braços torneados de moça morena; tam-bem é fisico ou corporal, tomar um banho de bica, bem frio, em dia de ca-lor, e vestir uma camisa de pano de linho já velho, depois de largar as roupas quentes de lan, com que andamos na rua; é gosto corporal, descarregar o ventre trepado sobre o galho de uma arvore em logar de campo; tambem é gosto corporal dar um passeio á tarde em cavallo esquipador, ou bom pas-seiro; o tambem é gosto corporal, co-çar a tempo qualquer parte do cor-po, em que sentimos coceira, ou a chamada comixão; e é finalmente gos-tos corporal, certa dança que Adão in-ventou no paraiso para se divertir nas horas vagas intitulado o — *sandango de gangorra*.

Gosto moral ou espiritual sentimos nós quando temos alguma noticia agra-davel, alguma distincção de gloria, quando temos uma boa poesia, etc.

(Continua.)

A PEDIDO.

— Capitão?

— Queria alguma cousa?

— Queixar-me de dous tratantes.

— Mas eu não sou o chefe de policia.

— Embora, V. Ex. querendo pode corrigil o.

— Pois diga la quem são elles.

— O Cardias e outros de sua eguala que anda *as vintes* pelo Caes do Ouro.

— Qual a natureza de tratantadas que commettem?

— Não é tratantada, é roubo.

— De que especie?

— São agentes de uma celebre com-panhia que se emprega em roubar fu-mo, algodão e assucar.

— Porem disseram-me que os mem-bros dessa companhia estavam desavin-dos por causa de umas saccas de as-sucar levadas para B. B.

— Isso foi entro o tal *as vintes* o o *Cardias*.

— Tanto que no dia 14 de fevereiro á tarde um dos taes da companhia ap-prehendeu de outro de nome Domingos uma porção de assucar quando este trazia para terra.

— Despeitado porque o Domingos foi atravessal-o, elle estava em ajuste na alvarenga a 4\$ rs. e veio o cujo offere-cer 4\$300.

— E que me diz sobre um *arrumador* conhecido por *Cara de todos os bichos*, que mora defronte da sachristia da fre-guezia do *Segura Paredes*?

— Oh, esse é um ladrão finorio. Des-embarca toda noite pelos fundos, assu-car e algodão e de manham larga-se para a *clarificação* do *Mané Casto*, su-jeito conhecido por comprador de furto, aos *Pes de Cocos* e que ja tem freguezes certos que são *João Aganigan*, Fran-cisco Quitandeiro, com *biboca* a S. Se-raphico de Paula e *Cara de todos os bichos*.

— Sim Sr., estou ao facto de sua queixa. Vou ordenar ao muxingueiro que os traga aqui para mandar deitar-lhes ao pescoço uma chapa com o dis-tico—ladrão—afim de serem conhe-cidos.

— Obrigado capitão.

— Capitão!

— Já vem com suas massadas?

— Não é massada, é uma estupidez de certo subdelegado da freguezia d'*Avó de Christo*, que lhe quero contar.

— Ora vamos lá com esta.

— O subdelegado *trimitivo* mandando o escrivão passar um alvará de soltura e como elle tinha de assignar, leu-a e taxou o escrivão de estúpido.

— Mas talvez elle tivesse suas razões para assim o chamar.

— Aqui está o alvará para V. Ex. ler.

— Leia, faz favor.

— «O Sr. carcereiro da prisão de *** vendo o presente por mim assignado, ponha em liberdade ao reu F... *si por al* não se achar preso.»

— Porem, onde foi que o subdele-

gado encontram a estupidez do *escrivão*?

— Diz elle que nesta frase — *si por al.*

— V. sabe que nem tudo é para todos, nem todos para tudo.

— O que quer dizer V. Ex. com isso?

— Está V. na mesma ignorancia do subdelegado. E' que elle ignora esta frase, que na justiça quer dizer — *si não estiver preso por algum outro crime.*

— Ouça mais este bocadinho:

V. Ex. sabe que o *trimitivo* é semelhante a um *carneiro*, que quando dá com a cabeça para uma cousa, ninguem pode com elle. Entendeu que o *escrivão* devia emendar e como o *escrivão* não quiz, elle mandou a um amigo, que nesses negocios de justiça é o unico que para elle *valle de cunha*, que lhe explicasse aquillo e recebeu d'elle o seguinte bilhete:

«Amigo. — Quando V. ignorar qualquer cousa não insista com quem sabe, com quem é capaz de ensinar-lhe. Consulte-me á respeito que estou prompto para dar-lhe as explicações precisas, pois isso é vergonhoso para um subdelegado de Latronopolis ignorar uma cousa tão insignificante que se usa na justiça.»

— E quem lhe contou isso e lhe forneceu esses papeis, é pessoa de consideração?

— Quem me contou e me forneceu os papeis foi o *Rocha*, que me disse ter ouvido do *Gravatinha*.

— V. o que quer! Um homem acostumado a *pegar* em. . . . carangueijos, e hoje negociando com porcelanas e chicaras, do que entende bastante, metteram-lhe na mão a vara da subdelegacia, está atrapalhado.

— Ha de ser isso.

Declaração.

Entre a praga de especuladores que infestam esta cidade, arvorados em *correctores* da imprensa, prima um campeão, conhecido pelo cadete Lidio dos Santos Vital.

Esses especuladores adoptaram o systema de forjarem escriptos contra esta ou aquella pessoa, e mandarem por

sous *agentes* participar indirectamente a aquelle contra quem é dirigido, além de que elle venha *resgatal-o*.

O cadete Lidio é um dos taes *agentes* da sucia.

Consta-nos, que um dia destes apresentou-se em uma padaria com um papel, dizendo que era para saber no *Alabama*, exigindo 50\$ rs. pela sua *retirada*, quantia que baixou a 10\$ rs.

Em vista disso, chamamos a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia para semelhante industrial, que, para exercer suas altas *cavallarias* abusa do nome de terceiro.

Aproveitamos a oportunidade para declarar que, si esta humilde imprensa tem alguma vez retirado algum escripto que diga respeito a qualquer individuo, tem sido só por consideração e pedido de algum amigo, sem que por isso tenha recebido retribuição pecuniaria, nem mesmo a titulo de indemnisação do *trabalho feito*.

A Redacção.

VARIEDADE.

BERNARDICE.

Um irlandez viu um amigo cahir em um atoleiro, e principiou a chamar por grande berraria que o fosse ajudar a salvar o seu amigo. O outro porem estava muito occupado em cortar uma arvore e disposto tambem a conservar por cassoada o atolado na triste posição em que se achava, e perguntava.

— Até onde está atolado?

— Até os tornozellos.

— Ora temos muito tempo para salvá-lo, disse o outro.

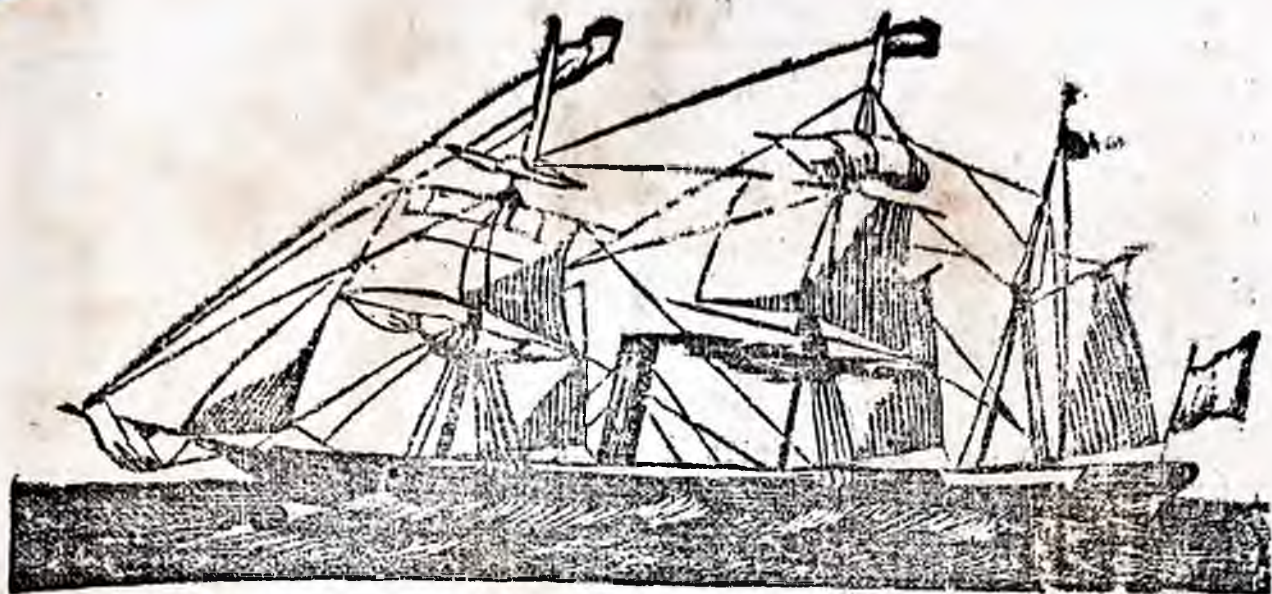
— Não, não temos, retorquiu o primeiro, esqueceu-me dizer que está de cabeça para baixo.

ANNUNCIOS.

A' loja n.º 17 á rua da Misericordia precisa-se de officiaes sapateiros que sejam peritos.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives, loja n.º 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa n. 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

22 DE FEVEREIRO DE 1868.

SERIE 33.^a—N. 327.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 4.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de fevereiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. superintendente do matadouro. — Propalando a voz publica que um agente fiscal dessa reparação tem por sua conta e risco dous talhos na Baixa dos Sapateiros, embora em nome de terceiro, sendo porem quem faz todas as transacções sem nenhuma reserva, sirva-se S. S. de informar si isso é exacto.

Portaria ao muxingueiro Evaristo, ordenando-lhe que va ao Baluarte deitar a bolla em um tremebundo e indomito cachorro, cujo dono, apesar de conhecer a braveza de seu animal, solta-o todas as noites, para andar elle investindo sobre quem passa de madrugada para suas occupações. Cumpra.

— Este governo, que apregoa tanta economia, é o mais esbanjador que eu tenho visto.

— Isso é com os seus afeiçoados.

— Entre outros desperdicios, paga a um homem 80\$ rs. mensaes para tratar de seus interesses.

— E' algum feliz, infallivelmente.

— O Juca feitor do *encaminhamento* do rio *Caromogipe* leva semanas inteiras em casa sacudindo os timbales; entretanto no fim do mez recebe os oitenta bicos.

— Que quer? E' preciso remunerar os amigos.

— A tal obra tem, quando muito, quatro trabalhadores, que nem sempre trabalham, mais que *ganham* constantemente e para quatro trabalhadores paga-se mensalmente um feitor que nunca vae a obra, 80\$ rs.!

— Fazem muito bem; assim è que é o fazer; quem tiver paixão que se merda.

— O carnaval se aproxima.

— Devem apparecer as mascaradas.

— Bobos é o que não faltam; veja aquella turba.

— O que significa aquillo?

— São insensatos, que em ares de procição, vão em ridiculo espectáculo pelas ruas da cidade, dando prova ca-

bal do atordoamento de suas demontes cachollas.

Ah, si os moleques sabem que havia essa palhaçada!

— Que cujos são esses? affectam um ar tão grave!

— E' a sucia spiritista.

— Fazem preces pelas ruas?

— Não.

— Que diabo do disfructe então é este?

— Vão levar a casa de seus parentes um sujeito a quem o grão-sacerdote expelliu o diabo do corpo.

— Que patifaria!

— So um rancho de moleques acabaria com aquella scena burlesca.

— Quem é o curado?

— E' o que leva uma *penna* na mão.

— Ja agora vamos ver isso em que dá.

— Acompanhemos molle molle o cortejo.

— Chegam a porta de casa.

— Olá! girandolas de foguetes, baterias, flores da janella, e mais traquinadas de regosijo...

— Veja: o summo sacerdote é recebido em genuflexão: todos inclinam-se perante elle e quase beijam-lhe as plantas.

Ah meu finorio! bem podias te arvorar em chefe dos *mormouns*.

— Homem, retiremo-nos, que eu receio de mim proprio. Como se pode ver impassivel tão carnavalesca scena!

— O *Diario Fluminense* publica uma carta do theatro da guerra nestes termos:

«QUADROS DA GUERRA.

«O que eu lhe posso afirmar e authorisar para que affirme ao paiz, é que o soffrimento das praças de pret, soldados, e dos officiaes subalternos, é horroroso!

«Figure esses infelizes cercados do pantanos, terrenos alagadiços e miasmaticos, sobresaltados dia e noite, sem descanso de espirito e de corpo, pessimamente alimentados em qualidade e quantidade, pelas difficuldades natu-

raes dos supprimentos, bebendo aguas inteiramente impuras, soffrendo um calor abrasador que os asphyxia, e estatallados, ao abrirem a boca para aspirarem o ar, sentindo entrar-lhes as moscas, mosquitos e *queijandos* aos punhados, ainda mais suffocando-os, e levando-os ao desespero; figure-os chagados, muitas vezes á si mesmo considerando-se immundos, e não podendo calçar-se pela deformidade dos pés, em consequencia da enormidade de bichos que invadem as regiões superiores; figure as dores e os martyrios de tudo isto, expostos ao relento e ao tempo, e terminando estes soffrimentos nas mais tristes agonias! e diga Vm. mesmo á sua propria individualidade, que dolorosas e sentidas commoções não supporta!

«Ver para crer! Era o que eu queria, meu amigo! e que os ministros e *alguem mais* viesse aqui contemplar este quadro horroroso das nossas miserias humanas!

«E quando terá fim este soffrimento! Não sei; mas sei que as queixas e os desgostos vão alto, e haverá quem *oportunamente* laça *alguem* o responsavel dos males, sem compensação, desta guerra desastrosa.

«Depois.....

»Não temos animo, não devemos continuar. Quando destes quadros lugubres chegam ao conhecimento do ser humano nas condicções tristes em que nos achamos, a despeito de toda a energia, uma palavra sentida sae dos nossos labios:

«Paz'»

— O que esperam ver mais nesta terra?

Ha escandalo por mais impraticavel, que não se tenha dado neste infeliz torrão?

Si faltava algum, este factio noticiado pelo *Jornal da Bahia* vae completar o quadro.

«E' CRUEL?— Lá so foi barra fora para o Rio de Janeiro— Modesto, escravo do Sr. Antonio J. Bittencourt, que ha pouco tempo foi accusado pela justiça

publica pelo crime de homicidio perpetrado na rua das Mercês no dia 10 de abril de 1867 na cabra Maria Ignez.

O Sr. Bittencourt, logo que o escravo perpetró o crime, entregou-o á justiça publica para proceder contra elle, punindo-o como fosse de lei: mas sendo a condemnação á açoutes, vendeu-o a uma sociedade, que aqui compra escravos e os revende ao governo para o exercito.

Sob o pretexto de assentar praça, obteve ella, que se não cumprisse a sentença, e foi o escravo entregue aos compradores para ter esse destino; mas Modesto declarou abertamente, que não queria alphorria para ser soldado, e á vista d'isto remetteram-no para o Rio de Janeiro!

Lá se foi o barbaro-assassino da infeliz Maria Ignez, livre e solto, gozar novos ares e novos climas, passear á côrte, onde os compradores, á vista da necessidade de soldados para a guerra, esperam vendel-o ao governo por alto preço para honrar o exercito ou a esquadra com mais este ornamento.

A sentença foi revogada por um novo poder desconhecido e atirada ao esquecimento: não soffreu os 500 açoutes, e nem por espaço de doús annos, trouxe o ferro ao pescoço, como ordenou o juiz!

- Não soffreu os açoutes: porque os compradores não se animariam á offerrecer ao agente do governo um escravo *surrado*, para ser libertado e transformado em defensor da patria.

O agente não lh'o compraria: qualquer que fosse a figura do escravo, immediatamente, que visse na inspecção os vestigios da *surra*, o rejeitaria.

Não trouxe o ferro: porque elle embarcou sem esse trambolho, sem esse incommodo: e si com elle se apresentasse a bordo, não podia seguir viagem, porque indicava estar cumprindo uma sentença e por conseguinte não podia ausentar-se do districto da execução, sendo o senhor obrigado á apresental-o com o ferro ao pescoço á authoridade executora, que é a unica, que pode

mandar tiral-o no dia, em que se complete o praso.

Alguem crê, que se pratiquo attentado, como este, na capital da Bahia?

Superabundam os factos para perfeitamente caraterisar esta situação.»

OS CINCO SENTIDOS CORPORAES.

(Conclusão.)

E que diremos do

Apalpar.

Oh! esse então é um caldo de sustancia, para alimentar as fraquezas da vida.

O sentido de apalpar tom a sua maior influencia nas mãos, porque não consta que se apalpe com outra cousa, apesar de que tambem as vezes apalpamos as flores com a ponta do nariz, e provamos alguns objectos com a ponta da lingua, e então quando ella apalpa conhece o que é doce, azedo, ou salgado.

O apalpar é um sentido tão fino, e tão sublime que não depende de ouvir, e nem de cheirar, pois muitas vezes acontece que indo a gente ás escuras por um logar, as cabeçadas, chega a apalpar muita cousa boa. O apalpar é mais saboroso, quando é practicado com objectos lisos, boleados, macios etc.

O bom medico conhece muitas molestias, só por apalpar; as beatas de capona, quando fazem suas apalpadellas, conhecem si a barriga está inxada, e o que tem dentro, si é indigestão, si é prenhez, e si a creança é macho ou femoa, mas nem tudo se deve apalpar, por que as vezes se acha escaldando bem como o ferro em casa dos ferreiros. Ha meninos tão talentosos presentemente, que apalpando as galinhas, sabem logo para quando é o ovo e tratam de se pôr a espreita para furtar; apalpam-se fructas, e quando estão molles sabe-se que estão maduras.

E basta de fallar nos cinco sentidos corporaes, que por esta vez estão bem esquadrinhados; por conseguinte, levanto a sessão, por ser dada a hora,

cheguem as violas para se dançar a caipora.

Disse. —

A PEDIDA.

— Que casa concorrida à noite!

— Não sabe que é *hotel*?

— Ah!...

— Bê

— Entra gente de todas as nações. O proprietario deve tirar bom lucro.

— Extraordinario.

— Também deve dispendir bastante.

— Pelo contrario, pouco.

— Então é negocio de enriquecer.

— Que duvida!

Basta uma urna, uma tabella, 90 dados numerados, e uma centena de cartões.

— Então é jogo?

— De vispora.

— Sim, eim?

— E' um negocinho bem rondoso.

Cada cartão custa 200 rs.

— Isso é de arrancar.

— E o *bollo* regula 60\$rs., que são cento e oitenta e sete patacas e meia; de cada pataca tira dois vintens ou 7\$500 rs.; suponha que jogam-se na noite doze mãos de vispora, são 90\$ rs. de lucro por noite; dê-se de barato que faça 10\$ rs. de despeza, ficam liquidos 80\$ rs.

— Que pechincha!...

— Ajuize isso das costas do quem sahirá.

— Basta elle ter o negocio seis meses para por meia duzia de rastos.

— O que vale é que a maioria da gente que lá vae é rapazcada caixeiral, gente que pode gastar.

— Ha salafrario de cara mais dura do que esse *Mais cedo*?

— Deixe o pobre alquiló.

— Especie do salteador, converteu em punhal um papelucho e anda assaltando aos desaporecidos pedindo ou a bolça ou a honra,

— Também não é elle só: andam ahí especuladores que até dos pobres botiquineiros mandam exigir 10\$rs.

— Mas a safatez deste casmurro *sobre-sabe* a do todos os mais. Espanta ver o cynismo com que elle anda entre a gente, vendo a cada hora as suas alicautinas descobertas. Ainda hoje publicou-se que elle mandou uma carta exigindo dinheiro de certa pessoa.

— Deixe esse miseravel, que não merece a honra de tratar delle.

— Capitão, uma novidade.

— Diga so.

— Ao Maciel de Baixo, na obra do Sr. Gallino de Souza Barretto, deu-se um roubo celebre. no dia 7 do corrente: a companhia do olho vivo bateu nove em toda ferramenta dos carapinas que ali trabalham a ponto de que se quizeram trabalhar pediram ferramenta emprestada, também 3 portas que existiam feitas, foram-so a vella.

— Houve arrombamento?

— Não havia nenhum vestigio de arrombamento na porta que se encontrou aberta.

— Quem era o chaveiro.

— Um escravo do Sr. Galdino.

— O Sr. que tem feito?

— Nada.

— O escravo o que diz?

— Nada.

— Ja que os artistas, em geral são tratados com tanta indifferença, elles que recorram as authoridades para providenciar a respeito.

ANNUNCIOS.

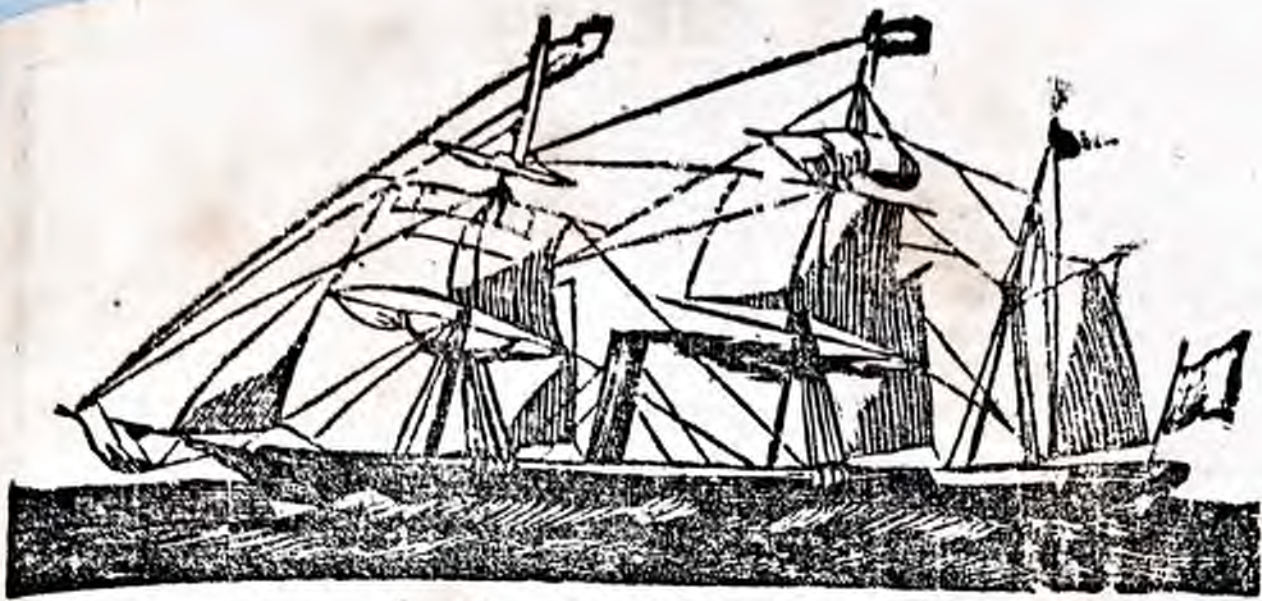
A' loja n.º 17, à rua da Misericordia, precisa-se de officiaes sapateiros que sejam peritos.

No Trapicho 2.º Andrade precisa-se de trabalhadores.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives, loja n.º 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa n. 199, vende-se bom café muido puro.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 25 DE FEVEREIRO DE 1868. SERIE 33.^a—Ns. 328 e 329.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 4.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de fevereiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe de novo, para o socego publico, que dê destino ao energumeno, bebado e insolente, de nome Rocha Lima, o qual, além das immoralidades que pratica, deu agora para invadir as casas e até as repartições publicas.

No dia 17 do corrente, este heroe da caxaça entendeu entrar na meza de exportação, e com o seu mau procedimento, perturbar o expediente d'aquella repartição, gritando e pronunciando obscenidades, sem respeitar a nenhum dos empregados. O porteiro, porém, o advertiu que se retirasse; mas o atrevido ebrio não attendendo, insultou-o com muitas palavras e gestos ameaçadores, sacou do bolço um punbal e desafiou-o para a rua. Ora, vê S. S. que não é possível continuar a vagar pelas ruas desta cidade um bebado de tal calibre, que desrespeita até as

repartições publicas! Com as providencias que S. S. tomar a respeito do correctivo deste caxaceiro, dará mais uma prova de seu zelo e actividade.

—E querem que a guerra se acabe!

—E' o desejo de todos.

—Menos dosse bando de rapinas que estão a cevar as entranhas com as desgraças da patria.

—O Sr. esta alterado: isso é cousa.

—Estou desapontado com a leitura da noticia de um boato que corria na corte.

—Qual era?

—Que sendo remettidas da corte cinco mil bombas para o exercito, ellas não chegaram; entretanto que sabiram do Rio.

—E o governo porque não manda averiguar?

—Eu sei! Talvez julgue bagatella.

—Nada mais facil: deve haver nota do embarque; deve saber-se qual o transporte que as conduziu, e assim é facil de verificar.

—Isso fica em nada, apesar da insistencia da imprensa da corte, que pede ao ministerio da guerra que mande

responsabilisar quem de direito for. Avançando uma a dizer o seguinte:

«Explicarão este e outros factos semelhantes, a demora da guerra, porque o governo ou *seus agentes e alliados*, por incuria ou motivos menos confessaveis, e mais ignominiosos, FORNEÇAM O INIMIGO de petrechos bellicos?»

—Capitão, será algum prodigio ou accaso?

—Si ou não sei do que V. falla, como lhe hei de responder?

—V. Ex. tem ido ao cemiterio da Quinta?

—Ha muito que lá não vou, nem desejo ter occasião.

—Pois si fosse, veria uma cousa que lhe daria tratos á imaginação.

—O que é?

—Sobre o carneiro em que está sepultado Fr. Chagas, brotou uma linda planta em forma de capella, que admira a todos os que la vão.

—V. viu?

—E como eu, todos os que tem ido áquelle logar.

—Os que se abatem na terra serão exaltados no ceu. Pode ser muito bem um milagre.

Fr. Chagas era o typo da humildade.

—E o symbolo da charidade.

—Seja lá o que for, eu como sou curioso vou tambem ver.

—Boa pilheria!

—Si não fosse o escandalo era caso para rir a escangalhar.

—Qual escandalo!...

—Pois não! Aqui no largo de S. Bento!

—Logo que é praticado por gente de farda, deixa de ser escandalo.

—São de artilharia?

—São.

—Mas como elles poderam filar o Magestade pelo *garguello*, que o pobre homem vae como um carneiro, sem lugir nem mugir?

—Eu lhe conto. O Magestade estava alli a *macaquear*. . . os costumes da cidade que ardeu fogo. *Enlevado* em sua obra, não viu os travessos guardas que

vioram pé ante-pé com um laço de brabante e o fígaram. Quando o homem deu accordo estava preso.

—E não pode soltar-se.

—Qualquer movimento que elle faça para livrar-se, os sujeitos esticam as pontas do cordel e com as dores elle submete-se.

—Que obra! . . .

—E' das taes de ribombomalha!

—E si não o soltam agora alli a entrada da rua do Baixo, podiam leval-o até o fim do mundo, como um burro pelo cabresto.

—Esta guerra do Paraguay tem sido uma mina!

—Ora!

—O *Diario Fluminense* em um artigo — *delapidaciones por conta da guerra* — entre outras melgueiras, conta que um feliz agente do ministerio da marinha foi encarregado de ir a Montevideu entender-se com um official de marinha tambem escolhido da confiança do ministerio, porque é afilhado de uma de suas potestades protectoras, para effectuar a compra de trilhos de ferro para a estrada do Chaco, tendo autorisação e podendo — sacar largamente; — e que esse — feliz — «commissionado» de facto indo para Montevideu, poudo conseguir que a companhia da estrada de ferro dessa cidade, ou agencia da mesma companhia, estando em condições de assentar os trilhos, recebesse uma offerta tão feliz por esses trilhos, que não duvidou cedel-os para mandar buscar outros na Europa, demorando o assentamento, porque as vantagens valiam a pena!

A compra dos trilhos foi em tão larga escolha e tão sem calculo, que depois de utilizados na estrada do Chaco, sobbraram para cima de 400 toneladas delles.

O gerente da companhia de Montevideu, tendo necessidade urgente de trilhos, procurou recomprar as sobras ao governo brasileiro e ajustou que lh'os cedessem pelo preço porque tinha vendido.

No acto da entrega, tirou-se-lhe a

conta a razão de quinze e meia libras por tonelada.

O gerente espirrou com a conta por exorbitante e disse que o contracto era vender o governo os trilhos pelo preço porque tinha comprado a companhia.

Respondeu-se-lho que o agente brasileiro tinha comprado ao preço de 15 e meia libras; tal era a conta apresentada por elle ao governo.

Então o gerente foi buscar os livros e escripturação da companhia e provou que os trilhos foram vendidos a DEZ libras por tonelada e não a 15 e meia!

—Quo ganancia!

—Verificou-se então que o governo havia sido enormemente lesado; pagando a seu agente a razão de 15 e meia libras por tonelada, quando elle comprara a DEZ!

—Isto é uma mamata do mais de 50 por cento do que realmente se despendera!

—Para cousas semelhantes, continua o *Diario*, é claro, torna-se indispensavel que o povo soffra os effeitos das oscillações do cambio, pague impostos—pessoaes vexatorios—e suporte a—paternal solicitude—e o—patriotismo economico—deste governo, pela confiança e vontade de quem... tudo pode nesta terra.

—De nada serviu o Sr. Dr. chefe de policia publicar o seu edital prohibindo o entrudo um mez antes, porque só não brincou quem não quiz.

Na Preguiça jogava-se agua á valer, sem consideração á pessoa alguma; na ladeira do Aljube tambem brincou-se em alta escala; no Paço do Saldanha, em algumas casas, cujos chefes são de pouca moralidade, não se respeitava a ninguém; no Taboão, as meretrizes não deixavam pessoa alguma passar enchuta; nas Portas do Carmo tambem a cousa não ficou esquecida, alem de outras ruas que seria enfadonho mencionar-as.

O filho do pharmaceutico Barboza andava no domingo com uma caixa de charutos cheia de laranginhas a jogar para os sobrados, na rua do Saldanha,

o gritando para quem quizesse ouvir—que não contava com a policia!

—Pois ainda não se deixaram deste barbaro, estúpido e reprovavel brinquito?

—Mas V. o que quer, si o chefe publica um edital e logo abaixo a postura A, que prohibe tão prejudicial divertimento e não dá as providencias precisas para que seja observada a dita postura com rigor.

—Eu ouvi dizer que o proprio chefe de policia, passando por uma rua, umas moças bonitas lhe jogaram algumas laranjadas e elle as puniu com a postura da cortezia.

—Tambem já ouvi fallar nisso.

—A policia que tome suas competentes medidas, para que hoje, o ultimo dia deste grosseiro divertimento, sejam respeitadas suas ordens e não se infrinja tão escandalosamente a postura A, que prohibe essa nociva brincadeira.

—Capitão, quero que me diga uma cousa.

—Si souber.

—A razão porque dando quatro horas da manha a cidade está em trevas?

—Porque á essa hora os lampeões estão apagados.

—Mas a companhia não tem obrigação de apagal-os ás cinco horas e meia?

—Tem.

—E então?

—Quanto a isso entenda-se com o Sr. fiscal da illuminação.

—E' notavel! Alem dos lampeões darem luz densa e crepitante, de madrugada anda a gente ás escuras a metter os pés em quanta buraqueira e lamaçal ha pelas ruas desta cidade.

—Isso é nada; outro dia vi um sujeito que foi de ventas sobre um penico cheio a transbordar.

—Em que deploravel estado não ficou o misero!

—Teve de voltar para casa para se ensaboar, e por essa razão perdeu o dia de trabalho, porque excedeu a hora do ponto.

—Entretanto que a companhia faz um lucro notavel com essa calculada economia.

—Quer ver o estado do paiz?

—Faça o esboço.

—Esta correspondencia pinta-o do

corte, 15.

«No estado a que chegaram as cousas deste paiz, graças ao *progressismo* e a tudo quanto acaba em *ismo*, ninguém deve admirar-se si amanhã apparecer na praça publica o medonho phantasma da anarchia.

«Nesta corte ha um panico geral. Tudo parece indicar que estamos atravessando um desses periodos de incertezas em que uma só idéa preoccupa todos os espiritos—*salve-se quem puder*.

«O commercio de importação está agitado com a execução do celebre regulamento, que obriga o importador a pagar em ouro 15 por cento de direitos!

«O comercio de exportação está agitado com a baixa do algodão e ultimas noticias da Europa, que ainda dão como frouxos quasi todos os mercados.

«Os commerciantes em geral estão agitados com a horrivel perspectiva do cambio, cujos effeitos na presente quadra são um verdadeiro desastre financeiro.

«As *altas regiões* estão agitadas, porque, segundo a voz publica, ha serias desintelligencias entre *personagens* de primeira plana...

«A imprensa está agitada por causa de um artigo contra o illustre marquez de Caxias, publicado em uma folha ingleza subvencionada pelo governo.

«O povo está agitado com a horrivel miseria que o acabrunha, com as violencias do recrutamento, de que está sendo victima nas barbas do governo imperial, com a falta de trabalho e grande alta de todos os generos de primeira necessidade, finalmente com todo esse cortejo de males que lhe vao

tirando toda a esperauça de melhores tempos.

«Só não se agita o ministerio para fazer o bem: porque os sete homens que o compõem tem cousas mais serias em que se occupar nas suas provincias, com excepção apenas do ministro do imperio, que deixou aos outros o cuidado da *sua ninhada*, para dormir de dia e passar as suas noites no Alcazar.

«Como se tantos males ainda não fossem de sobra para desanimar-nos, aqui estão alguns negociantes á declarararem, que só venderão os seus generos á ouro! Entre elles nota-se um grande importador de farinhas de trigodos Estados Unidos, que intimado pela policia para que não fizesse tal exigencia aos compradores, declarou com a maior sem cerimonia deste mundo, que então reexportaria para a Enropa toda a farinha em ser no seu deposito commercial.

«Só faltava a crise do pão; para gloria do *progressismo* tudo é pouco.

«Esta cidade está sobrsaltada com as noticias diarias de roubos e assassinatos audaciosos.

«Ha quadrilhas de ladrões nos proprios arrabaldes. Ultimamente, a casa de um rico visconde tem sido sitiada, á noite, por vultos mysteriosos!

O CARNAVAL.

Eram celebradas no mez de março indecentes ceremonias pelos pagãos em honra de Baccho, deus dos vinhos, a que appellidavam—*baechanaes*: e eram feitas em certo logar da Attica, onde aquelle deus tinha um templo. Chamavam-se *baechantes* as suas sacerdotizas, as quaes costumavam andar de noite pelas ruas com tochas accesas e cobertas com pelles de tigre ou de panthera e as vezes coroads de pampanos e hera, trazendo varas engrinaldadas d'esta erva e de folhas de parra.

Atroavam os ares com horrorosos gritos ao som de timbales e clarins.

As *baechanaes*, festas de inteira immoralidade e depravação, de que acima fallamos, e em cujo tempo era permitido praticar-se toda a sorte de ex-

travagacias, correspondiam mais ou menos ao tempo em que hoje se celebra o entrudo ou carnaval de nossos dias; e alguns ha que pretendem ter este brinquedo sua origem pagan, e ser uma modificação das antigas *bacchanas*, não obstante pertencerem estas a uma remota antiguidade.

O certo é que tudo se arruina e destroe com o volver das epochas; mas as festanças populares e generalissimas do entrudo tem a sua tradição desde as mais remotas eras, e por isso mesmo que eram de costumes dissolutos e licenciosos, transpezaram incolumes as destruidoras vagas dos tempos, chegando até nós, com pequenas alterações apenas.

Encontram-se memorias das festas do entrudo não só entre os romanos, mas tambem entre os gregos e os egypcios; e sempre ellas trazem uma idéa de alegres e soltos passa-tempos.

E não ha muito que entre nós era o entrudo um brinco incivil e quasi propriamente de selvagens.

Consistia elle em fazer-se presentes a qualquer transeunte de toda a especie de liquidos, desde a agua perfumada de espiritos e essencias agradaveis até as misturadas de pós coloridos, aguas sujas, oleozas e insuportaveis!

Grupos percorriam todos os cantos da cidade e por toda a parte cada um de seus membros fazia por distinguir-se bem em suas gentilezas; sendo de funestas consequencias muitos de seus encontros com as pessoas que junto d'elles passavam.

Durante os tres ultimos dias do entrudo difficil era ver-se pelas ruas, outra cousa que não fossem as folias do entrudo.

O despejo d'agua foi prohibido nos logares mais civilizados, e o nome de entrudo foi substituido pelo de *Carnaval*; e hoje esta festa consiste em mascararem-se e disfarçarem-se os que n'olla tomam parte, representando costumes antigos e figuras com alguma allusão jocosa ou satyrica; são-lhe destinados os tres dias que precedem á Quarta feira de Cinza, e se termina em

alguns logares por sumptuosos e magnificos bailes.

O carnaval de Roma e o do Veneza, que são talvez os mais divertidos de todo o mundo, começam mezes antes da quaresma. Em França, desde o dia de Reis ja se conta o Carnaval. E em Portugal, eram os seus divertimentos ainda ha bem pouco tempo quasi silvestres e ferozes; dizia ha pouco um escriptor que elles similhavam batalhas, de que não era raro ficarem muitos feridos ou mortos.

A QUARTA-FEIRA DE CINZA.

A tocante e melancholiza cerimonia das cinzas, que se celebra amanhan quarta-feira, foi instituida pela egreja como o symbolo expresso de mortificação e penitencia, e um signal sensivel e desde muito praticado para exprimir a dor e a afflicção, e data desde os primeiros tempos do christianismo.

Antes da missa d'este dia, abençoa o sacerdote as cinzas a que são reduzidas para este fim as palmas que se benzeram no anno antecedente, e foram levadas em precissão no domingo de Ramos; tomando-as entre os dedos faz uma cruz sobre a testa dos devotos, que correm a este acto, repetindo esta memoravel sentença proferida contra Adão pelo Autor do universo. — «Lembra-te, ó homem, que és pó, e em pó te has de tornar.» (*Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem revertéris.*)

O dia de cinza abre a porta á penitencia, como a penitencia conduz á resurreição.

Na cerimonia das cinzas imitamos o que faziam os prophetas, os antigos reis, os santos patriachas e as celebres heroínas do velho testamento, que cobriam a cabeça de cinza, se vestiam de saccos e passavam dias inteiros em jejum, envolvidos no pó em signal de sua dor e penitencia, para implorarem a Deus a sua misericordia, e o perdão de suas faltas, de que assim se mostravam exteriormente arrependidos.

— Uma encommenda de nova especie.

— Vejamos.

— Um inglez que foi á poucos annos para a California, aonde as mulheres são ainda rarissimas, fez ao seu correspondente de Londres a seguinte encomenda:

«Tendo resolvido fixar o meu estabelecimento nesta cidade, aonde pretendo demorar-me alguns annos, resolvei-me tambem a casar; e como eu não possa encontrar aqui uma mulher que me convenha, em razão de serem muito raras, e essas poucas que ha, muito procuradas, rogo-vos que me envieis no primeiro navio, que partir para este porto, uma *donzella* com os seguintes predicados; — Primeiramente desejo que a sua idade não seja menor de 15, nem maior de 22 annos, e que pertença a uma familia honesta — que seja de estatura mediana, e bem proporcionada — d'um semblante agradável, de genio docil, e mais que tudo de uma reputação illibada — é essencial que tambem goze boa saude, e que seja d'uma constituição forte para suportar os encommodos da viagem, e a mudança do clima; emfim é preciso que seja tal, que não me veja obrigado a encommendar-vos outra na falta desta, o que me traria graves inconvenientes, visto a precisão que della tenho, a grande distancia que nos separa, os perigos do mar que é preciso correr, e sobre tudo as despezas de transporte. Por todos os gastos que fizerdes com o seu embarque, seguro vossa commissão etc., podeis sacar sobre mim, que eu me obrigo a fazer bom o vosso saque, e a esposar a portadora aos 15 dias de vista, si chegar bem acondicionada e sem avaria.»

O correspondente da ilha das batatas e do carvão de pedra, leu com toda a placidez d'alma esta carta singular, na qual o seu amigo — homem eminentemente commercial — trata da sua futura esposa da mesma maneira como si fosse um pacote de fazendas. Lida a carta, e tomada a competente nota da encomenda que nella vinha, o sisudo inglez tratou immediatamente de executar com toda a pontualidade a ordem

do seu patricio. E depois de algumas indagações, sem muita difficuldade achou o objecto desejado n'uma meça mui amavel, mas sem fortuna, a qual promptamente accitou a proposta do inglez. Feitos os necessarios arranjos para a longa viagem, seguiu-se o seu embarque para a California, o que teve logar em um vapor, que tambem levou a seguinte carta:

«Logo que recebi a vossa de 17 de abril p. p. tratei de dar cumprimento á espinhosa encomenda que nella me fazeis; e tendo depois de minuciosas informações sabido que *Lady R.* tem todos os requisitos, que na mesma mencionaes, fiz-lhe saber a vossa proposta á qual ella promptamente annuiu. — Em virtude pois da vossa ordem embarquei neste vapor a dita *Lady R.*, que ficou importando posta a lado como vereis da inclusa factura, em L. 50., 10., 7; por cuja quantia tenho sacado uma letra contra vós a 15 dias de vista. Lisongei-me de que ficareis satisfeito da maneira porque executei a vossa ordem.»

O vapor chegou felizmente ao seu destino, e o inglez ancioso para ver a sua encommendada, achou-se na occasião do seu desembarque. Foi então que viu sahir de bordo uma bella e elegante menina de 18 annos, a qual ouvindo o nome do inglez lhe disse: senhor, eu acompanho uma letra, sacada sobre vós, que vos hade ser apresentada: espero que será paga

Ainda a joven não tinha bem acabado de pronunciar estas palavras, e já o nosso inglez com cara de pascoa, lhe estava dizendo: minha querida — eu nunca deixei protestar as minhas letras de cambio, eu vos juro que não faltarei a esta. E com effeito a esta entrevista seguiram-se logo as nupcias, e este casamento é hoje um dos mais felizes da California.

— Provavelmente não hade faltar, entre as nossas amaveis leitoras, quem nos diga: — e isto será verdade?

Pois os inglezes que parecem homens tão polidos, hão de tratar assim as senhoras? A uma tal pergunta so vos

cumpro responder, que não nos responsabilizamos pela sua veracidade por que são noticias estrangeiras; mas o que podemos asseverar é que ainda não ha muito tempo, que nós vimos em letra redonda, que um dos taes *bifes* levou a sua propria mulher á feira por um cabresto, e que ali a vendeu por 5 schellings — os quaos elle immediatamente permultou em *grogs*, que mui alegre bebeu com os seus amigos.

LA VAE VERSO.

DIALOGO ECONOMICO

MATHEUS E ANDRE

Matheus.

Bons dias, meu compadre, como passa?
Como vai a afilhada e a comadre?
Você vive entretido la na caça,
e ja não aparece na cidade!

E' preciso saber, que la na roca,
ate um pobre homem s'embrutece:
e vae se lhe achatando a pobre bossa,
qu'ate, que ha Deus e mundo, agente esquece

Traga à festa, a comadre e a afilhada,
frequente as reuniões, e os saraus,
è verà sua filha fe-tojada,
pelos moços d'aqui que não são maus.

Assim faz quem tem filhas casadeiras,
P'ra as fazer ficar desembaraçadas,
La na roça só sabem habuzeiras
Crescem e vivem sempre amatutadas.

André.

Abrenuncio, compadre! O que è isso!
O que tem que está assim tão izaltado!
O' compadre! botaro-le feitiço,
Ou quebranto: ou antouse é mao olhado!

Eu trazer á cidade a minha filha!
E p'ra quê me aconselha tal asneira!
P'ra servir de palitro á algum pandilha,
Que so quer defamar moça solteira?

Ensinal-a a mentir: dizer bobages!
Ensinal-a a cair-se: a arrepira-se?
Ensinal-a a correr nas carruages,
P'ra depois disso tudo não cassar-se?

Ensinal-as a andar aquajo nuas,
esquecendo o decoro e a decencia,
arrastando a nobreza pelas ruas?
Minha filha não vem; não dou licença.

Acho muito jocoço, uma senhora
fazendo balançar o seu balão;
gosto muito da moda qu'anda agora,
que imita a mulher, um rabeção.

E ver festas a donde? Na igreja?
A donde ja não ha mais devoção?

A donde não ha mal que se não veja?
Mudou-se em almazem de sposição!

.....
.....
.....
.....

Va hoje a vossa, e me dirá na volta,
Se vio moços rezar ou se benzer,
Hade ver o namoro a redea solta.....
E' o que o meu compadre hade lá ver.

Hade ver os enfeites, os frizados;
as modas em furor: o dezabuzo,
Hade ver os Janotas esticados,
c'o bigode retorcido em parafuzo.

E toca a trabalhar! Que tiroteiro!
Foi caso peneirado n'outro dia,
e pode publicar-se sem reccio,
que na igreja s'inventou a tlegafria.

Os saraus serve so para os rapazes,
que finge suspirar, quando estão rindo;
ali mesmo se briga, faz as pazes,
arrufam-se outra vez, sempre fingindo!

As meninas aprendem a mentir,
pois que dizem aquillo que não sentem,
Aprendem a chorar, e a se rir,
mentem fallando, se calladas mentem.

Nada! Nada: dexemos de progresso,
S'o progresso é só esse, meu compadre:
deixe a bossa achatar-se, qu'eu le peço
fique a sua, redonda, na cidade.

Socegue, meu compadre, que a Delfina,
vai bem sem festa, e sem vestido novo:
ella so sabe o que sua mãe le ensina,
e não dá que fallar a voz do povo.

Não emgana ninguem; e se algum dia,
Eu achar um rapaz bem comportado,
ca da cidade não, mas la da freguezia,
Antouse eu cuidarei em dár-lhe estado.

Eu heide conservar, santos e puros,
Os uzos que aprendi de minha avó,
Que suba o mundo vinte e cinco furos,
Na sua retaguarda ficarei eu so!!

Alves.

A PEDIDO.

ARÉAS.

Sr. Redactor. — Deparando o abaixo assignado com uma correspondencia publicada no *Correio Mercantil* sob n. 44, em a qual se declara que um irmão do Dr. Manuel Thomaz Pinto Pacca, ex-alferes do exercito, fora cbamado na cidade de Aréas pelo Sr. Anacleto para apresentar seus titulos e podendo tal

circumstancia ser attribuida a sua humilde individualidade, declara que ha 3 annos reside nesta provincia, alem de que Anacleto, este agente do piquete de assassinos daquella malfadada cidade, não olevaria o seu arrojo, apezar da immoralidade que nos domina, ao grande lhe exigir titulos, ainda mesmo quando aconselhado pelo infame Dr., filho do padre ladrão das gamellas do ouro do cap-tão-mór.

Voltarei si a isto for arrastado.
Sou, Sr. Redactor

De V., etc.,

Augusto Pinto Pacca.

Bahia 23 de fevereiro de 1868.

— Sabe me dizer em que estado va a capella do Aporá?

— Ora! Aquillo é obra da Sé.

A bom andar as paredes tem quatro palmos d'altura.

E os vinte e quatro contos?

— Essa é boa! Estão guardados em mão do empresario.

MOTTE.

*Quem neste mundo ja viu
Carangueijo fazer verso?*

GLOSA.

La de um lameiro surgiu
Certo bichinho aleijado,
Dizendo estar namorado;
Quem neste mundo ja viu
Mas como Deus consentiu,
Sua vinda ao universo,
O caretinha disperso
Quer aos collegas provar
— Que não é de admirar
Carangueijo fazer verso.

OUTRA.

Forte paixão contrahiu
Um aratú namorado,
Dizendo estar desgraçado
Quem neste mundo ja viu.
Sua paixão exprimiu
Em desgosto todo immerso
Dizendo que o perverso
Ganhamu degenerado
Tambem tinha censurado
Carangueijo fazer verso.

VARIEDADES.

A' PROPOSITO.

Quantos são os inimigos da alma? Perguntou o confessor a um rapaziño.

— Deus, respondeu o rapaz sem vacillar.

— Como deus?

— Sim meu padre, o mundo e o diabo,

— E então a carne?

— Essa, como está muito cara, ja não entra em minha casa, e deixa de ser um inimigo para minha familia, a qual sempre se queixava quando a couiamos, que era vendida com muito osso.

Dois camponezes foram a uma grande cidade encomendar um quadro para o altar mór da sua egreja, em que representasse o martyr S. Sebastião. O pintor perguntou-lhes si queriam que representasse o santo vivo ou morto. Essa pergunta embaraçou-os e por isso entraram a se consultar reciprocamente; depois do que o mais desembaraçado disse para o pintor:

— Pinte o santo vivo, porque si os nossos patricios o desejarem morto, lá o mataremos.

Um criminoso em Roma tinha sido condemnado a morrer de fome na prisão. Sua filha podendo abi ser introduzida, sustentava-o com o seu leite. O senado informado d'este acto heroico de amor filial, restituiu o pae à filha, e no lugar da prisão mandou erigir um templo á piedade.

Como sabes tu que Deus existe? perguntou um viajante da Europa a um arabe do deserto. A aurora tem necessidade de alguma tocha para ser vista? respondeu gravemente o arabe.

ANNUNCIOS.

COSINHEIRA

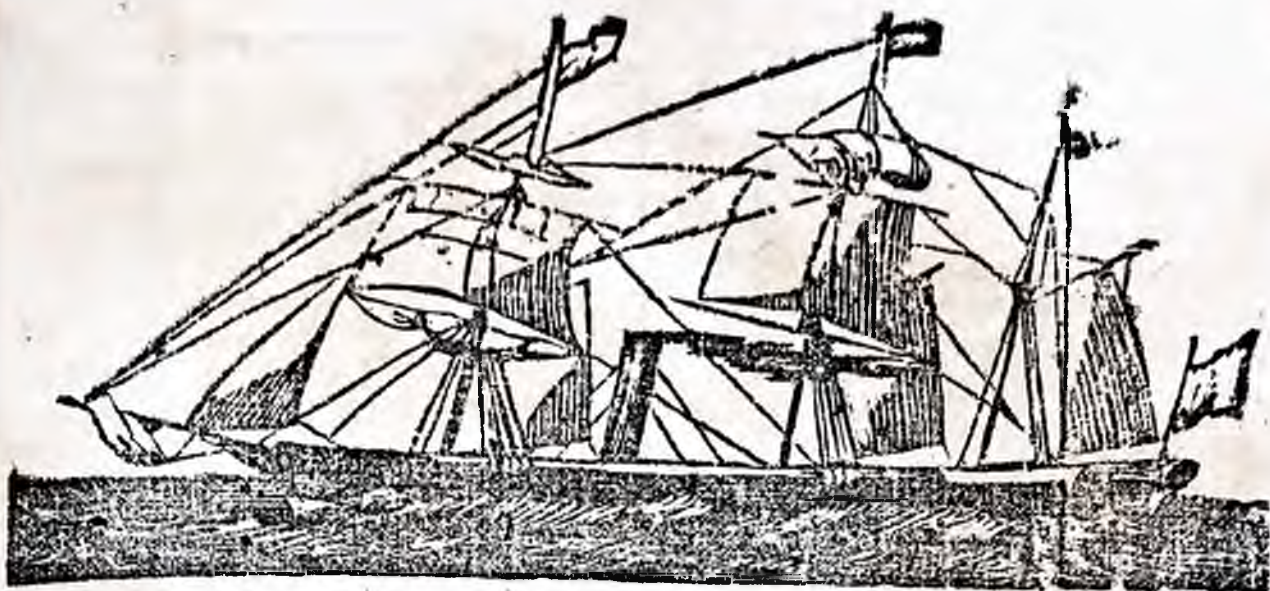
Precisa-se alugar uma que seja diligente e acciada, prefere-se escrava, pague-se bem agradando — a tratar em S. Bento na casa unida ao Collegio 2 de dezembro.

No Trapiche 2.º Andrade precisa se de trabalhadores.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives, loja n.º 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa n.º 199, vende-se bom café muido puro.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHIUSTOSO

BAHIA—ANNO VI. 27 DE FEVEREIRO DE 1868. SERIE 33.^a—N. 230.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de fevereiro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe que mande syndicar da veracidade do seguinte facto, e se digno de providenciar no caso que seja elle exacto.

Informam-nos que, hontem 25, um Sr. alferes no deposito de recrutas ao forte de S. Pedro, esbofeteara descommunalmente a um moço que fôra para alli recrutado e que está provando sua isempção, pelo simples facto de não querer se sujeitar a comer no rancho, visto que da casa de sua familia lhe vae o sustento, e que tomando o mencionado alferes essa recusa como orgulho, o quiz coagir por meio de pancadas a comer.

Sendo claro que o recrutado emquanto prova sua isempção, não está sujeito ao regulamento de guerra, e quando estivesse, um official qualquer não pode, a seu bel-prazer, inflingir castigo corporal e muito mais ignomi-

nioso, como sejam bofetadas, espera-se da rectidão que distingue o character de S. Ex. e que o torna um dos ornamentos da classe militar, que preste o mais serio apreço a caso de tanta gravidade, afim de que si for exacto seja punido o delinquente.

—Ao Ilm. Sr. superintendente do matadouro publico, fazendo-lhe sciente de que a voz publica dá como notorio o sabido que parte da carne que sobra diariamente é revendida em diversos pontos, havendo maganos que já tem freguezes certos, os quaes deixam de ir ao açougue á espera da melgueira de carne barata; e como isso seja uma clandestina extorsão que se faz aos creadores, espera-se que S. S. mande pesquisar convenientemente, alim de que, no caso de ser exacto, como é bem provavel, seja punido quem culpado for.

—A' gerencia da companhia do Gaz, prevenindo-a de que deve dar providencias, afim de que os seus accendores sejam mais cuidadosos na limpeza dos lampeões, os quaes, embaciados como andam constantemente, muito concorrem para que a illuminação quo

ja é fraca, se torne mais turva, principalmente na Calçada. Espora-se que a gerencia tomará medidas á respeito.

— Certos actos religiosos, fôra melhor supprimil-os do que conserval-os; afim de evitar os escandalos que delles se originam.

— Aponte um.

— A distribuição da cinza nas egrejas no dia de hoje. Parece antes um pagode, do que um acto solemne e de summa gravidade.

— Quer então que a cerimonia se resuma ao officio divino?

— Sim Sr., por que assim a casa de Deus não será o theatro de tantas scenas reprehensiveis e immoraes.

Mulheres alvoraçadas, perfeitas regateiras, affluem aos cardumes e na anciania de qual primeiramente adiantar-se, praticam toda sorte de immoralidades e depravação; rapazes libertinos e dissolutos vão para alli fazer assuada e praticar licenciosidades.

Os empurrões, as vozerias, as recriações insultuosas, os ditos obscenos, as apalpadellas, o altar em que fica o sacerdote profanado, são quadros cuja exposição não falta na distribuição da cinza.

— Nas mãos do Sr. arcebispo está, si quizer, sanar essa deponente miseria.

— O edital da policia prohibindo o entrudo foi uma completa irrisão.

— Uma burla ridicula.

— Um laço armado á credulidade daquelles que se julgaram garantidos a andar na rua por esses tres dias de furor entrudal.

— A policia devia ter consciencia de sua impotencia para se fazer respeitar, e da inefficacia e fraqueza de seus meios para pôr em execução o cumprimento da lei.

— Ora si tinha.

— Entretanto arreganhou-se toda, publicou editaes, expediu circulares e blasonou cheia de assomos, para depois consentir que, em suas barbas, se me-

noscabasso das ordens quo dera, cruzando os braços ineptamente.

— Eu sei até um subdelegado em cuja casa se vendiam laranginhas.

— Não houve rua desta cidade em que se não jogasse agua.

— E houveram seus conflictos. Em S. Francisco de Paula, um cavalleiro, depois de molhado, levou uma horrenda pedrada, que o estendeu ao chão: supponho que foi soccorrido pelo Sr. Dr. Gordilho.

— O memoravel Evaristo, o espião secreto da policia, o agente da *confiança* dos Srs. Teixeira e Comp., brincava escandalosamente entrudo na rua do Saldanha.

— E o Sr. Azambuja de sua janellaria-se a bandeiras despregadas ao ver a caterva de tambores, na Praça, emporcalhar a cara de todos os pretos que passavam.

— Por isso um filho de S. Ex., que sahio á passeio com o Sr. Dr. José Felix, não escapou: levaram ambos um banho em regra que lhe deram umas meretrizes da rua Direita de Palacio.

— Ainda os que molhavam só, era bom, e os que insultavam e maltratavam, como os moradores do 2.º andar da casa n. 3, á rua do Collegio, quo não só molhavam como atiravam cascas, pedras, cacos de quartinha, e davam vaias, isso até depois das 11 da noite?

— Nessa casa que V. falla, mora um moço que diz ter *intimas relações* com o Sr. delegado.

— Ah, é por isso que passando a patrulha bradaram elles — *a casa é n. 3, si quer tome nota.*

— Infracção e escarneo.

— Também um inspector da freguesia da Sé molhou um guarda nacional do 6º. e como este o advertisse que tal não podia fazer, o homem irritou-se e gritou — *patife, não sabe que sou inspector?*

— Está direito... tinha a faculdade na maiga.

— Mas parece que elle fez isto por estar também *molhado* por dentro.

— Eu não escapei, levei dous banhos também: um de umas filhas de Jeru-

saem ao Maciel do Cima, e outro na rua de Baixo da casa do azulejos ao pé da do Sr. Miguel de Teivo.

—Engraçado era ver o sacristão da Sé a brincar de dentro da sacristia.

—Vi um sargento de policia em ceroulas, atraz da Sé, a pintar a cara dos pretos?

—E' um que mora ahi na casa n.º. 30.

—Justamente.

—Das Portas do Carmo ao Pelourinho a tormenta foi geral, sobressahindo as casas dos Srs. Teixeira Barbosa e Firmino Pereira da Costa, cujos escravos, de parecia com um da viuva Santos, fizeram proezas.

—E a policia estatica a presenciar toda essa descovoltura.

—E na impossibilidade ou deleixo de reprimir o abuso ria-se aparvalhadamente.

—Ora diga-me.

—Si souber.

—O que entende por uma repartição publica?

—Por uma casa franqueada a todos, menos os logares reservados.

—Pois enganou-se.

—V. é que anda excogitando asneiras para massar-me.

—Ja lhe disse, ha repartições publicas com restricções.

—Homem vá se emgomar de buzio.

—Ora estat! Pois vá na repartição de obras publicas, que dou-lhe um doce se passar da entrada para dentro sem dizer ao porteiro que negocio vae tratar.

—V., si não tem o que fazer abra o olho e apanhe moscas, que é melhor do que vender bullas falsas.

—O bonito é ver; experimente.

—Rapaz, onde não se pode penetrar é das grades para dentro.

—Enganou-se; na repartição de obras publicas não se põe o pé do batedente para dentro sem dizer o que se vae fazer.

—Não se vae a taes logares sem negocios.

Por tanto, si ha tal disposição é systema jesuitico.

—Não sei, o porteiro diz que é ordem do presidente.

—Ou então ha algum ninho de rato por alli, que é preciso entrar com cautela para não desmanchar.

LA VAE VERSO.

AONDE A MULHER MIJOU.

Seja o mais verde capim,
Ou planta de folha rija,
Si em cima a mulher mijou
Morreu, seccou, levou fim;
Esta ourina é tão ruim
Que, quanto toca, matou;
Até um dia chegou
O proprio ferro estallar,
N'aquelle mesmo logar
Aonde a mulher mijou.

E' um mal tão pestilente
A ourina da mulher,
Que, quem viver não quizer,
Beba; expira de repente:
E' castigo, é fogo ardente,
Que Deus no mundo deixou;
Quem tal ourina pisou,
Curar-se não mais precisa;
Pois não escapa quem pisa
Aonde a mulher mijou.

Eu vi um velho, coitado,
Por pisar em tal ourina,
Ficar c'uma perna fina
E c' um pé todo chagado:
Ficou caspento e pellado,
Emfim enorme ficou,
Tudo o que teve gastou
Em mil remedios que fez,
Por pisar uma só vez
Aonde a mulher mijou.

Si accaso for de creança
O mijo que alguem tocar,
Pode ter para escapar
Ainda alguma esperanza:
Mas de moça, ou de carrança
Diga logo-- morto estou—
Porque ninguem encontrou
Inda remedio em botica,
Que curasse o mal que fica
Aonde a mulher mijou.

A PEDIDO.

— Viu a resposta que deu o vigário de S. Pedro a uma accusação que lhe fizeram no *Jornal*?

— Não adiantou nada.

— Além do usar de termos improprios do caracter sacerdotal, não se justificou.

— E' celebre maneira do defeza!

— Arguido de falta de charidade para com um seu parochiano, quer saber quem o accusa, para *discutir*.

— Si eu me dêsse com elle lhe diria que pouco importa saber d'onde vem a aggressão; o que cumpre é liquidar si S. Revma. commetteu ou não a falta que lho imputam.

Despertaê, oh brasileiro!
Escutaê da patria o grito,
Soccorrei, tambem sois bravos,
Aos vossos irmãos afflictos.

Brasileiro não tem vida
Para zelozo poupar;
A vida pertence a patria,
Por ella devemos dar.

A patria curvada gemo,
E sobre vós ergue a fé;
A' uma mãe moribunda
Velem seus filhos ao pé.

Recostaê-a em vossos peitos,
Sustentaê-a em vossos braços;
Chamaê-a á vida, e depois
Folgareis em seu regaço.

Ja murmurando a victoria,
Começam os batedores,
A custa de suas dores
Erguem o pendão da gloria.

E si a luta for tão grande,
Que offereça — ultima hora —
Espire nos vossos labios,
Erga-se o pendão de gloria.

— Adeus, meu conquistador.

— Eu?

— V sim.

— Sou um ministro do paz e amor.

— Eu lhe creio.

— Minhas vestes, o provam.

— E suas obras o desmentem.

— As conquistas que eu faço, são de almas transviadas, com minhas consolações na *enfermaria dos pobres*, na hora extrema.

— So?

— So.

— Que melcorio!

Continue que hado tornar-se o moderno Faublas.

— Que heresia!

— Soçegue Cazuzá.

— Pois eu com a vida regular que tenho, morando so com meu caxorro, o *verdadeiro amigo* que a gente tem neste mundo, *porque tem bocca e não falla*, ainda ha o que dizer-se de mim?

— E que me diz daquella monina do becco do Seminario, na freguesia da Sé, sabida ha pouco do convento?

— Quem lhe disse isso?

— O que se faz nesta vida que não se vem a saber?

E V. hado conseguir, porque a The-roza, sua intermediaria, tem dedos para a cousa.

— Foi o diabo que me tentou.

— Ou V. que quer tentar a incaula rapariga, não se contentando com a que tem na ladeira do Pilar e com a mãe de seu filho, la na rua onde se tira *tingui* para matar peixe.

— Como sabem de minha vida!

— Tenha paciencia.

Eu sei que V. está em vespervas de saborcar o pastel. e que lhe faça bom paladar.

ANNUNCIOS.

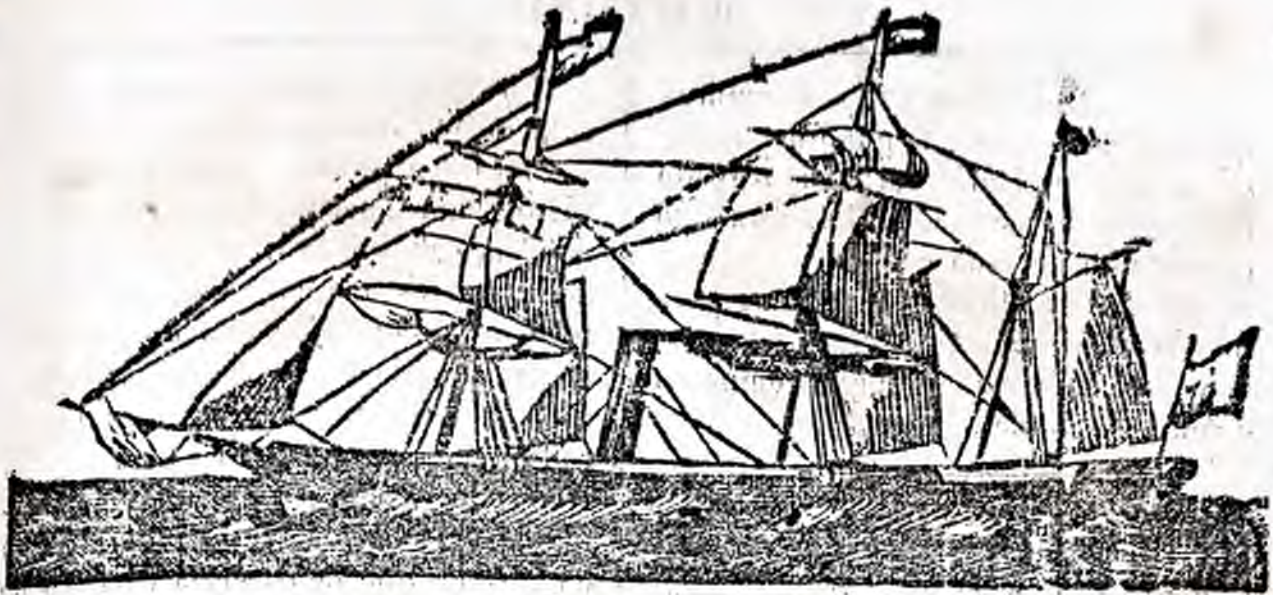
COSINHEIRA

Precisa-se alugar uma que seja deligente e acciada, prefere-se escrava, pague-se bem agradando — a tratar em S. Bento na casa unida ao collegio 2 de Dezembro.

No Trapiche 2.º Andrade precisa-se de trabalhadores.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives, loja n.º 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço o casa n. 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

29 DE FEVEREIRO DE 1868.

SERIE 34.—N. 331.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 4º andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de fevereiro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, enviando-lhe uma representação dos moradores da rua do Imperador, em que pedem que sejam collocados mais seis ou oito lampeões naquella rua, a principiar das propriedades da viúva Pereira de Carvalho em diante, e como semelhante pedido seja justo e razoavel, espera-se que S. Ex. se dignará attender.

— Um acto de philantropia que deve ser registrado.

— Para isso sempre estou disposto.

— A loja maçonica Perseverança, em Paranaguá, deliberou unanimemente que todo saldo de seus cofres será exclusivamente empregado em libertar escravos do sexo feminino, de qualquer cor que sejam, que não tenham mais de quatro annos.

— Em nome da liberdade, mande dirimir um voto de louvor e agradeci-

mento á loja Perseverança de Paranaguá, por tão sublime e humanitaria ideia.

— Sciento.

— Fallar franco, assim!

— Assim como?

— Como o Dr. Barboza ante-hontem na assembléa.

— O que disse?

— Que pleiteando uma eleição, era licito ao candidato *empregar qualquer meio* para triumphar.

— Ao menos, fallou sem cerimonia.

— Isso por dizer-se que o Sr. Dr. Drumond tinha se recommendado e a seus collegas em cartas escriptas com o papel marcado com a rubrica do *gabinete da presidencia*.

— Para dar mais força aos pasteis de nata.

— E o Sr. Drumond acrescentou, que o facto d'elle escrever em papel da presidencia se recommendando, não provava intervenção do governo na eleição.

— E eu o creio piamente.

— Que escreveu, como escreveria em outro qualquer papel.

— Tambem isso é verdade.

—Entretanto, que eu, seu empregado, si lançar mão de qualquer utensil de sua secretaria em meu proveito sem sua authorisação, V. Ex. dirá logo que abusei de sua confiança, valendo-mo do prestigio de seu nome para melhor alcançar o que quero!

—Rapaz, V. não sabe que comnosco a cousa muda de figura.

—Mentira . . . mentira mentira tres vezes mentira!

O *Diario da Bahia*, mentiu mentiu!

—V, está louco, rapaz?

—E' que não posso ver se faltar a verdade assim á luz meridiana. Pois o *Diario* dizer que nos dias de entrudo não houve alteraçõ na ordem publica!

Não ha quem não tenha sciencia das desordens havidas nas Portas da Ribeira, occasionadas pela estúpida brincadeira do entrudo.

Eu pelo menos fui testemunha de um tiroteio de palavras obscenas entre dous individuos nas Portas do Carmo. Foi uma descompostura solemne do parte a parte.

—E houveram outros muitos conflicts, alem deste.

Um inspector da freguezia da Sé molhou um guarda nacional do 6.º e como este o advertisse que tal não podia fazer, o homem irritou-so e gritou — *patife, não sabes que sou inspector?*

— Está um agente de policia brincando entrudo e provocando desordens.

— Dizer que á excepção de uma ou outra casa foi que brincou-so entrudo. Isto é de riso, creia.

Quem não sabe que em quasi todas as ruas jogavam agua em quem passava! O Sr. Dr. chefe de policia mesmo levou um formidavel banho na ladeira da Praça, no domingo á tarde, de onde pode colligir-se que transitou-se pelas ruas desta cidade sem o menor encommodo, como diz a noticia do *Diario*.

«A força publica apresentou-se em algum lugar onde o exigia o phrenesi de alguma familia arraigada aos uzos de seus avós.»

Ora rozas! Como se massa a paciencia do publico, assim!

Si a força publica apresentou-se em algum lugar, porque não se apresentou na Praça do Palacio, onde uma sucia de tambores emporcalhava a cara de todos os pretos que passavam, e S. Ex. de sua janella rindo-se por achar bonito aquella graça por elles praticada; porque não apresentou-se nas Portas do Carmo para agarrar os insolentes escravos do Sr. Firmino Pereira da Costa, que de parceria com um da viuva do Dr. Santos, reproduziam ahí a scena dos tambores?

Nem tanto! . . .

«Não consta que fosse desrespeitada a força publica. . .

—Pois ainda quer mais do que darem um banho no chefe de policia?

—Mas não molharam ao chefe de policia, foi ao Sr. Dr. Franklin Doria, que umas moças bonitas entrudaram.

—Isso é que ha de dizer o *Diario*!

— que apesar de ser pequena em numero soube cumprir o seu dever.

—Os proprios soldados de policia brincando entrudo, tambem é cumprimento de dever?

Ora pipocas.

— e apresentou-se sempre que a sua presença foi por ventura reclamada.

—O Sr. major Marinho, policiando a cidade, tomou seu banho em regra.

—E que pensa V., que tudo isso não foi *respeitar* o edital do chefe de policia e cumprir á risca a postura da letra A?

—Que duvida!

—V. tambem o que quer? Onde já so viu o caixeiro fallar mal do amo?

—Ao que vem isso?

—V. se faz esquerdo. Não sabe que o *Diario* é folha official.

—Ah! tem razão. A noticia é de encomenda.

—Chegou o *Guienne*?

—Hontem á tarde.

—Que noticias trouxe da corte?

— Vou ler o *Diario Fluminense* para V. Ex. ouvir.

— Va lá.

19 de fevereiro — Grave acontecimento vai dar-se no paiz em poucos dias com referencia á guerra.

Somos informados que o diplomata dos Estados-Unidos, acreditado na corte como ministro, o Sr. general Web, apresentara nota diplomatica desenvolvida ao nosso governo, sustentando e justificando a mediação amigavel para a conclusão da guerra, ou á recusa desta intervenção armada.

As consequencias deste facto as comprehenderá o leitor.

Mas, por que o governo se conserva para com o paiz, em tão absoluta reserva, chegadas as cousas a esse ponto?

Examinaremos isso.»

22 de fevereiro. — Graves são as circumstancias do paiz, e tempestade se desenvolve nas regiões do poder—diziamos nós ante-hontem.

Assim é.

Na corte, hontem, era geral a circulação fundada da noticia de grave crise ministerial.

Causas accumuladas tinham afinal feito explosão, tornando absolutamente difficil harmonia ministerial com o poder neutro.

Os creados haviam offendido gravemente as regiões da casa imperial, e tinham por isso cabido no desagrado.

Haviam ousado recusar a aposentadoria com vencimentos ao mordomo da casa imperial ultimamente nomeado, aposentadoria com as honras de membro do supremo tribunal de justiça, e isto obrigara o poder neutro a despedir o mordomo de sua confiança.

A offensa fora grave; a reparação devia chegar opportunamente.

Conhecendo o erro, os ministros haviam querido emendar a mão. O da justiça procurara explicar em conselho o acto, e o real amo o atalbara energicamente, declarando-lhe, que não admittia discussão sobre negocios de sua casa.

Conheceram os ministros que estavam mal, porém a gravidade da situa-

ção da guerra fazia-os esperar a conservação por algum tempo mais.

A chegada, porém, do *Itapicuru* trazendo o grande acontecimento da exigencia do demissão do generalismo, como trabalho de torna viagem, veio agravar-lhes a situação.

Acerescera a recusa do sanção á carta de nomeação do Sr. Silveira Lobo para presidir esta provincia, acrescenta-se, e essas causas, unidas a outras, forçaram os ministros a fazer crise de intimidação, que não surtiro seus effeitos.

Isto occorrera na quarta-feira á tarde; reuniram-se em consequencia os ministros ante-hontem á noite na casa do Sr. presidente do conselho e depois na secretaria da agricultura, ahi demorando-se até tarde, e deixando de comparecer á sessão do conselho de estado.

O fim da reunião era pôr em difficuldade o *eleitor* dos ministros; mas os criados tinham profundamente desagradado a seu real amo; e o plano de intimidação nada produziu.

Em consequencia, affirmava-se hontem geralmente na corte, a crise estava declarada; o Sr. conselheiro Nabuco fôra chamado, mas recusara-se fazendo graves e leaes observações ao *eleitor* dos ministros; seguira-se o chamamento do Sr. conselheiro Paranhos.

Nisto ficavam as cousas hontem á noite.

Haverá ainda possibilidade de manterem-se os actuaes ministros?....

Nascêra o ministerio inconstitucionalmente, do mesmo modo devera morrer, como quasi todos os seus antecessores, e morrer no tempo do carnaval.

Entretanto as cousas da guerra estão mal, e os acontecimentos precipitam-se.

Não temos tempo de dizer mais.

A Providencia Divina vêle por este paiz...»

—Da guerra o que ha?

— Diz o mesmo *Diario*:

«O *Santa Cruz* e o *Itapicuru* trouxeram tristos noticias do exercito e da esquadra. Mas de onze mil doentes, a

maior parte graves, conta o exercito talvez!

A posição da esquadra é... não queremos dizer desesperada, mas seguramente muito difficil e arriscada.

Não o é menos a do exercito. O inimigo é informado absolutamente de todas as nossas difficuldades: grande perfidia, negrissima traição, empeiora de dia a dia a nossa situação na guerra!

A esquadra não pode forçar o Passo de Humaitá sem correr o perigo de aniquilar-se; retroceder é... muito e muito difficil e arriscado. O exercito está falho de *recursos de pessoal sufficiente e de material* para emprehender operações serias. O generalismo brasileiro faz ao governo um crime da deslealdade com que tem illudido o paiz, e no seu erro de tudo occultar, ahí o compromettendo e expondo ao descrédito, sem lembrar-se que é ó seu proprio descrédito que promove!... Por todas essas causas pediu, instou por sua demissão.

Essa foi a razão ostensiva da crise, Homtem *em conselho* resolveram, pelas difficuldades que elles mesmos crearam a um substituto *capaz o apto*, adiar a crise, e mandar expresso urgente ao generalismo instando-lhe que continue no commando, promettendo-lhe... o que não podem realizar!

E' esta a triste situação do paiz Si o governo é capaz que nos contrarie; nós so exigiremos então, em nome da honra nacional, que publique as communicações, *essencialmente officiaes*, que deve ter recebido do exercito e esquadra pelos transportes *Santa Cruz e Itapicuru*, recentemente chegados.

.....
— Basta: os dias passam, e os acontecimentos se precipitam: que não achem elles *á todos os brasileiros* descuidados e... indifferentes pela sorte desta pobre terra, que é nossa patria,

Acautellem-se: em nome da honra nacional e integridade do imperio o dizemos.

A PEDIDO.

— O *Diario* disse que este anno não heuve entrudo nem se deram cômflctos.

— Foi por ironia.

— Não Sr., asseverou com aquelle tom de gravidade magistral de que é susceptivel a folha official.

— E' porque o *Diario* não andou por ahí vendo o que se passou, para ver que nem o padre Manuelzinho, no desempenho de seu dever sacerdotal, revestido das insignias sagradas escapou na rua da Larangeira; que o Sr. major Marinho foi molhado, o recrutador e um cabo que anda de escolta policiando, e que na maioria das ruas o phrenesi chegou ao delirio, principalmente naquellas em que moram mulheres da *vida alegre*, como Taboão, Portas da Ribeira e Caes Dourado onde se atirava bexigas cheias de ourina e outras porcarias.

— Quanto a conflicts houveram bastantes.

— Não sei como o *Diario* ignora um em que esteve envolvido o subdelegado da Rua do Paço, onde houve ate cutiladas e *alguem* levou uma cabeçada em cheio, indo um homem amarrado como porco para á prisão.

— Tambem as cousas em nossa terra são assim: o Sr. Ignacio tinha acabado de levar uma formidavel bacia d'agua na rua do Paço, e calou a bocca; encontra o pobre voluntario da patria e quer se desferrar com elle por ser fraco.

— O subdelegado de S. Pedro tambem esteve n'uma alhada bem seria; onde se ouvia a voz de S. S. bradar — *negro!*... não sabes que sou o subdelegado e um capitão?

— E o que era?

— Um guarda nacional que preso queria ir para seu quartel.

— O Sr. Silva Reis mandou seus guardas para a Correção por inflingirem o edital da policia. Na Rua da Larangeira o creoulo Angelo deitava farinha do reino, sem olhar cara e por fim de contas com um canivete de mola fez proezas.

Os proprios mascaras atiraram em brulhos com farinha do reino, cal e labatinga e tiveram alguns desaguisados.

— A' vista de tudo isso está claro que o *Diario* quer fazer uma censura á policia, invertendo aquillo que está na consciencia de todos.